

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
CENTRO DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM TEOLOGIA**

MADÉLINE POZZEBON

**A ESPIRITUALIDADE DO DISCÍPULO MISSIONÁRIO
A PARTIR DO DOCUMENTO DE APARECIDA**

**CURITIBA-PR
2011**

MADLINE POZZEBON

**A ESPIRITUALIDADE DO DISCÍPULO MISSIONÁRIO
A PARTIR DO DOCUMENTO DE APARECIDA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia, Área de concentração: Espiritualidade, do Centro de Teologia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Clodovis Boff

**CURITIBA-PR
2011**

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central

P893e Pozzebon, Madeline
2011 A espiritualidade do discípulo missionário a partir do Documento de Aparecida / Madeline Pozzebon ; orientador, Clodovis Boff. -- 2011. 117 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2011
Bibliografia: f. 111-117

1. Comunidades eclesiais de base. 2. Espiritualidade - Igreja Católica.
3. Apóstolos. 4. Jesus Cristo - Ensinamentos. I. Boff, Clodovis. II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Teologia.
III. Título.

CDD 20. ed. – 262.26



Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Centro de Teologia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Teologia

ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO Nº. 029
DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE
MADLINE POZZEBON

Aos oito dias do mês de dezembro de dois mil e onze às quinze horas, reuniu-se na Sala de Defesa – Segundo Andar do Centro de Teologia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, a Banca Examinadora constituída pelos professores, Clodovis Boff, Luiz Balsan e Marcio Luiz Fernandes, para examinar a Dissertação da candidata, **Madline Pozzebon**, ingressante no segundo semestre de dois mil e nove, do Programa de Pós-Graduação em Teologia – Mestrado, Linha de Pesquisa: Teologia e Evangelização. A mestranda apresentou a dissertação intitulada: “A ESPIRITUALIDADE DO DISCÍPULO MISSIONÁRIO A PARTIR DO DOCUMENTO DE APARECIDA”. A candidata fez uma exposição sumária da dissertação, em seguida procedeu-se à arguição pelos membros da banca e após a defesa a candidata foi APROVADA pela Banca Examinadora, A sessão encerrou-se às 16 h 29 min. Para constar, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pelos membros da Banca Examinadora.

Membros da Banca:

Prof.Dr. Clodovis Boff

Presidente/Orientador.

Prof. Dr. Luiz Balsan

Convidado Externo

Prof. Dr. Marcio Luiz Fernandes

Convidado Interno.

CIENTE


Prof. Dr. Mário Antonio Sanches

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia- *Stricto Sensu*
PPGT - PUCPR

A todos que buscam realizar a experiência
do encontro com a pessoa de Jesus.

AGRADECIMENTOS

A Deus, sentido e razão da vida.

Ao professor e orientador Frei Clodovis Boff, pela dedicação, instrução e correção dessa pesquisa.

À comissão examinadora, pela atenção e contribuição para o enriquecimento desse trabalho.

Aos alunos do mestrado, por compartilharmos a vida e as experiências missionárias em comunidade.

À Congregação das Irmãs Ursulinas CJA, por possibilitar a concretização dessa pesquisa.

À minha família, que me ensinou a valorizar e a dar importância ao estudo.

Àqueles que na convivência com paciência, compreensão e diálogo contribuíram para a realização de tal trabalho.

“Tudo começa com uma pergunta: o que procuram? (Jo 1,38)”
(Documento de Aparecida, n. 244)

RESUMO

A ESPIRITUALIDADE DO DISCÍPULO MISSIONÁRIO A PARTIR DO DOCUMENTO DE APARECIDA

A presente pesquisa visa oferecer uma base para a compreensão do que é a espiritualidade do discípulo em sua práxis missionária e em sua dimensão de formação e ação, a partir do Documento de Aparecida (2007) complementado pelo Documento *Novo Millennio Ineunte* (2001). Para alcançar o objetivo proposto, o trabalho desenvolveu-se sob o método bibliográfico documental, o qual possibilitou elaborar as seguintes afirmativas: a espiritualidade do discípulo missionário é um modo de viver e praticar os ensinamentos e a vida do Mestre que é Jesus; quem segue a Jesus como discípulo partilha da sua vida, missão e destino; Jesus é o centro de sustentação para a realização do caminho discipular, por isso, ele mesmo constitui a espiritualidade do discípulo missionário; o discípulo que decide pelo seguimento de Jesus Cristo precisa instruir-se para crescer e amadurecer na prática discipular; verificou-se que tal instrução passa pelo nível da experiência do encontro pessoal com a pessoa de Jesus Cristo; essa experiência conduz ao conhecimento da dinâmica da vida trinitária, se fundamenta no amor e na prática da Palavra de Deus através da sua escuta e vida de oração e se nutre na participação e vivência eucarística; tal prática, ao tornar-se atitude de vida concreta, caracteriza a vida e a espiritualidade discipular missionária que em unidade com a Igreja constitui a comunidade eclesial gerando a vida da Igreja no mundo.

Palavras chaves: Espiritualidade. Jesus Cristo. Discípulo. Comunidade eclesial.

RIASSUNTO

LA SPIRITUALITÀ DEL DISCEPOLO MISSIONARIO PARTENDO DAL DOCUMENTO DI APARECIDA

La presente ricerca si propone di offrire una base per la comprensione di ciò che è la spiritualità del discepolo nella sua prassi missionaria e nella sua dimensione di formazione e azione, partendo dal Documento di Aparecida (2007) integrato dal Documento *Novo Millennio Ineunte* (2001). Per raggiungere l'obiettivo proposto, il lavoro è stato svolto con il metodo bibliografico documentaristico, che ha reso possibile elaborare le seguenti affermazioni: la spiritualità del discepolo missionario è un modo di vivere e praticare gli insegnamenti e la vita del Maestro che è Gesù; chi segue Gesù come discepolo condivide la sua vita, la sua missione e la sua meta; Gesù è il centro di sostegno per la realizzazione del cammino del discepolo, per questo egli stesso ha costituito la spiritualità del discepolo missionario; il discepolo che decide di seguire Gesù Cristo deve istruirsi per crescere e maturare nella pratica del discepolo; si è verificato che tale istruzione passa dal livello di esperienza dell'incontro personale con la persona di Gesù Cristo; questa esperienza porta alla conoscenza della dinamica della vita trinitaria, si fonda nell'amore e nella pratica della Parola di Dio attraverso il suo ascolto e la vita di preghiera e si nutre nella partecipazione all'Eucarestia e nel vivere in essa; questa pratica, nel diventare attitudine e disposizione di vita concreta, caratterizza la vita e la spiritualità missionaria del discepolo che in unione alla Chiesa costituisce la comunità ecclesiale generando la vita della Chiesa nel mondo.

Parole chiave: Spiritualità. Gesù Cristo. Discepolo. Comunità ecclesiale.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AA	- Decreto <i>Apostolicam Actuositatem</i>
AG	- Decreto <i>Ad Gentes</i>
CaIC	- Catecismo da Igreja Católica
CELAM	- Conferência Episcopal Latino-Americano
CNBB	- Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
DAp	- Documento de Aparecida
DGAE	- Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil
DV	- Constituição Dogmática <i>Dei Verbum</i>
EE	- Carta Encíclica <i>Ecclesia de Eucharistia</i>
EN	- Exortação Apostólica <i>Evangelii Nuntiandi</i>
GS	- Constituição Dogmática <i>Gaudium et Spes</i>
LG	- Constituição Dogmática <i>Lumen Gentium</i>
NMI	- Carta Apostólica <i>Novo Millennio Ineunte</i>
PUC	- Pontifícia Universidade Católica
SC	- Constituição Dogmática <i>Sacrosanctum Concilium</i>
VD	- Exortação Apostólica Pós Sinodal <i>Verbum Domini</i>

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 CONCEITO DE ESPIRITUALIDADE E A PROPOSTA DA IGREJA DIANTE DOS DESAFIOS DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	15
2.1 O QUE SE ENTENDE POR ESPIRITUALIDADE	16
2.2 ESPIRITUALIDADE E A CRISE DE SENTIDO	25
2.3 ESPIRITUALIDADE E AS INFLUÊNCIAS SOCIOCULTURAIS	30
2.4 ESPIRITUALIDADE E AS INTERFERÊNCIAS POLÍTICAS ECONÔMICAS	34
2.5 PROPOSTA DA IGREJA DIANTE DOS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS	38
3 ESPIRITUALIDADE DISCIPULAR: EXPERIÊNCIA, ENCONTRO COM JESUS CRISTO E SEGUIMENTO	42
3.1 ENCONTRO DO DISCÍPULO COM JESUS CRISTO	42
3.2 FÉ E DISCIPULADO	50
3.3 SER DISCÍPULO DE JESUS	56
3.4 DISCÍPULOS PELA EXPERIÊNCIA BATISMAL	65
3.5 COMPROMISSO BATISMAL E A AÇÃO NO MUNDO	70
4 HORIZONTES E PILARES QUE SUSTENTAM A ESPIRITUALIDADE DISCIPULAR	77
4.1 HORIZONTE ÚLTIMO DO MISTÉRIO TRINITÁRIO	78
4.1.1 A Trindade e a comunidade eclesial	80
4.1.2 A Trindade e a ação missionária	83
4.2 CONHECIMENTO DA SAGRADA ESCRITURA	86
4.3 A ORAÇÃO	90
4.4 PARTICIPAÇÃO NA EUCARISTIA	97
4.4.1 Eucaristia na vida pessoal e comunitária	99
4.4.2 Eucaristia e a ação missionária	102
CONSIDERAÇÕES FINAIS	107

1 INTRODUÇÃO

Na atualidade, discorrer sobre espiritualidade torna-se questão fundamental para o cultivo e formação da vida cristã. Essa pesquisa delimita-se a abordar o tema da espiritualidade do discípulo missionário por ser o discipulado a partir da pessoa de Jesus Cristo o eixo central da última Conferência Episcopal Latino-Americana e do Caribe, realizada no Brasil no ano de 2007.

Ao se fazer referência sobre o assunto espiritualidade abre-se um leque de ideias que refletem a realidade que envolve essa temática. No meio religioso muitos são os livros, CDs, DVDs e demais materiais que são ofertados para contribuir quanto à formação e maturação de uma espiritualidade pessoal. O Documento de Aparecida aponta a necessidade da formação de discípulos missionários para a caracterização de uma nova face de Igreja. Uma Igreja formada por fiéis que corajosamente anunciam e testemunham o Mestre Jesus Cristo e que por sua vida e palavras evangelizem o meio em que se encontram tornando-se verdadeiros discípulos missionários do Reino.

Na tentativa de esclarecer qual é a proposta de espiritualidade que a Igreja apresenta como possibilidade de resgate do sentido da vida daqueles que andam sem rumo, tomados pela desilusão, envoltos pelo relativismo, individualismo e indiferentismo é que se situa o objeto de estudo dessa pesquisa. Busca-se, aprofundar a espiritualidade do discípulo missionário a fim de contribuir com aqueles que buscam formar em si tal atitude e de concretizar a missão almejada pela Igreja. Para tanto, o objeto de pesquisa é a espiritualidade do discípulo missionário e os meios teóricos e práticos para fundamentar e alicerçar a práxis do discípulo missionário.

Aqui emerge o desafio para a Igreja tanto em âmbito universal quanto local: como ajudar as pessoas a encontrar e manter vivo um sentido pela vida? Como ajudá-las a desenvolver este sentido alicerçado numa espiritualidade que revigore diante das dificuldades da vida cotidiana? Como ajudar seus fiéis a cultivar uma espiritualidade embasada na pessoa de Jesus Cristo que propicie a não vacilar ou desacreditar da fé que um dia professaram pelo batismo para tornarem-se profetas e testemunhas da vida cristã? Como despertar o fiel para o discipulado que venha torná-lo um missionário na comunidade eclesial, na sociedade e no meio em que vive? Quais caminhos a Igreja aponta para seus fiéis para que possam realizar sua

experiência de encontro pessoal com Cristo e a partir desta possam ajudar a outras pessoas a reencontrar um sentido pela vida diante das dificuldades e dos desafios hodiernos?

Estas são questões desafiadoras para a Igreja. A presente pesquisa visa, a partir de Documentos da Igreja, especificamente, do Documento de Aparecida (2007), e de modo complementar, do Documento *Novo Millennio Ineunte* (2001), delinear horizontes para a formação da espiritualidade do discípulo missionário para uma ação evangelizadora permanente. Busca-se, ainda, de forma sucinta e direta apontar para a proposta de espiritualidade que a Igreja tem para oferecer a seus fiéis em tempos que demandam instrução, formação e espaço para realizar a experiência do encontro com o sagrado. Trata-se de refletir sobre o fato de que esta experiência não se limite pelo acontecimento em si, mas que a mesma possa se tornar objeto de transformação e engajamento do ser e do agir do fiel na vida comunitária, eclesial e social. De como esta possa tornar-se um meio de resgatar e oferecer um sentido à vida também daqueles que andam sem rumo, tomados pela desilusão, envoltos pelo relativismo, individualismo e indiferentismo. Que se encontram sem forças ou razões para amar a vida que foi oferecida como dom para ser vivida e compartilhada em plenitude e abundância comunitariamente, como existência e continuação da renovadora obra divina.

A realidade vislumbrada pelos fatores pós-modernos aponta uma busca maior pelo sentido e pelo espaço religioso. Esta busca, porém, não significa aprofundamento na essência e no conhecimento íntimo da realidade espiritual e suas influências para a práxis de uma vida cristã engajada na vida eclesial ou social. Estas questões tornam-se fundamentais quando abordadas no contexto da vida eclesial, a qual expressa necessidade de favorecer as pessoas uma formação adequada para uma espiritualidade sólida, cristocêntrica e discipular missionária. Este tema torna-se primordial em tempos em que a Igreja propõe qualificar seus métodos de ação e evangelização com renovado ardor ante a realidade que se apresenta fortemente deturpada e bombardeada por ofertas proclamadas milagrosas que prometem transformar a vida das pessoas, seja, nas dimensões financeira, mental e espiritual.

Com o Documento de Aparecida, a Igreja na América Latina, lançou o convite para a realização de uma Missão Continental, a qual, vem para despertar o sentido que todo fiel cristão é chamado a anunciar e testemunhar a pessoa e os

ensinamentos de Jesus Cristo onde ele se encontra, concretizando o envio proferido pelo Cristo aos seus apóstolos antes de sua ascensão. O Documento de Aparecida afirma “todos os membros da comunidade paroquial são responsáveis pela evangelização dos homens e mulheres em cada ambiente” (DAp, n. 171). Isso é um desafio para a própria Igreja que se torna responsável para favorecer este acordar e assumir de tal missão.

Abre-se então espaço para a discussão de que se o fiel cristão é chamado a ser testemunha de Jesus Cristo, tornando-se discípulo e por sua ação, conseqüentemente um missionário, isso requer que o mesmo também receba apoio, instrução e meios para sustentar a missão sem padecer ou desanimar. Por isso, a Igreja reconhece que “é necessário formar os discípulos numa espiritualidade da ação missionária, que se baseia na docilidade ao impulso do Espírito, à sua potência de vida que mobiliza e transfigura todas as dimensões da existência” (DAp, n. 284).

Este se torna o novo desafio para a Igreja: como formar os discípulos numa ação missionária que não venha desfalecer facilmente por falta de estrutura pessoal ou suporte eclesial? E mais, o que é viver nos caminhos do discipulado cristão uma espiritualidade que responda aos anseios da vida quotidiana e que esteja de acordo com a Palavra e a prática de Jesus Cristo? Que sentidos podem-se atribuir a ela? Quais são os caminhos apontados para o crescimento e amadurecimento da prática espiritual dos membros das comunidades eclesiais? Os questionamentos são interpeladores e o momento requer respostas e propostas concretas como meio de colaboração na formação e ação do discípulo missionário.

Na tentativa de delinear tais pistas que respondam aos anseios de nossos tempos, abordamos o Documento de Aparecida, documento atual que trata diretamente da realidade que nos afeta enquanto prática de vida cristã e eclesial. A partir do mesmo Documento, apontaremos possíveis saídas para a concretização da práxis de uma espiritualidade alicerçada na pessoa de Jesus Cristo, pois o discipulado não se encontra fora da realidade que vive a Igreja.

Para se chegar aos resultados almejados nessa pesquisa, realizar-se-á a pesquisa bibliográfica documental. Serão abordados diretamente documentos da Igreja, especificamente, o Documento de Aparecida e o Documento *Novo Millennio Ineunte* e autores que, de fato, contribuem nesta área a ser pesquisada como forma de diálogo na esfera do conhecimento da teologia dogmática prática. Utilizando tal método de pesquisa, este favorecerá para a concretização do roteiro proposto que

para melhor ser desenvolvido foi dividido em três capítulos precedidos de uma introdução.

O primeiro capítulo busca compreender o conceito de espiritualidade e as interferências que a mesma sofre a partir dos acontecimentos quotidianos. Por isso, contém uma explanação da realidade vigente contribuindo na compreensão dos efeitos que a mesma produz no agir da vida humana e como isso afeta a prática da espiritualidade cristã. Também é abordada a forma como essa mesma realidade interfere e questiona a ação da Igreja desafiando-a a apontar pistas de ação frente às novas expressões e vivência da espiritualidade na atualidade. Por fim, apresenta a necessidade de o discípulo missionário partir da pessoa e do projeto de Jesus Cristo para que ele o reconheça como princípio e fundamento da espiritualidade cristã.

No segundo capítulo objetiva-se identificar a espiritualidade do discípulo missionário e as exigências que essa traz para quem se faz discípulo de Jesus Cristo. Por isso, é abordado o tema da necessidade do discípulo crer na pessoa de Jesus e realizar a experiência pessoal com ele assumindo o compromisso batismal que torna a todos partícipes do seu seguimento e da missão evangelizadora no mundo. Ser discípulo de Jesus, crer na sua pessoa, realizar a experiência do encontro pessoal com ele assumindo o compromisso batismal é demonstração de uma vivência autêntica da espiritualidade cristã que testemunha a fé na pessoa de Jesus Cristo para o mundo.

O terceiro e último capítulo apresenta quatro horizontes que são pilares importantes para a sustentação da espiritualidade discipular. Esses são a comunidade trinitária, o conhecimento da Sagrada Escritura, a oração e a participação na Eucaristia. Os mesmos remetem para a necessidade de participação numa comunidade e são atitudes indispensáveis do discípulo, são frutos esperados na vida de quem opta por aceitar os compromissos do seguimento discipular. Portanto, o intuito é o de perceber qual a contribuição desses elementos na vida discipular missionária e sua colaboração para que a ação evangelizadora se torne uma realidade permanente na vida do discípulo.

Nota-se que o cultivo da espiritualidade para o discípulo missionário é parte integrante da vida e do processo da formação discipular. De fato, “hoje o encontro dos discípulos com Jesus na intimidade é indispensável para alimentar a vida comunitária e a atividade missionária” (DAp, n. 154). Por isso, o discípulo

missionário não pode abrir mão desse fator que o leva a perseverar com empenho no exercício missionário.

Por fim, a partir de tal reflexão pretende-se apontar pistas de ação para melhor responder às necessidades de nosso tempo. Espera-se reconhecer os avanços já realizados nesse campo e que certamente fortalecem a vida pessoal e comunitária das comunidades discipulares. Os desafios da atualidade sempre são sinais interpeladores que acompanham a prática da espiritualidade discipular. Almeja-se assim, identificar dificuldades e avanços e apontar um caminho que pode ser realizado na área da espiritualidade por todo discípulo que adere ao projeto de Jesus Cristo.

2 CONCEITO DE ESPIRITUALIDADE E A PROPOSTA DA IGREJA DIANTE DOS DESAFIOS DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Para iniciar a pesquisa sobre a espiritualidade do discípulo missionário a partir do Documento de Aparecida é mister situar-se a partir das circunstâncias que envolvem a realidade atual. O segundo capítulo do Documento citado trata especificamente desta questão e afirma que as transformações que acontecem no cotidiano interferem diretamente no modo de ser e de agir das pessoas (cf. DAp, n. 33). Logo, deve-se considerar que o discípulo missionário faz parte da realidade em que se encontra a sociedade atual e por isso experiencia seus efeitos quotidianamente.

O objetivo deste capítulo busca compreender o que se entende por espiritualidade, identificar algumas influências da sociedade contemporânea sobre a vida do discípulo missionário e apontar qual a proposta da Igreja diante dessa realidade. Considerando que tais influências afetam também a sua práxis de ação evangelizadora¹. Por isso, primeiramente abordar-se-á autores que conceituam o que é espiritualidade e depois serão apresentados alguns fatores que interferem na prática da espiritualidade do discípulo missionário. Isto será realizado sob a focalização de Documentos da Igreja e de autores que discorrem sobre o tema.

¹ Nessa pesquisa não será aprofundado o tema ação evangelizadora, apesar de esse ser pertinente. Para melhor compreensão do que é a ação evangelizadora recomenda-se a leitura de dois documentos do Concílio Vaticano II (1962-1965): a **Constituição Pastoral *Gaudium et Spes***, sobre a Igreja no mundo de hoje e do **Decreto *Ad Gentes***, sobre a Atividade Missionária na Igreja. Também contribui ricamente o Documento Pontifício: PAULO VI. ***Evangelii Nuntiandi***. Exortação Apostólica sobre a Evangelização no Mundo Contemporâneo. 6 ed. São Paulo: Paulinas, 1978. Outro documento sob o mesmo enfoque, mas com o olhar voltado para a realidade da América Latina é o Documento de Puebla (1979), o qual enfatiza que “a Igreja deve ter os olhos em Cristo quando se pergunta qual há de ser a sua ação evangelizadora” (PUEBLA, n. 1141). Destaca-se também o documento da **Congregação para a Doutrina da Fé. Nota Doutrinal sobre alguns aspectos da evangelização**. São Paulo: Paulinas, 2007. O número 2 deste documento nos diz que a evangelização “resume toda a missão da Igreja, porque toda a sua vida consiste em realizar a *traditio Evangelii*, o anúncio e a transmissão do Evangelho, que é ‘força salvadora de Deus para todo aquele que crê’ (Rm 1,16) e que em última essência se identifica com o próprio Cristo (cf. 1 Cor 1,24). (...) Compreende-se, então, como toda a atividade da Igreja tem uma essencial dimensão evangelizadora e nunca deve ser separada do compromisso para ajudar a todos a encontrar Cristo na fé, que é o objetivo primário da evangelização”. Em nível de contribuição da Igreja no Brasil encontram-se várias obras. Indica-se a coletânea dos Documentos da CNBB, especificamente, os números referentes às Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil. Segundo D. Odilo Pedro Scherer “vários são os passos e os modos de evangelizar: as diversas formas de serviço ao próximo e à sociedade, o diálogo cultural e religioso, o anúncio explícito do Evangelho e do patrimônio da fé cristã e de comunhão fraterna e eclesial” (SCHERER in: CNBB. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora**. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 8). Também contribui na compreensão deste tema o livro do teólogo Agenor Brighenti: **A missão evangelizadora no contexto atual. Realidades e desafios a partir da América Latina**. São Paulo; Paulinas, 2006. Nesta obra ele diz: “A missão só será uma verdadeira ação evangelizadora se tiver como ponto de partida o outro” (p. 5).

Pesquisar sobre a espiritualidade para uma ação evangelizadora na sociedade eclesial e extra eclesial a partir dos Documentos da Igreja e de outros autores possibilita conhecer qual é a posição e o pensamento concebido frente a esta temática; além de possibilitar compreender, especificamente, o que a Igreja propõe e espera da sociedade atual onde o discípulo missionário é chamado a testemunhar o sentido porque ele mesmo existe. Ou seja, ser testemunha da pessoa de Jesus Cristo, da experiência do encontro com ele que chama para testemunhar sua pessoa e seu projeto no meio contemporâneo.

Com o olhar voltado para o que a Igreja espera e deseja alcançar conjuntamente com seus fiéis espera-se contribuir, quanto à formação da espiritualidade do discípulo missionário, para uma ação evangelizadora em nossos tempos.

2.1 O QUE SE ENTENDE POR ESPIRITUALIDADE

Objetiva-se nesse primeiro ponto da pesquisa reunir definições sobre o tema espiritualidade. Ou seja, busca-se compreender o que é espiritualidade, especificamente no meio cristão, para depois pesquisar as influências que afetam a sua prática.

Ao pesquisar o tema proposto nota-se que apresentar apenas uma definição que expresse o que é espiritualidade é teoricamente impossível. Mas, foram pesquisados alguns autores que discorrem sobre o tema, os quais ajudam na compreensão do mesmo.

Não se pode falar de espiritualidade cristã sem mencionar a relação existente entre Deus e o ser humano. É dessa relação que nasce toda espiritualidade. “O encontro com Jesus é encontro com Deus porque é, efetivamente, encontro humano com o homem Jesus, que é a Palavra encarnada, através da qual Deus, o Pai, se comunica conosco, no Espírito e pela qual passa toda a comunicação com Deus” (CATÃO, 2009, p. 28). Pois, de Deus veio Jesus Cristo que em sua divindade se fez homem e por isso criou laços que não se podem desfazer. Essa fusão é

acompanhada da ação do Espírito Santo², através de toda pessoa que se decide por acolher tal dádiva, pois ele é o continuador da obra do Pai e do Filho.

Como explica Catão, a espiritualidade cristã encontra seu fundamento expresso na relação da Trindade com a pessoa. Tal relação envolve todo o ser da pessoa e exige como consequência um envolvimento concreto de ações que caracteriza sua expressão de fé. Por isso, a espiritualidade cristã não é um ato de expressão passiva de fé, mas atitude que se faz concreta através dos compromissos que a mesma exige. Catão comenta algumas das características da espiritualidade cristã.

A espiritualidade cristã, como nos mostra a Tradição, é a relação pessoal com Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, que é o Espírito de Jesus. Vida, portanto, pessoal, consciente e livre. É dom de Deus, acolhido na conversão, de que o Batismo é sinal eficaz. Desenvolve-se no seguimento de Jesus. Floresce na prática do amor, em que dizemos 'sim' ao Pai na docilidade ao Espírito (CATÃO, 2009, p. 89).

Nota-se que a espiritualidade cristã envolve disposição da parte da pessoa em aceitá-la e praticá-la como dom do próprio Deus. Por ser enraizada no Batismo, o qual é sinal eficaz de compromisso de fé, torna-a um sinal operante de graça, crença, adesão e testemunho da pessoa de Jesus.

Salvador, também apresenta a relação existente entre a espiritualidade cristã e a Trindade. Ele aclara que a espiritualidade cristã “é mais do que simples interioridade. É interioridade cristã, sede da Santíssima Trindade que habita, matéria dócil nas mãos do Pai que modela o homem segundo a imagem do Filho (Rm 8,29)” (SALVADOR, 1996, p. 166). Para Salvador a espiritualidade é o que envolve a vida divina e humana que se fundamenta na Trindade onde também acontece a conformação da vida humana segundo a pessoa e o projeto de Jesus Cristo.

Logo, tanto para Catão como para Salvador a espiritualidade cristã se fundamenta na relação da Trindade com a pessoa humana. Compreende-se que da relação que a pessoa estabelece com Deus surgem os compromissos da vida cristã

² Este é um ponto que mereceria atenção especial, de fato, o Espírito Santo é o agente de toda a espiritualidade (cf. DAp, 285). Porém, nesse estudo, foi optado por aprofundar a relação pessoal entre o discípulo e Jesus Cristo caminho, verdade e vida, conforme destaca o Documento de Aparecida (cf. DAp, n. 1).

estritamente ligados à pessoa de Jesus Cristo e impulsionados pela ação do Espírito Santo.

Por ser “definida como acolhimento de Deus em Jesus, a espiritualidade cristã é uma espiritualidade do encontro pessoal” (CATÃO, 2009, p. 28). Assim ela não é baseada em ideias ou fatos abstratos, mas quem quer vivê-la deve conscientizar-se que “ser imagem de Cristo é aspecto essencial do homem espiritual” (SALVADOR, 1996, p. 166). Viver a espiritualidade cristã é deixar-se modelar pelo modo de vida, palavras e ensinamentos de Jesus. Por isso, supõe-se que praticar a espiritualidade cristã é colocar-se a caminho para o crescimento espiritual. Viver segundo o jeito de Jesus é aceitar dispor a vida num processo contínuo de transformação.

Para que esse processo de transformação seja favorável ao crescimento espiritual Salvador aponta a necessidade da pessoa estabelecer para si mesma um ideal de vida para ser alcançado no viver quotidiano. Ele diz:

Ao falar de crescimento cristão, referimo-nos à evolução íntima do homem. Não basta que se dêem algumas mudanças de conduta, ou que alguns meios sejam substituídos por outros mais adequados. Para que haja verdadeiro progresso espiritual, não basta que haja movimento contínuo. É preciso que exista um ideal ou uma meta que torne o homem superior e melhor à medida que ele se aproxima dela. Do ideal que colocarmos como meta dependerá a direção e os meios do caminho (SALVADOR, 1996, p. 452).

Desse modo, para acontecer crescimento, amadurecimento e envolvimento, segundo a espiritualidade cristã, há de se assumi-la como compromisso de vida. Considera-se que a mesma se faz notar a partir do grau de envolvimento que a pessoa demonstra através do seu agir quotidiano. A espiritualidade cristã não é um fator pronto que se adquire de um momento para outro, mas é um processo contínuo de relação que se constrói durante as várias etapas do desenvolvimento humano e sua relação com Deus.

Segundo a abordagem dos autores citados é possível obter melhor compreensão da expressão espiritualidade em seu sentido cristão. Sabe-se pela história que há variações quanto à compreensão do termo conforme religião, cultura,

isso sem mencionar as transformações que ocorrem quotidianamente na sociedade as quais também ocasionam interferências na prática da espiritualidade³.

Por isso, com o auxílio dos autores Giancarlo Rocca e Jean Leclercq⁴ é possível compreender um pouco dessas variações pelas quais a espiritualidade cristã passou enquanto seu sentido de compreensão. Rocca, explica como se compreendia a espiritualidade no contexto de vida consagrada, porém, tais características eram atribuídas para todos na dimensão espiritual da vida cristã na história da Igreja. Ele diz que ao se falar em espiritualidade

os antigos sublinhavam de preferência aspectos mais humildes e mais particulares, como o temor a Deus, a resistência às tentações, o desejo de salvar a própria alma, de fugir do mundo, o cuidado com o coração, a atenção a si próprio, a renúncia à própria vontade (ROCCA, 1997, p. 1).

Aqui se percebe a tendência em conceber a espiritualidade como algo primeiramente pessoal para então conseguir alcançar a esfera da dimensão espiritual. Transparece particularmente a preocupação com o que é vivido em nível pessoal e a sorte sobre o fim da vida.

Diante da diversidade de conceitos em conceber o que é espiritualidade, Rocca afirma que “disso resulta a dificuldade da precisão, seja do conteúdo do termo espiritualidade, seja da modalidade concreta para difusão na história” (ROCCA, 1997, p. 1). Porém, isso não foi empecilho para o desenvolvimento da mesma. O fato de o conceito ser concebido sob forma ampla contribuiu e ainda contribui para o seu florescimento. Tal florescimento se deu devido o surgimento de muitas escolas de espiritualidade, mas Rocca não se detém a discorrer sobre elas. Ele apenas menciona como eram concebidas as grandes linhas que identificavam a vivência da espiritualidade cristã.

³ “Todas as religiões do mundo possuem uma espiritualidade e alimentam a vida espiritual de seus adeptos através de seus ensinamentos, ritos e tradições. No decurso dos séculos, as várias espiritualidades religiosas desenvolveram-se e sofreram mudanças de acordo com a evolução da cultura e da civilização” (SCHLESINGER; PORTO, 1982, p. 105).

⁴ As citações correntes dos autores: Rocca e Leclercq estão transcritas livremente do italiano para o português pela autora deste texto. Os textos citados encontram-se na obra: **Dizionario Degli Istituti di Perfezione**. Diretto da Guerrino Pelliccia e Giancarlo Rocca. IX volume. Roma: Edizioni Paoline, 1997. 1960 p.

Ele diz que “sobre o aspecto histórico, fazia-se a distinção de uma espiritualidade da vida quotidiana comum a todos, de uma espiritualidade do clero, de uma espiritualidade da virgindade e depois do monaquismo” (ROCCA, 1997, p. 1). Era sob essa significação que a prática da espiritualidade era entendida. Sendo que todas partem de um ponto em comum, ou seja, que “se nutrem na mesma fonte: na Bíblia, na liturgia, nos sacramentos” (ROCCA, 1997, p. 2). Esses três alicerces ainda são base de sustento da espiritualidade independentemente da escola com que a mesma venha a se identificar.

Sobre o conceito do termo espiritualidade na Antiguidade, Jean Leclercq diz:

A palavra *spiritualitas* não se encontra nos escritos patrísticos dos primeiros séculos nem nas antigas versões da Bíblia. Mas, no início do século V, foi utilizada por Pelágio (+ 423-9), com um significado que pode ser considerado definitivo, em um texto que foi por longo tempo atribuído a S. Jerônimo. Trata-se de uma vida conduzida conforme a inteligência espiritual da Escritura e da Lei de Deus, com a graça recebida no batismo (LECLERCQ, 1997, p. 5).

A partir desse conceito, adentra-se para uma nova concepção do termo espiritualidade. Isto porque aborda o tema da vida conduzido segundo a Palavra de Deus e a graça recebida no batismo.

Leclercq aponta que esta “expressão é inspirada em São Paulo: esta serve para falar da ‘vida espiritual’, no senso paulino, da fórmula de uma vida segundo o Espírito, a qual implica renúncia ao pecado e esforço para aproximar-se de Deus” (LECLERCQ, 1997, p. 5). Com a argumentação deste conceito, unem-se os dois princípios que acompanham a vida humana espiritual que é a graça recebida no batismo como força espiritual que fortalece o esforço humano para manter-se sob a graça de Deus.

Para Leclercq, a compreensão do termo espiritualidade, no período que compreende “o século IX ao XI se indica sempre como realidade e atividade que não provém da natureza humana, mas da graça do Espírito Santo, presente no homem; em outras palavras, a espiritualidade provém da vida sobrenatural” (LECLERCQ, 1997, p. 5). Esse foi um período que se afirmou fortemente que a vida espiritual é graça divina concedida pelo dom do Espírito. Foi nesse período que houve um forte movimento que desconsiderava em grande parte, o que se referia às contribuições

da natureza humana à vida espiritual a qual também acompanha e contribui para a formação da espiritualidade.

Outro modo de concepção do termo espiritualidade é “seu significado religioso antigo, o termo *spiritualitas* é às vezes associado ou equivalente a fórmulas como: ‘piedade afetiva’ ou ‘vida interior’” (LECLERCQ, 1997, p. 5). A partir desse conceito ocorreu uma mudança no sentido e compreensão do termo.

Assim teve início uma nova expressão do conceito da vida de espiritualidade. “A partir do século XVII, o termo foi freqüentemente usado para designar o relacionamento afetivo com Deus” (LECLERCQ, 1997, p. 6). A dimensão afetiva começa a ser valorizada no que diz respeito à experiência do encontro com Deus.

O próprio Jesus ensinou este modo de relacionar-se com Deus sob a imagem carinhosa de um pai. Ele mesmo se retirava para estar a sós com o Pai para orar (cf. Mt 14,23; Lc 9, 28-29; Lc 11,1). E ainda, ele se referia a Deus como o Pai que está no Céu e que olha por todos (cf. Mt 6, 6-10; Mt 18,10; Lc 21,18). Essas atitudes de Jesus expressam o modo afetivo que ele tinha de se relacionar com Deus.

Assim a experiência do encontro com Deus tornou-se a marca profunda e essencial para o processo de desenvolvimento da vida e da espiritualidade cristã. Esta experiência do encontro toca o profundo do ser da pessoa e a conduz a transformação da própria vida. Na Bíblia encontramos tais exemplos com Moisés (cf. Ex 3,1-15), Isaías (cf. Is 6,1-13), Jeremias (cf. Jr 1,1-19), João Batista (cf. Lc 1,41-44; Mt 3,13-17), Nicodemos (cf. Jo 3,1-21), Zaqueu (cf. Lc 19,1-10), Madalena (cf. Lc 8,2; Jo 19,25-27; Jo 20,1-18) Paulo (cf. At 9,1-19). Após a experiência do encontro, eles iniciaram um novo processo de vida comprometido com Deus, com a pessoa de Jesus e seu projeto.

Não somente antes ou no tempo de Jesus encontramos exemplos concretos de mudança na vida das pessoas. Mas no decorrer do tempo, pessoas se destacaram pela busca em saciar o grande desafio do encontro pessoal com Deus. “A idéia de relação pessoal com Deus se encontra expressa no termo espiritualidade nos escritos de São Francisco de Sales, de escritores da Companhia de Jesus, de Beneditinos” (LECLERCQ, 1997, p. 6), além de outros que poderiam ser citados. Estes deixaram expressos possíveis caminhos práticos para alcançar e concretizar esse desejo. Foram grandes místicos de seu tempo que se destacaram na história da composição de diversas escolas de espiritualidade que contribuem até os dias

atuais na realização da experiência do encontro com Deus, a qual leva ao encontro com o próximo.

Leclercq também aponta que o termo espiritualidade, “com o significado de vida interior, de vida segundo o Espírito Santo, conheceu certo declínio no século XVIII (Bossuet dizia que os gostos eram extremamente bizarros) até o final do século XIX” (LECLERCQ, 1997, p. 6). Em resposta a esse período, no que concerne a expressões da espiritualidade na história da Igreja, afloraram grandes manifestações de devoção que como resposta a tal declínio, marcaram fortemente o período através de manifestações espirituais tanto no sentido pessoal como eclesial⁵.

Quanto ao século XX surgiram outras formas de valorização e manifestação da espiritualidade que contribuíram tanto para a concepção do conceito como, também, na compreensão e vivência da mesma.

Em 1917 surge o *Manuel de spiritualité*, de A. Soudreau e em 1918 o primeiro volume de *La spiritualité chrétienne*, de P. Pourrat; *La vie spirituelle, ascétique et mystique* em 1919; a *Revue d'ascétique et de mystique*, fundada em 1920 e que em 1972 assumiu o título de *Revue d'histoire de la spiritualité* (LECLERCQ, 1997, p. 6).

Tais obras contribuíram significativamente na conquista de espaço na área da espiritualidade. Também caracterizavam uma nova época que a sociedade adentrava manifestando maior liberdade tanto na literatura como na expressão dos sentimentos na dimensão da espiritualidade.

Outro marco na história da espiritualidade no século XX foi o surgimento da espiritualidade da libertação. Na Igreja, na América Latina, seu auge se deu nas décadas de 1970-1980. Para Galilea são muitos os fatores que contribuíram para o surgimento da mesma. Ele cita,

⁵ Podemos citar a devoção ao Sagrado Coração de Jesus que fará com que o século XIX seja conhecido como o “século do Sagrado Coração de Jesus” devoção inspirada pelo próprio Jesus a Margarida Maria Alacoque. Esse é um exemplo concreto de reação espiritual através da devoção que fez com que a dimensão espiritual nas pessoas fosse renovada (cf. Congregação das Irmãs Ursulinas CJA. Trabalho Anual, 2011, p. 84).

a busca de uma espiritualidade a partir do pobre, o interesse pela cultura religiosa popular, o enriquecimento do tema da libertação com uma 'espiritualidade da libertação' ou de encarnação da fé na realidade latino-americana, o renascimento do tema tradicional da contemplação e da experiência de Deus em função do contexto atual, a emergência dos grupos de oração (ou seja, de renovação no Espírito Santo) e a busca de muitos militantes que procuraram reencontrar o sentido dos sacramentos, particularmente da eucaristia e da penitência (GALILEA, 1985, p. 6).

Essas características eram profundamente novas. Era um jeito novo de viver a espiritualidade a partir da observância da realidade social. Como outras que surgiram também essa contribuiu no amadurecimento e compreensão do que é viver a espiritualidade cristã.

Por fim, para compreender a definição do termo espiritualidade, sem delimitar-se a uma ou outra corrente de espiritualidade citamos O. Van Asseldonk, ele diz que “a palavra sempre significou o conteúdo de toda vida espiritual como doutrina e como prática” (ASSELDONK, 2003, p. 253). A espiritualidade, então, é designada como elo que une a vida espiritual com a doutrina e com a prática que a pessoa exerce. Duas características que não podem se separar no exercício da espiritualidade, pois a doutrina existe para nortear a vida espiritual e a prática é a ação concreta da dimensão doutrinal espiritual.

Para Bruno Secondin e Tullo Goffi falar do significado de espiritualidade é falar das numerosas expressões que designam seu significado. Eles explicam:

por isso, falar de espiritualidade ou de experiência espiritual, ou de vida espiritual, de caminhos do Espírito, ou de caminho para a santidade e a perfeição: todas expressões que são usadas neste âmbito (alguém ainda acrescentará 'ascética e mística') – significa falar da vida cristã que se desenvolve, se consolida até a maturidade, seja segundo as leis do crescimento antropológico e psicológico, seja segundo os ritmos do mistério da graça (SECONDIN; GOFFI, 1994, p. 14).

Com efeito, a espiritualidade é uma dimensão que envolve toda a vida humana. Ela se desenvolve juntamente com as fases da vida e se fortalece pela graça divina que é mistério que se dá a revelar. Por ser graça é um dom concedido a todos sem medida ou distinção.

Nesse mesmo sentido, a V Conferência Latino Americana e do Caribe (2007) também apresenta como se forma e se desenvolve a espiritualidade no cotidiano. Através do Documento de Aparecida, ela nos diz que a espiritualidade é movida pelo Espírito o qual estimula cada pessoa a viver segundo o estado de vida em que se encontra. Esse mesmo Espírito é quem leva a percepção das necessidades do mundo e conscientiza para o compromisso de transformar as realidades mais sofridas que clamam por auxílio.

Quando o impulso do Espírito impregna e motiva todas as áreas da existência, então penetra também e configura a vocação específica de cada pessoa. Assim se forma e se desenvolve a espiritualidade própria de presbíteros, de religiosos e religiosas, de pais de família, de empresários, de catequistas etc. Cada uma das vocações tem um modo concreto e diferente de viver a espiritualidade, que dá profundidade e entusiasmo para o exercício das tarefas. Dessa forma, a vida no Espírito não nos fecha em intimidade cômoda e fechada, mas sim nos torna pessoas generosas e criativas, felizes no anúncio e no serviço missionário. Torna-nos comprometidos com os reclamos da realidade e capazes de encontrar nela profundo significado em tudo o que nos cabe fazer pela Igreja e pelo mundo (DAp, n. 285).

Por isso, analisando as colocações pesquisadas considera-se que a espiritualidade é muito mais que uma doutrina a ser pregada e aprendida. É uma questão de experiência no Espírito o qual move a pessoa para a prática de vida. Tal prática se caracteriza pela percepção e ação quanto às necessidades que clamam por ajuda no cotidiano. Logo, a espiritualidade suscitada pela experiência do Espírito não permite que a pessoa se feche em si mesma, numa vida de comodidade interior a qual resultaria numa espiritualidade intimista. Pelo contrário, desperta para o serviço missionário, generoso e oblativo pelo mundo e pela Igreja, como cita o Documento.

Essa união entre o Espírito e a necessidade de ação pessoal que é resultado da inspiração do próprio Espírito, é sublinhada por D. Pedro Casaldáliga ao afirmar que “o Espírito é quem sabe disso. Ele é quem ensina a quem queira entrar em sua escola, gratuita e amorosa. (...) Ninguém pode substituir o Mestre, que é o Espírito de Deus, nem o discípulo ou discípula, que é o espírito da gente” (CASALDÁLIGA, 2003, p. 13). Assim, a ação do Espírito inspira a ação pessoal que por sua vez dá consistência a toda forma de espiritualidade.

Logo, considerando a espiritualidade um fator comum que se desenvolve no ordinário da vida, torna-se oportuno pesquisar as influências que o viver cotidiano exerce sobre o desenvolvimento e exercício da mesma.

2.2 ESPIRITUALIDADE E A CRISE DE SENTIDO

Nesse segundo ponto serão abordadas algumas questões apontadas pelo Documento de Aparecida que influenciam o agir cotidiano das pessoas e por isso acabam por afetar o modo de realizar a experiência e a prática da espiritualidade do cristão. Pois, a vida cotidiana envolve todo o ser e o agir da pessoa.

O Documento de Aparecida nos apresenta claramente uma abordagem ampla da realidade em que vivem os povos da América Latina. Frente a essa realidade, o mesmo, afirma que “como discípulos de Jesus Cristo, sentimo-nos desafiados a discernir os ‘sinais dos tempos’, à luz do Espírito Santo, para nos colocar a serviço do Reino, anunciado por Jesus, que veio para que todos tenham vida e ‘para que a tenham em plenitude’ (Jo 10,10)” (DAP, n. 33). É a voz da Igreja na América Latina que conscientiza sobre a necessidade de percepção e ação segundo os desafios do tempo presente e da necessidade dos discípulos de Jesus Cristo colocar-se a serviço do Projeto do seu Reino para que haja vida digna para todos na sociedade em que se encontram.

O Papa Bento XVI, na Exortação Sinodal *Verbum Domini*, convida para que “à luz das palavras do Senhor, reconheçamos, pois os ‘sinais dos tempos’ presentes na história, não nos furtemos ao compromisso em favor de quantos sofrem e são vítimas do egoísmo” (VD, n. 100). Perceber os sinais dos tempos é o grande apelo da Igreja para que, conforme as realidades se transformem os discípulos possam corresponder deixando-se iluminar pela Palavra do Senhor.

A respeito de discernir os sinais dos tempos, o teólogo Agenor Brighenti diz que esses “enquanto sinais interpeladores, os sinais dos tempos são instâncias de novos desafios, e como não se tratam de sinais eclesiais, mas históricos, apresentam-se como desafios, tanto à Igreja como à sociedade” (BRIGHENTI, 2004, p. 11). Não é somente a Igreja, enquanto instituição religiosa, que é desafiada a entender e a apontar pistas de ação no contexto em que se encontra. A sociedade

em si também está incluída neste desafio e sente-se pressionada a responder aos desafios que a interpela por ser propagadora de novas ideias.

Os desafios da atualidade são apontados a partir das considerações sobre as grandes mudanças que estão acontecendo e que afetam a todos de forma global. “A recente virada de milênio, sem dúvida, coincide com um tempo de profundas transformações” (BRIGHENTI, 2004, p. 15). Tais transformações se percebem de forma variada e nas diferentes realidades sociais.

O Documento de Aparecida cita a ciência e a técnica, em primeiro lugar, como fomentadoras das grandes transformações. Essas também são apontadas pelo progresso que ocasionam quanto à manipulação genética⁶. Ainda, a diversidade de possibilidades de contatos virtuais em rede pública e privada fez a comunicação tornar-se rápida, precisa e eficiente, possibilitando-nos contatos com os mais diversos lugares do planeta e com um número diversificado de pessoas (cf. DAp, n. 34).

Da parte da Igreja não se identificam reprovações quanto ao progresso da sociedade. Agenor Brighenti diz que “antes de tudo, com olhos de fé, estamos desautorizados a olhar para a história com uma visão catastrófica, como profetas de calamidades. Isto equivaleria a sermos incapazes de aprender da história, a não aceitar a história” (BRIGHENTI, 2007, p. 29). A Igreja não reprova, mas alerta: “essa nova escala mundial de fenômeno humano traz conseqüências em todos os campos de atividade da vida social, impactando a cultura, a economia, a política, as ciências, a educação, o esporte, as artes e também, naturalmente, a religião” (DAp, n. 35). A preocupação que a Igreja demonstra é com os novos sentidos e rumos que essas mudanças ocasionam à vida das pessoas. No caso, os rumos desconhecidos que as pessoas adotam para expressar sua espiritualidade, seja dentro da Instituição Igreja, seja fora dela.

Com este alerta, a Igreja na América Latina, através do Documento de Aparecida, quer conscientizar de que as transformações da atualidade ocasionadas pela ciência e pela técnica impactam a vida das pessoas. A reação ao impacto a essas transformações interessa à Igreja porque é a partir delas que as mesmas redirecionam suas vidas em todas as suas dimensões.

⁶ Para maiores informações sobre este assunto, genética, verificar: SANCHES, M. A. **Brincando de Deus**. Bioética e as marcas sociais da genética. São Paulo: Ave Maria, 2007.

Interessa-nos, como pastores da Igreja, saber como esse fenômeno afeta a vida de nossos povos e o sentido religioso e ético de nossos irmãos que buscam infatigavelmente o rosto de Deus, e que, no entanto, devem fazê-lo agora desafiados por novas linguagens do domínio técnico, que nem sempre revelam, mas que também ocultam o sentido divino da vida humana redimida em Cristo (DAp, n. 35).

Sob este parecer, o Documento de Aparecida aponta duas realidades. Uma é a interferência das linguagens do domínio técnico porque este nem sempre manifesta o sentido da redenção de vida oferecida por Jesus Cristo a todo ser humano⁷. A outra é o sentido incessante da busca pelo rosto de Deus. Tal afirmação também é refletida por outros autores citados a seguir.

José Comblin, em seu livro “Os desafios da cidade no século XXI”, afirma: “Na América Latina há uma verdadeira explosão religiosa. Muitas Igrejas, seitas e religiões novas fazem sucesso e conquistam milhares e até milhões de membros” (COMBLIN, 2002, p. 13). Neste mesmo sentido, Agenor Brighenti, também faz sua afirmação ao falar sobre as mudanças que estão acontecendo na dimensão religiosa⁸.

Hoje, assistimos à irrupção do religioso. Cresce a preocupação com o sentido e o cultivo da sensibilidade; a espiritualidade também está em evidência e ascensão. O fenômeno do ateísmo militante recua a cada dia e experiências religiosas de toda índole povoam nosso cotidiano (BRIGHENTI, 2007, p. 6).

Isso é uma realidade visível e incontestável. Diante desse fenômeno de busca por experiências religiosas e pelo espaço religioso a CNBB faz seu alerta sobre “a tendência à inversão de sentido da experiência religiosa” (DGAE, 2008, n. 39) que se percebe na sociedade. A CNBB explica que o sentido da experiência religiosa está se voltando para uma “ótica utilitarista, por oferecer bem-estar interior, terapia ou cura de males, sucesso na vida e nos negócios” (DGAE, 2008, n. 39). Ofertas

⁷ Este sentido da redenção de vida oferecido por Jesus Cristo pode-se encontrar de forma sintética e clara no Catecismo da Igreja Católica, especificamente nos pontos 651-655. Onde fala sobre a vida nova oferecida por Jesus Cristo por sua morte e ressurreição.

⁸ Neste mesmo sentido pode-se também consultar outra obra de Agenor Brighenti: **A missão evangelizadora no contexto atual**. Realidades e desafios a partir da América Latina. São Paulo: Paulinas, 2006.

que não passam de novidades passageiras que procuram satisfazer o vazio existencial que assalta a vida em nossos tempos.

Consciente da complexidade⁹ que a sociedade vive, a Igreja diz que ela não tem respostas prontas a tudo o que se apresenta no momento. Na sua simplicidade diz que “isso nos tem ensinado a olhar a realidade com mais humildade, sabendo que ela é maior e mais complexa que as simplificações com que costumávamos vê-la em passado não muito distante” (DAp, n. 36). A Igreja reconhece que cada vez mais a missão de ajudar as pessoas nas necessidades que elas apresentam se torna um desafio. E isto especialmente na dimensão religiosa e espiritual.

O que surpreende é que mesmo acontecendo este fenômeno de busca e ofertas variadas no âmbito religioso, as pessoas, na sua grande maioria, parecem não encontrar o que as satisfaça e “neste novo contexto social, a realidade para o ser humano se tornou cada vez mais sem brilho e complexa” (DAp, n. 36). O Documento de Aparecida justifica esta realidade dizendo que a quantidade de informação que as pessoas recebem, mesmo que numerosa, não é suficiente para ajudá-las no exercício da sua vocação, na prática da sua espiritualidade ou na experiência do encontro com Deus (cf. DAp, n. 36).

Para a CNNB, nesse caso, “a religião deixa de ser pensada e vivida como uma forma de reconhecimento, adoração e entrega ao Criador, obediência na fé, serviço a Deus e vivência comunitária” (DGAE, 2008, n. 39), características próprias da vida da comunidade cristã. Por isso, se percebe que a falta de um encontro pessoal com Deus é que está deixando as pessoas com a sensação de frustração e vazio.

O Documento de Aparecida descreve que esta dificuldade que as pessoas estão encontrando resulta da própria dificuldade de assimilar as informações que chegam até elas de forma numerosa, porém, fragmentadas (cf. DAp, n. 36). A consequência é que “quando as pessoas percebem essa fragmentação e limitação, costumam sentir-se frustradas, ansiosas, angustiadas” (DAp, n. 36). Sintomas fortemente constatados na vida da sociedade deste século.

⁹ O autor Edgard Morin em seu livro **Educação e complexidade**. Os sete saberes e outros ensaios, diz que “o desafio da complexidade reside no duplo desafio da religação e da incerteza. É preciso religar o que era considerado como separado. Ao mesmo tempo, é preciso aprender a fazer com que as certezas interajam com a incerteza” (MORIN, 2002, p. 61). Assim, o autor apresenta um jeito novo de compreensão sobre complexidade, a qual, para ele, já não é empecilho para o desenvolvimento da vida ou mesmo para a compreensão da realidade que se apresenta. Morin defende a ideia de que o complexo impede o reducionismo na compreensão e vivência das coisas.

Diante dessas explicações, o Documento de Aparecida considera que nosso tempo vive certas crises. O texto não aborda diretamente as diversas crises que podem ser enumeradas hoje, mas apenas aponta a crise do sentido religioso.

Muitos estudiosos de nossa época sustentam que a realidade traz inseparavelmente uma crise de sentido. Eles não se referem aos múltiplos sentidos parciais que cada um pode encontrar nas ações cotidianas que realiza, mas ao sentido que dá unidade a tudo o que existe e nos sucede na experiência, e que os cristãos chamam de sentido religioso (DAp, n. 37).

É o sentido religioso que dá unidade a todas as dimensões da vida humana. Se este se encontra em crise compreende-se o porquê das pessoas hoje se sentirem facilmente insatisfeitas, frustradas, ansiosas e angustiadas.

Sendo o sentido religioso aquele que desenvolve e fortifica as dimensões da vida de cada pessoa, deve-se observar o que está se passando já que o mesmo não está correspondendo com sua função na vida das pessoas. O Documento de Aparecida aponta a dificuldade do cultivo e transmissão das tradições religiosas como um fator que está dificultando a continuidade do cultivo da vida espiritual segundo os costumes e tradições do povo da América Latina (cf. DAp, n. 37).

Essa dificuldade de cultivar e transmitir os valores religiosos está afetando inclusive a prática e transmissão das devoções populares. Sabe-se que na cultura latino-americana e caribenha a devoção popular contribuiu significativamente para a formação do sentido religioso¹⁰.

Por isso o Documento de Aparecida segue descrevendo como esta realidade também começa a ser afetada. As devoções populares, antes transmitidas de geração para geração, hoje encontram certa dificuldade na continuidade deste processo. As numerosas informações recebidas simultaneamente estão interferindo na transmissão e educação da fé. Antes, a família era o elo de união das pessoas e favorecia esta transmissão. Agora, também ela encontra dificuldades de realizar este

¹⁰ Concretamente temos como exemplo na contribuição da formação do sentido religioso a devoção mariana. Pois, essa colabora na missão de conscientizar sobre a filiação adotiva recebida de Deus. Sobre esse tema encontramos fontes em Rm 8,15; Ef 1,4-5 e Gl 4,4-5 conforme consulta em: **CHAVE BÍBLICA**. Adoção. Sociedade Bíblica do Brasil. São Paulo Casa, 1992, p. 17. Para maior compreensão também se indica o **Catecismo da Igreja Católica**. 3ª Ed. São Paulo: Vozes, 1993, n. 456-460; 654. Também uma aprofundada contribuição sobre a história e devoção mariana na América Latina encontra-se em: BOFF, Clodovis. **Mariologia Social**. O significado da Virgem Maria para a sociedade. São Paulo: Paulus, 2006, p. 217-270.

papel porque o espaço do diálogo está sendo ocupado por outros atrativos dos meios de comunicação. Isso também está levando as pessoas a equivocarem-se na busca da realização da própria vida e vocação (cf. DAp, n. 38-39).

A partir das reflexões e conclusões do Documento de Aparecida considera-se que a dificuldade das pessoas está em focalizar a própria vida na direção da experiência com Deus. Acabam por acolher em suas vidas valores ilusórios trocando os valores que herdaram da família ou da comunidade religiosa da qual fazem parte. Isso acaba por deixá-las confusas sem sentido de direção ao escolher o que é melhor na área da espiritualidade para suas vidas.

Mas as questões que interferem na espiritualidade discipular em nossos dias não se resumem apenas em questões do âmbito religioso. Por isso, a seguir serão abordados alguns temas que o Documento de Aparecida aponta de nível social cultural que também afetam o exercício da espiritualidade cristã.

2.3 ESPIRITUALIDADE E AS INFLUÊNCIAS SOCIOCULTURAIS

Quanto às influências socioculturais que o Documento de Aparecida descreve como fatores que afetam a vida do discípulo missionário, serão citadas apenas aquelas que o próprio Documento apontou com maior relevância. O primeiro desses fatores é a questão da globalização¹¹.

A preocupação quanto à globalização é apresentada no sentido da uniformização da diversidade das culturas. Como Igreja, o Documento de Aparecida, vê a força contra este destino na devoção mariana que na diversidade une os povos na pessoa de Cristo sem modificar a cultura que os constitui (cf. DAp, n. 43). A unidade é almejada (cf. Jo 17,20-26), mas esta não pode ser uniformizada de forma massificadora entre todos os povos, a unidade deve existir para conduzir a vida humana à plenitude.

¹¹ Globalização “é a tendência crescente de unificação de todos os povos e países da Terra, tornando-os cada vez mais interdependentes, tanto em termos econômicos quanto socioculturais” (STRAZZACAPPA; MONTANARI. **Globalização**. O que é isso, afinal? São Paulo: Ed. Moderna, 2000, p. 11. Segundo o Documento de Aparecida “a globalização é um fenômeno complexo que possui diversas dimensões (econômicas, políticas, culturais, comunicacionais, etc.). Para sua justa valorização, é necessária uma compreensão analítica e diferenciada que permita detectar tanto seus aspectos positivos quanto negativos” (DAp, n. 61). Os aspectos positivos, que o referido Documento traz, tratam-se das novas possibilidades oferecidas dentre as diferentes nações como forma de ajuda para o desenvolvimento. Dentre os aspectos negativos destaca-se apenas a forma como a dimensão econômica favorece muito mais as vias do mercado quanto ao desenvolvimento econômico (cf. DAp, n. 60-62).

Outro fator apontado é a supervalorização da subjetividade individual onde o indivíduo se torna sua própria autorreferência. Esta ideia é reforçada pelos meios de comunicação quando usados para promover interesses pessoais (cf. DAp, n. 44; 46; 47).

O Documento de Aparecida, também aponta a quantidade variada das ofertas do mercado que prometem a satisfação dos desejos da pessoa, porém, se constata que isso acontece apenas de forma imediata (cf. DAp, n. 50). Apesar de tantas ofertas, as pessoas continuam sentindo-se vazias e parecem não encontrar o que tanto buscam.

A respeito deste caráter imediatista que influencia as pessoas, Bento XVI afirma que “no nosso tempo, detemo-nos muitas vezes superficialmente no valor do instante que passa” (VD, n. 99). A superficialidade não permite criar laços ou raízes e por isso tudo passa rapidamente, inclusive os laços de amor, amizade, atenção e cuidado entre as pessoas.

Esta realidade foi caracterizada por Zygmunt Bauman como líquida, onde a solidez já não encontra um espaço significativo na vida das pessoas ou mesmo na sociedade. “A vida líquida, assim como a sociedade líquido-moderna, não pode manter a forma ou permanecer por muito tempo” (BAUMAN, 2009, p. 7). Por isso, “a vida líquida é uma vida de consumo” (BAUMAN, 2009, p. 16). Segundo este princípio, entende-se que consumir é uma forma de atualizar-se rapidamente. Logo, se entende o porquê as pessoas consomem tanto a ponto de se caracterizar a sociedade de hoje como sociedade de consumo.

Nesse mesmo sentido, o Documento de Aparecida aponta que o tipo de propaganda que é apresentado na mídia, favorece o consumismo, que por sua vez, traz mudanças rápidas, e está levando as pessoas ao individualismo. Por outro lado, o Documento concorda com a posição de que a diversidade apresentada no mercado está favorecendo o surgimento de novos modos de pensamento e de formas de se relacionar (cf. DAp, n. 51), o que traz benefícios à vida das pessoas. Assim nos deparamos com as duas faces nesse processo de desenvolvimento que se revelam na sociedade hoje.

Por isso, consciente da transformação que acontece na sociedade e nas diversas culturas, o Documento de Aparecida ressalta o que surgiu de positivo junto com esta nova realidade. As transformações não trazem apenas efeitos negativos. Sinais de esperança sempre acompanham as diversas situações da vida.

Pode-se citar como sinal de esperança no contexto desta nova realidade emergente a integração do “valor fundamental da pessoa, de sua consciência e experiência, a busca do sentido da vida e da transcendência” (DAp, n. 52). Ainda, o reconhecimento do fraco e do pobre com seu valor em si, sua capacidade e potencial. A Conferência, pois, entende que este reconhecimento encontra força tanto mais quando a própria pessoa se identifica com a Pessoa de Jesus Cristo, o Verbo que se fez carne, que se fez humano por amor e para a salvação da pessoa (cf. DAp, n. 52). Promover a valorização da tradição cristã no meio da sociedade é apresentar o sentido da prática da caridade a qual oportuniza uma proximidade maior entre as pessoas.

Outro ponto positivo apontado diante dos avanços e diversidades contemporâneas é a renovação da sociedade através do questionamento das convicções e opções, o que favorece as culturas o conhecimento de novos métodos e práticas. Estes, por sua vez, contribuem para a própria evolução da cultura (cf. DAp, n. 53; 55; 56). A troca de experiências e de conhecimento permite às diferentes culturas ajudarem-se mutuamente em suas necessidades, o que novamente permite atitudes de caridade entre os povos.

A Conferência, porém não deixou de apontar que apesar de toda riqueza e troca de experiências entre as diversas culturas, em nível de América Latina, são muitos os que ainda sofrem com as desigualdades sociais e com a falta de oportunidades (cf. DAp, n. 57). As melhorias ocasionadas pela troca de experiência cultural não atingem todas as camadas da sociedade.

O que se pode afirmar é que todas as culturas estão sofrendo, cada uma a seu modo, os impactos das transformações socioculturais. Por isso, diante das abordagens realizadas percebe-se tanto melhoras como dificuldades. O teólogo Clodovis Boff diz que “a instância cultural aparece atualmente tomada por uma ebulição particular” (BOFF, 2006, p. 21). E por isso os efeitos são diversos e atingem a todos, sem distinções.

Para concluir a explanação da dimensão sociocultural, o Documento de Aparecida diz que as culturas cada vez mais refletem “os problemas de identidade e pertença, relação, espaço vital e lar” (DAp, n. 58). E estas são questões que atingem a vida das pessoas, transformando-as profundamente, porque se trata da essência da vida da pessoa.

Diante desta situação, como proposta de ação, para transformar esta realidade, o Documento de Aparecida diz que

em Cristo Palavra, Sabedoria de Deus (cf. 1 Cor 1,30), a cultura pode voltar a encontrar seu centro e sua profundidade, a partir de onde é possível olhar a realidade no conjunto de todos os seus fatores, discernindo-os à luz do Evangelho e dando a cada um seu lugar e sua dimensão adequada (DAp, n. 41).

A pessoa de Jesus Cristo e seu Evangelho tornam-se o referencial para a solução dos problemas e das questões socioculturais que atingem a vida das pessoas. Conforme o Documento de Aparecida, a pessoa de Cristo e seu ensinamento, podem ajudar as pessoas a encontrarem sua identidade e seu lugar na sociedade segundo as tradições e cultura em que vivem.

A proposta da CNBB frente a esses desafios socioculturais é afim com este mesmo parecer.

Numa época de profundas e sucessivas mudanças socioculturais que afetam nosso mundo, trazendo novos e sérios desafios, a Igreja é chamada a proclamar com coragem, entusiasmo e criatividade a mensagem perene do Evangelho, para que nossos povos tenham vida e a tenham em abundância, a qual consiste em acolhermos a oferta que Deus nos oferece em Jesus Cristo, para assim participarmos de sua própria vida trinitária (DGAE, 2008, n. 5).

Para a situação da sociedade em sua dimensão cultural que se apresenta em transformação rápida e de modo incerto, a Igreja oferece a proposta perene que se fundamenta no Evangelho. Ela recorda que é preciso realizar essa missão de modo corajoso, entusiástico e criativo a fim de proporcionar caminhos de vida a todos quantos necessitarem.

Para o discípulo missionário que se encontra neste meio que também o afeta e que deseja viver uma vida de espiritualidade para uma ação evangelizadora, o convite e a proposta de ação tornam-se os mesmos. Ser discípulo missionário é ser aquele que testemunha que é possível viver o ensinamento e o projeto de Jesus. Ser testemunha da pessoa de Jesus Cristo é ser sinal de que é possível viver como

seu discípulo apesar das dificuldades que possam se apresentar no cotidiano da vida.

2.4 ESPIRITUALIDADE E AS INTERFERÊNCIAS POLÍTICAS ECONÔMICAS

A partir das abordagens sobre a situação atual, o Documento de Aparecida também faz referência à situação econômica e política que atingem a vida de nossos povos. Clodovis Boff, ao mencionar esta realidade, diz: “a instância econômica, em nosso tempo, mostra-se notavelmente complexa. É só pensar nos fenômenos do avanço ecológico, do processo de globalização, no surgimento do “terceiro setor” (economia civil ou *non profit*), do gravíssimo problema da desocupação etc.” (BOFF, 2006, p. 20).

O Documento de Aparecida, ao abordar a questão econômica, cita as palavras do Papa Bento XVI, proferidas quando do Discurso Inaugural desta V Conferência. Nele, o Papa também aponta a globalização como um processo que proporciona prosperidade às nações, mas que também oferece riscos às condições de vida digna, o que é um direito de todos (cf. DAp, n. 60). Já o teólogo Jon Sobrino pronuncia-se de forma radical ao referir-se ao processo de globalização. Ele diz: “a linguagem ambígua e encobridora da ‘globalização’ é desumanizante” (SOBRINO, 2008, p. 78).

A descrição de como o processo da globalização afeta a vida de nossos povos, mereceu uma sessão própria no Documento de Aparecida (n. 61-73). O enfoque contextualiza o processo de globalização instalado que está favorecendo mais aos que já possuem poder, e por outro lado, está enfraquecendo os mais desfavorecidos.

Segundo a opinião de Jon Sobrino, dificilmente se encontrará algo positivo no processo de globalização. Para ele “a globalização produz também males, perdedores, vítimas. E pelo que toca à sua avaliação, esta variará, segundo se esteja entre os vencedores ou entre os perdedores” (SOBRINO, 2008, p. 80). Por isso a Igreja na América Latina convida para formar um novo sentido de globalização. A globalização que promova a solidariedade, a justiça e respeito aos direitos humanos (cf. DAp, n. 64).

Também a CNBB apresenta esta problemática ao orientar a Igreja no Brasil sobre os efeitos que a globalização ocasiona.

A globalização fez emergir em nosso país novos rostos de pobres, novos excluídos e marginalizados da sociedade (...). Apesar dos enormes recursos econômicos e tecnológicos, persistem a concentração dos bens, a insensibilidade ética e a falta de vontade política para resolver essa situação, pela transformação das próprias estruturas sociais e econômicas que reproduzem os processos de exclusão e opressão dos mais fracos. Daí o empenho da Igreja por uma globalização da solidariedade, da fraternidade (DGAE, 2008, n. 83).

As realidades mais afetadas pelo sofrimento e pela falta de uma globalização solidária são descritas tanto pelo Documento de Aparecida como pelo Documento da CNBB (83). Segundo o Documento de Aparecida as realidades mais afetadas são as comunidades indígenas e afroamericanas, as mulheres, os jovens, os muito pobres, desempregados, os migrantes, os deslocados, agricultores sem terra, autônomos, os submetidos à prostituição infantil e aborto, os milhões de pessoas que passam fome, dependentes químicos, portadores de limitação física, doentes crônicos, vítimas do terrorismo, idosos, presidiários (cf. DAp, n. 65). Para Sobrino “o mundo de hoje, o mundo oficial e politicamente correto, não dá atenção a elas, e, de qualquer modo, não age com a radicalidade correspondente à suma gravidade do problema” (SOBRINO, 2008, p. 11). O que, evidentemente, acaba por caracterizar uma grande massa de excluídos considerados desnecessários após servirem conforme as necessidades do momento.

João Paulo II comentava no início do novo milênio a realidade que constatamos hoje.

No nosso tempo, de fato, são muitas as necessidades que interpelam a sensibilidade cristã. O nosso mundo começa o novo milênio, carregado com as contradições de um crescimento econômico, cultural e tecnológico que oferece a poucos afortunados grandes possibilidades e deixa milhões e milhões de pessoas não só às margens do progresso, mas a braços com condições de vida muito inferiores ao mínimo que é devido à dignidade humana. Como é possível que ainda haja, no nosso tempo, quem morra de fome, quem esteja condenado ao analfabetismo, quem viva privado dos cuidados médicos mais elementares, que não tenha uma casa para se abrigar? E o cenário da pobreza poderá ampliar-se indefinidamente, se às antigas pobreza acrescentarmos as novas que freqüentemente atingem

mesmo os ambientes e categorias dotados de recursos econômicos, mas sujeitos ao desespero da falta de sentido, à tentação da droga, à solidão na velhice ou na doença, à marginalização ou à discriminação social (NMI, n. 50).

Todos esses fatores apontados por João Paulo II confirmam as necessidades enfrentadas hoje pelos povos da América Latina. Assim como no Documento de Aparecida encontramos o apelo para transformar o fenômeno da globalização num fenômeno de solidariedade, também no Documento *Novo Millennio Ineunte*, João Paulo II fez este mesmo apelo:

O cristão, que se debruça sobre esse cenário, deve aprender a fazer o seu ato de fé em Cristo, decifrando o apelo que ele lança a partir desse mundo da pobreza. Trata-se de dar continuidade a uma tradição de caridade, que já teve inúmeras manifestações nos dois milênios passados, mas que hoje requer, talvez, ainda maior capacidade inventiva (NMI, n. 50).

João Paulo II afirma que com a força da caridade será possível vencer esta situação que se apresenta marcada por tristezas que ferem nossos povos. Ele crê que as ações motivadas pela caridade trarão as mudanças almejadas.

Certamente que essas realidades requerem investimento e capacidade criativa para apontar possíveis soluções. Por isso, o Documento de Aparecida aponta a necessidade da mobilização da parte daqueles que possuem maior capacidade de influência na dimensão econômica e política para agir em favor dos menos favorecidos e esquecidos da sociedade.

Sobre a dimensão sociopolítica, o Documento de Aparecida concorda que houve um progresso nas formas de participação e composição deste processo. Porém, como houve avanços na forma de participação democrática, houve também certo avanço no uso de formas autoritárias (cf. DAp, n. 74). Assim como aconteceram melhorias, percebem-se também retrocessos nesta dimensão.

O Documento de Aparecida também considera que muitos escândalos envolvendo esquemas de corrupção foram descobertos demonstrando que os objetivos políticos não estavam voltados para os interesses do povo. Esta realidade favoreceu o desinteresse da parte de muitos no acompanhamento dessa dimensão (cf. DAp, n. 77; 79).

Ainda se constatou que “em alguns países tem aumentado a repressão, a violação dos direitos humanos, inclusive o direito à liberdade religiosa, a liberdade de expressão e a liberdade de ensino, assim como à objeção de consciência” (DAp, n. 80). Situações constrangedoras num tempo que se prioriza a subjetividade e a democracia.

De forma resumida e direta Clodovis Boff, relata esta situação ao abordar a questão da dimensão política.

A instância política igualmente passa hoje por profundas transformações. Sob sua forma institucional ou formal, ou seja, a que se expressa no plano do Estado e dos partidos, a política hoje sofre um desgaste crescente, embora esteja em busca de novas formas. Em contrapartida, está em ascensão a política em sua forma civil, tal como se manifesta nos movimentos sociais, tanto velhos (como os sindicatos e os camponeses) quanto principalmente os novos: o étnico-cultural, o feminista, o ecológico, o pacifista e os das várias minorias, sendo muitos deles secundados pelas ONGs correspondentes (BOFF, 2006, p. 20).

O Documento de Aparecida também considera que a presença da Sociedade Civil ocasionou mudanças significativas na dimensão política. “Esses grupos estão tomando consciência do poder que têm nas mãos e da possibilidade de gerarem mudanças importantes para a conquista de políticas públicas mais justas que revertam esta situação de exclusão” (DAp, n. 75). Da forma como se concretiza o engajamento da sociedade depende a transformação da mesma.

A realidade demonstra que a concretização de uma política justa ainda está por se realizar. Mediante o apoio e empenho da sociedade nota-se que é possível a concretização de políticas que promovam o bem comum.

No momento, denota-se que essa realidade afeta diretamente o modo de vida de nossos povos influenciando seu modo de ação e expressão, incluindo a dimensão religiosa. Segundo os apontamentos dos Documentos da Igreja, em especial, do Documento de Aparecida, a situação atual influencia e interfere no modo de expressão espiritual de nossos povos. Isso se torna desafio para a Igreja, pois a mesma sente que precisa apontar o caminho que ajude a dar direção certa para a vida das pessoas.

Por isso, no ponto a seguir, refletir-se-á sobre a proposta da Igreja que é a pessoa de Jesus Cristo. Ele que é o ponto de partida para sustentar e alimentar a

espiritualidade cristã na realidade da vida quotidiana. A Igreja é consciente de seu papel formador na espiritualidade do discípulo missionário e ela sabe que somente partindo daquele que é o sentido pelo qual ela mesma existe poderá ser sinal de transformação.

2.5 PROPOSTA DA IGREJA DIANTE DOS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS

A Igreja, enquanto Instituição e comunidade de fiéis que se reúnem, tem se preocupado com a situação atual que a envolve e compromete. Ela também sente as transformações que se realizam na sociedade. Está atenta ao fato de que “o cristão de hoje não se encontra mais na primeira linha da produção cultural, mas recebe sua influência e seus impactos” (DAp, n. 509). O cristão já não tem influência na formação da sociedade como tinha num passado não muito distante.

No contexto atual, a Igreja reconhece que “apesar das deficiências e ambiguidades de alguns de seus membros, tem dado testemunho de Cristo, anunciado seu Evangelho e oferecido seu serviço de caridade principalmente aos mais pobres, no esforço de promover sua dignidade” (DAp, n. 98). Também tem realizado muitas outras atividades que lhe garante “ser reconhecida socialmente em muitas ocasiões como instância de confiança e credibilidade” (DAp, n. 98). Dentre todas essas atividades realizadas, a Igreja aponta o testemunho de vida e de fé de muitos santos, muitos não canonizados, mas que entregaram a vida pela prática do Evangelho (cf. DAp, n. 98).

O Documento de Aparecida, apresenta os esforços pastorais que a Igreja tem proposto e que está realizando quotidianamente. Eles demonstram que a Igreja está produzindo frutos na realidade em que se encontra. Dentre essas atividades, destaca-se: a animação bíblica, a formação de catequistas, a renovação da Catequese, a renovação litúrgica, o empenho na formação de leigos, seminaristas, casas de formação para a vida consagrada e diaconato permanente. Ainda, o empenho missionário de sacerdotes, consagrados(as), leigos(as). Uma renovação pastoral com valorização dos movimentos eclesiais, pastoral da comunicação e pastoral social. Promoção e colaboração no diálogo interreligioso (cf. DAp, n. 99).

Com a consciência de que nem todas as propostas são alcançadas na totalidade, o Documento de Aparecida, no número 100, aponta que ainda há sombras que dificultam a caminhada da Igreja na América Latina.

Como sombras, a Conferência apontou: a diminuição do percentual de fiéis da Igreja e das vocações sacerdotais e religiosas. Tentativas de permanecer num estilo de Igreja anterior às propostas do Concílio Vaticano II. Pouco ardor missionário e pouca solidariedade entre as comunidades. Uso de uma linguagem, por vezes, antiquada para o tempo atual. Ausência de sacerdotes para atender as numerosas comunidades eclesiais. Pluralismo religioso e migração de fiéis por diversas Igrejas. Dificuldades em manter o diálogo ecumênico. Católicos que preferem abrir mão das exigências de uma vida baseada nos princípios do Evangelho (cf. DAp, n. 100).

Para finalizar este capítulo (II do Documento de Aparecida), a Conferência reconhece a pequenez que é a obra humana diante do poder de Deus e de como necessita da ajuda divina para vencer os desafios. “Reconhecemo-nos como comunidade de pobres pecadores, mendicantes da misericórdia de Deus, congregada, reconciliada, unida e enviada pela força da Ressurreição de seu Filho e pela graça de conversão do Espírito Santo” (DAp, n. 100). Com essas palavras, a Igreja na América Latina expressa como deseja continuar a missão recebida de Jesus Cristo amparada pela força do Espírito Santo.

A Conferência de Aparecida, com sua reflexão, demonstra consciência e preocupação com a realidade que vive a sociedade atual. Por isso faz um convite a todos.

Necessitamos fazer-nos discípulos dóceis, para aprendermos dEle, em seu seguimento, a dignidade e a plenitude da vida. E necessitamos, ao mesmo tempo, que o zelo missionário nos consuma para levar ao coração da cultura de nosso tempo aquele sentido unitário e completo da vida humana que nem a ciência, nem a política, nem a economia nem os meios de comunicação poderão proporcionar-lhe (DAp, n. 41).

Como ação concreta, o Documento de Aparecida apresenta a necessidade de fazer-se discípulo e como discípulo levar ao coração das culturas o sentido único que pode saciar a vida das pessoas. Ou seja, a Igreja com a realização da V CELAM, convida a cada fiel cristão a ser discípulo missionário de Jesus Cristo para

levar o sentido unitário que não está sendo encontrado nas ofertas proporcionadas pelas consideradas grandes forças motoras da sociedade. Para este tempo, que requer a apresentação de um sentido unitário que preencha o vazio existencial em que se encontram as pessoas, o Documento de Aparecida propõem seguir o Cristo fazendo-se seu discípulo missionário.

A partir dessas considerações sobre a realidade atual, o Documento de Aparecida dirige-se aos cristãos apontando a necessidade de “recomeçar a partir de Cristo, a partir da contemplação de quem nos revelou em seu mistério a plenitude do cumprimento da vocação humana e de seu sentido” (DAp, n. 41). Em Cristo, a Igreja espera e confia porque nele é possível encontrar e renovar o ardor pelo sentido da vida.

Sendo assim, não se trata de inventar um “programa novo”. O programa já existe: é o mesmo de sempre, expresso no Evangelho e na Tradição viva. Concentra-se, em última análise, no próprio Cristo, que temos de conhecer, amar, imitar para nele viver a vida trinitária e com ele transformar a história até a sua plenitude na Jerusalém celeste (NMI, n. 29).

É para a pessoa de Jesus Cristo que a Igreja convida a se voltar. A Igreja aponta Jesus como o fez João Batista (cf. Jo 1,19-51), a fim de que as pessoas, seguindo-o, encontrem o sentido que ansiosamente estão procurando. “Jesus Cristo é nossa razão de ser, origem de nosso agir, motivo de nosso pensar e sentir. Nele, com Ele e a partir d’Ele mergulhamos no mistério trinitário, construindo nossa vida pessoal e comunitária” (DGAE, 2011, n. 4). Ele é o caminho (cf. Jo 14,6).

O Papa Bento XVI diz que o meio pelo qual a Igreja conseguirá atingir tal objetivo é a apresentação da Palavra Deus porque, através dela, chega-se a Cristo e Ele é a revelação de todo mistério contido na Palavra. O Papa é insistente e aponta pistas de ação, dizendo:

Por conseguinte é decisivo, do ponto de vista pastoral, apresentar a Palavra de Deus na sua capacidade de dialogar com os problemas que o homem deve enfrentar na vida diária. Jesus apresenta-Se-nos precisamente como Aquele que veio para que pudéssemos ter a vida em abundância (cf. Jo 10, 10). Por isso, devemos fazer todo o esforço para mostrar a Palavra de Deus precisamente como abertura aos próprios problemas, como resposta às próprias perguntas, uma dilatação dos

próprios valores e, conjuntamente, uma satisfação das próprias aspirações (VD, n. 23).

O pedido de Bento XVI volta-se para que a Palavra de Deus seja apresentada como o alicerce que as pessoas estão procurando para apoiar a vida. Pois, a Palavra de Deus possui uma dimensão capaz de envolver todas as dimensões da vida humana. Por isso, é nela que a pessoa se sente saciada e segura (cf. Jo 4,1-42).

De modo geral, para finalizar essa reflexão sobre os desafios da realidade que afetam a prática da espiritualidade cristã, o Documento de Aparecida, considera que o avanço dos meios técnicos, a facilidade de acesso às informações, a diversidade de coisas que são ofertadas não é suficiente para responder aos anseios humanos (cf. DAp, n. 42). Bento XVI recorda “como é importante, para o nosso tempo, descobrir que só *Deus responde à sede que está no coração de cada homem*” (VD, n. 23). Esta descoberta se torna o caminho oportuno para conscientizar que o sentido religioso é que dá sentido à vida.

Por fim, a partir das reflexões apresentadas, considera-se que é possível a prática de uma espiritualidade evangelizadora no contexto atual. À luz do Documento de Aparecida, percebe-se que a Igreja na América Latina, unida com o Colégio Episcopal, propõe concretamente a prática duma vivência discipular cristã a qual dá sentido à vida. Viver a partir da proposta da pessoa de Jesus Cristo tal objetivo é possível. Por isso, no próximo capítulo a pesquisa expõe o tema o que é ser discípulo de Jesus e as exigências que isso traz para a formação da espiritualidade de quem se faz seu discípulo missionário.

3 ESPIRITUALIDADE DISCIPULAR: EXPERIÊNCIA, ENCONTRO COM JESUS CRISTO E SEGUIMENTO

Após a reflexão, no primeiro capítulo, sobre o que é espiritualidade e a proposta da Igreja diante dos desafios e influências que a sociedade contemporânea traz à espiritualidade do discípulo missionário, nesse segundo capítulo, será abordada a reflexão sobre o que é ser discípulo de Jesus. Acredita-se que paralelamente à essa experiência a espiritualidade do discípulo missionário se vai constituindo. Torna-se necessário compreender o que envolve a espiritualidade discipular para que esta possa se tornar fonte sustentadora para a vida do discípulo em seu compromisso de exercer a ação evangelizadora.

Crer no convite de Jesus, dispor-se a realizar com ele um caminho de mudança de vida, aceitar sua proposta é viver de acordo com o seu projeto. “A Igreja tem consciência de ser herdeira dos discípulos do Senhor e de que a missão que o Pai conferiu ao mesmo lhe foi transmitida a ela, em proveito do mundo” (SCHULZ, 1969, p. 88). Comprometer-se com o próximo através do anúncio com a própria vida unindo a consciência de participar de uma comunidade eclesial resulta na força que a própria Igreja é enquanto sinal da herança viva de seu Mestre.

Este capítulo objetiva compreender a espiritualidade do discípulo missionário, entendida como seguimento de Jesus, a partir do Documento de Aparecida e outros Documentos do Magistério, assim como, com auxílio bibliográfico de outros autores. Acredita-se que isso possibilitará a compreensão do referido tema de forma simples e significativa.

3.1 ENCONTRO DO DISCÍPULO COM JESUS CRISTO

A reflexão a seguir versará sobre a importância de o discípulo realizar a experiência de sua pessoa com a pessoa de Jesus Cristo. Experiência que envolve seguimento e profunda relação no processo de desenvolvimento e de compreensão da vida discipular. Para que a vida discipular alcance seu ápice a experiência deve ocupar lugar primordial na vida do discípulo.

Para melhor entender o que vem a ser a experiência do discípulo será apresentado o que alguns autores falam sobre o tema experiência. Para Martínez “o conceito de experiência possui uma multiplicidade de significados e entra em jogo

uma diversidade de âmbitos tornando-se difícil e problemático de ser codificado” (MARTÍNEZ, 2002, p. 524). Para Leonardo Boff “a palavra experiência é uma das mais discutidas e difíceis de nossa tradição ocidental” (BOFF, 1976, p. 134). Augusto Guerra diz que é necessário reconhecer que ainda não há um conceito que expressa profundamente o que significa experiência (cf. GUERRA, 1994, p. 36). Sendo assim, vamos nos ater no significado da palavra e depois abordar a importância de realizar a experiência como discípulo de Jesus.

Um conceito de fácil compreensão e que nos ajuda a compreender e a explicar o significado da palavra experiência é apresentado por Leonardo Boff, ele diz: “ex-peri-ência é a ciência ou o conhecimento (ci-ência) que o homem adquire quando sai de si mesmo (ex) e estuda o mundo por todos os lados (peri). A experiência não é um conhecimento teórico ou livresco” (BOFF, 1976, p. 135). De fato, experiência nos leva a intuir que seja necessário experimentar, por isso ela possibilita o conhecimento concreto do que se experiencia. “Resumindo, podemos dizer que experiência é o modo como nós interiorizamos a realidade, como nos situamos no mundo e o mundo em nós” (BOFF, 1976, p. 136). Com efeito, experiência é um conhecimento que se adquire com o experimento concreto de um ato em si.

Outro conceito afirma que “a experiência é sempre algo vital, algo que existe na própria vida, ou que se percebe em existências reais” (GUERRA, 1994, p. 39). Logo, a experiência acontece quando ocorre uma decisão por se realizar algo real que envolve uma atitude de vida, ou seja, o desejo do conhecimento concreto.

Entender o significado do que é realizar a experiência vem em auxílio do objetivo desse ponto, pois ser discípulo de Jesus envolve realizar uma experiência. Aceitar realizar a experiência do chamado de Jesus é aceitar conhecer quem é Jesus e verificar a veracidade de seu chamado. “A experiência espiritual autêntica *suscita* e reforça o seguimento de Jesus. (...) Daí deriva o fato que o seguimento de Jesus seja considerado tantas vezes como critério da veracidade de uma dada experiência concreta” (GUERRA, 1994, p. 49). O diferencial da proposta que Jesus apresenta no processo do seu seguimento é justamente esse, o discípulo deve realizar a experiência, tal experiência se concretiza pelo encontro e seguimento.

A proposta do Documento de Aparecida insiste na realização da experiência do encontro com a pessoa de Jesus Cristo para tornar-se seu discípulo missionário (cf. DAp, n. 21). Aceitar ser discípulo de Jesus é aceitar um caminho de vida

marcado pelo chamado na fé onde se realiza a experiência do encontro pessoal com o próprio Jesus Cristo (cf. Jo 1,38-39). É preciso experimentar o que é seguir Jesus para saber o que é ser seu discípulo.

Queremos ver Jesus (cf. Jo 12,21). Essa frase expressa todo o desejo que um discípulo de Jesus pode aspirar. “O acontecimento de Cristo é, portanto, o início desse sujeito novo que surge na história e a quem chamamos discípulo” (DAp, n. 243). O início da vida discipular está estritamente ligado com a realização do encontro com a pessoa de Jesus Cristo. “O discípulo nasce pelo fascínio do encontro com Cristo” (DIOCESE DE CURITIBA, p. 11). O encontro com Jesus é o marco existencial da experiência discipular.

Também Boff escreve sobre esse princípio e afirma que “o ponto de partida é Aquele que é, nas palavras da Escritura, o próprio ‘Princípio’, o ‘Alfa’ de tudo, o ‘Primogênito’, o ‘Príncipe’ em absoluto” (BOFF, 2007a, p. 1014). Por isso, desejar encontrar-se com Jesus, desejar vê-lo, escutar suas palavras, contemplar sua imagem, seu modo de agir, de orar e de se relacionar são desejos que marcam o início da experiência da vida discipular.

O despertar para a realização de tal experiência remete para a consciência de que “não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande idéia, mas através do encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva” (DCE, 1 apud DAp, n. 243). A pessoa de Jesus Cristo é a chave motivadora para que a orientação da vida do discípulo tome novos rumos.

Segundo Boff o Documento de Aparecida refere-se à experiência do encontro entre Jesus e o discípulo como uma experiência de vida transformadora. Segundo ele, “tal encontro é *transformador*. Transforma toda a vida, em todos os seus níveis: pessoal, comunitário, social, e ambiental-ecológico” (BOFF, 2007a, p. 1014). Por esse motivo, Jesus Cristo, na experiência discipular se torna o sentido norteador que leva a encontrar sentido para a própria vida.

A Igreja da América Latina, valorizando tal experiência, está convocando a todos a tornarem-se discípulos missionários (cf. DAp, n. 1), propondo a realização desta valiosa experiência que tem poder para transformar todos os sentidos que envolvem a vida. Reencontrar o Sentido do Absoluto na vida está ao alcance de quem desejar e se resume na realização de uma experiência.

A própria natureza do cristianismo consiste, portanto, em reconhecer a presença de Jesus Cristo e segui-lo. Essa foi a maravilhosa experiência daqueles primeiros discípulos que, encontrando Jesus, ficaram fascinados e cheios de assombro frente à excepcionalidade de quem lhes falava, diante da maneira como os tratava, coincidindo com a fome e sede de vida que havia em seus corações (DAp, n. 244).

Essa mesma fome e sede de vida ainda hoje clama nos corações. E segundo o Documento *Novo Millennio Ineunte* as pessoas, hoje, mais desejam ver aquele que é capaz de saciar a sede que se encontra no mais íntimo de seu ser. O referido Documento ressaltou a necessidade de testemunho da experiência do encontro realizado com a pessoa de Jesus Cristo: “como aqueles peregrinos de há dois mil anos, os homens do nosso tempo, talvez sem se darem conta, pedem aos crentes de hoje não só que lhes ‘falem’ de Cristo, mas também que de certa forma lho façam ‘ver’” (NMI, n. 16). O testemunho daqueles que realizam a experiência do encontro com Jesus vem em auxílio daqueles que querem realizar a mesma experiência.

A pessoa de Jesus Cristo sendo o referencial para a experiência discipular imprime sua marca na vida daqueles que se decidem por segui-lo. Ele não força nem recusa quem o procura. Ele apenas apresenta seu modo de ser. Seu método é simples o que encanta quem se deixa conduzir. Não usa de ideologias abstratas nem da apresentação de projetos com objetivos distantes da realidade (cf. Jo 1,38-51). Em sua simplicidade e autoridade (cf. Mt 7,29) conquista os que dele se aproximam porque é capaz de demonstrar que a vida continua muito além daquilo que se pode encontrar apenas dentro de si mesmo (cf. Jo 4,1-47).

O evangelista João nos deixou plasmado o impacto que a pessoa de Jesus produziu nos primeiros discípulos que o encontraram, João e André. Tudo começa com uma pergunta: “O que procuram?” (Jo 1,38). A essa pergunta seguiu o convite a viver uma experiência: “Venham e verão” (Jo 1,39). Essa narração permanecerá na história como síntese única do método cristão (DAp, n. 244).

Será na convivência mútua do dia a dia que o discípulo descobrirá o que significa o discipulado. Nessa convivência o discípulo por si próprio irá encontrar as razões pelas quais deseja continuar ou não seu aprendizado discipular. É preciso ir,

ver e descobrir o que significa seguir a Jesus. Isso se torna o fruto da experiência discipular.

Verifica-se que o método de Jesus continua atual (cf. NMI, n. 29). O encontro e a convivência com ele são a porta de acesso para o início de uma nova etapa de história de vida. Depois de experienciar o encontro com Jesus, a vida do discípulo não é mais a mesma porque aquele que o que experiencia fará disso a sua vida.

Para ser discípulo de Jesus é preciso crer. Para realizar a experiência do encontro com Jesus também é necessário crer, pois, essa se alicerça sobre a fé. Segundo Boff, o Documento de Aparecida apresenta “a fé em Cristo como a experiência do encontro” (BOFF, 2007a, p. 1014). A experiência do encontro alicerçada sobre a fé mantém vivo o cristianismo e nele a pessoa e a obra de Jesus Cristo. “Fé é encontro de pessoa a pessoa, encontro vivo com o Cristo vivo” (BOFF, 2007a, p. 1014). Uma vez que tal experiência é realizada, essa é absorvida na vida do discípulo e ele a expandirá através de seu modo de ser.

Realizar a experiência do discipulado na fé é manter vivo o Cristo. Para tanto, Schulz, referindo-se aos escritos de João diz: “depois que o evangelista ressaltou que o essencial para qualquer pessoa pertencer de fato a Cristo consiste nessa atitude de crer...” (SCHULZ, 1969, p. 85), compreende-se que o relacionamento com Jesus concretiza-se na experiência pelo nível da fé. “O verdadeiro discípulo é aquele que está firme em sua fé, que persevera na verdade divina que lhe foi manifestada em Cristo, e que permanece na sua palavra” (SCHULZ, 1969, p. 85). A fé leva a crer na verdade, e essa emana das palavras de Jesus. Pela fé se encontra no Cristo a fonte de sustento para alimentar a vida discipular. “... a fé é o fundamento dessa comunhão de vida dos cristãos com seu Senhor” (SCHULZ, 1969, p. 86). O Mestre torna-se o centro em torno do qual gira a vida do discípulo.

Mas o chamado à experiência que Jesus convida o discípulo a realizar não é algo que conduz a uma experiência individualista. “Uma pessoa cheia de Cristo passa logo a anunciá-lo, como por transbordamento” (BOFF, 2007a, p. 1018). A experiência realizada na fé que Jesus propõe traz consigo uma dimensão que abrange também o próximo. Schulz dirá que a fé além de conduzir ao encontro com o próximo ela se torna característica própria do discipulado.

Depois, a fé se estende ao próximo: “Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros; que, assim como eu vos amei, vós também vos ameis uns aos outros. E nisto precisamente todos reconhecerão que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns pelos outros” (Jo 13,34ss). O amor mútuo entre os discípulos – que se funda no amor recebido do Senhor, obrigando os seus seguidores a um comportamento digno do seu exemplo – passa a ser a característica essencial da Igreja (SCHULZ, 1969, p. 85).

Realizar a experiência discipular é dispor-se a pertencer à comunidade do Mestre com suas exigências e características próprias. Cristo formou seu grupo e demonstrou a partir de si por seu ensinamento prático como os seus discípulos deveriam continuar a prática experienciada. O amor que ele exerceu e ofereceu deveria continuar plasmando a vida da comunidade discipular. O amor do Mestre nutriria suas vidas e a vida da comunidade ensinado-as o modo como deveriam agir. Pelo amor que os discípulos viriam a testemunhar atrairiam a outros discípulos que sentiriam o mesmo ardor tocar o coração.

Pela manifestação da fé e através do testemunho de vida experienciada no amor a comunidade de Jesus Cristo se constitui e vive. O discípulo que viver tal experiência sentir-se-á membro atuante no discipulado do Senhor. Pela fé acreditará no Senhor e no amor testemunhará seus ensinamentos.

Fé e amor não são duas manifestações isoladas duma mesma vida cristã, mas constituem uma unidade vital. Só é autêntica aquela fé que transforma a aceitação da mensagem de amor do Senhor em dedicação desinteressada: ‘Nisto será glorificado meu Pai: que deis muito fruto e assim vos demonstrarei meus discípulos’ (Jo 15, 8)” (SCHULZ, 1969, p. 86).

Na atitude interior de viver o desapego e a dedicação também se caracteriza o que se constitui a experiência da vida discipular. Pois essas são atitudes que derivam da fé e do amor imanadas do Mestre. Jesus viveu completamente desapegado e dedicado à concretização da missão que lhe fora confiada pelo Pai (Fl 2,5-11). O discípulo que segue os passos do Mestre imitando sua vida descobrirá o que lhe manterá firme nesse caminho.

O exemplo do Mestre na vida de comunidade é farol para tantos quantos necessitarem de luz para guiar a própria vida. Recordando que agora, “já não é mais

um grupo particular de colaboradores e, sim, a Igreja como comunidade de fé e de amor quem prossegue a obra de Jesus, em benefício do mundo” (SCHULZ, 1969, p. 88), a missão de Jesus, agora encontra-se nas mãos dos discípulos. “O encontro com Cristo impele necessariamente a Igreja para o mundo” (BOFF, 2007a, p. 1018). A comunidade passa a ser o lugar onde o discípulo descobrirá e viverá sua missão discipular herdada do Mestre não para benefício próprio, mas para ajudar a quem necessitar.

Desde o chamado dos primeiros discípulos Jesus manteve um relacionamento próximo com todos e continua realizando esse mesmo processo para quem se colocar à disposição da experiência do encontro com ele.

Jesus quer que seu discípulo se vincule a Ele como “amigo” e como “irmão”. O “amigo” ingressa em sua Vida, fazendo-a própria. O amigo escuta a Jesus, conhece ao Pai e faz fluir sua Vida (Jesus Cristo) na própria existência (cf. Jo 15,14), marcando o relacionamento com todos (cf. Jo 15,12) (DAp, n. 132).

Do convívio íntimo, pessoal e comunitário com o Mestre o discípulo moldará a sua vida. Assim como o discípulo se sacia da fonte que é a vida do Mestre, assim ele também é convidado a ofertar a vida do Mestre para quem ele encontrar. “Os apóstolos e, em geral, os que seguiram Jesus eram o germe da nova humanidade; a experiência que eles viveram era destinada a todos” (MONGILLO, 1989, p. 1043). A vida do discípulo deve emanar a vida do Mestre e assim ele se torna além de discípulo um missionário.

Realizando a experiência discipular, o discípulo, sentir-se-á seguro para viver segundo os ensinamentos do Mestre. Pela experiência realizada na fé, pela convivência e comunhão diária com a comunidade o discípulo sentirá que pode proclamar o que é realizar a experiência discipular.

No seguimento de Jesus Cristo, aprendemos e praticamos as bem-aventuranças do Reino, o estilo de vida do próprio Jesus: seu amor e obediência filial ao Pai, sua compaixão entranhável frente à dor humana, sua proximidade aos pobres e aos pequenos, sua fidelidade à missão encomendada, seu amor serviçal até à doação de sua vida (DAp, n. 139).

Essa força e impulso para vivenciar os ensinamentos da experiência do seguimento só poderão ser concebidos pela experiência pessoal. Do que se aprende convivendo com Jesus Mestre daí nascerá a vida de espiritualidade que moldará a vida de missão do discípulo. “A palavra de Cristo aos seus discípulos, ‘segue-me’, se torna imperativo absoluto e incondicionado que, continuando a ressoar ao longo da história da Igreja, é a origem da vida mística” (CIARDI, 2003, p. 952). A espiritualidade do discípulo nascerá da observação e da convivência com o Mestre.

A espiritualidade discipular brota da experiência que por sua vez é a espiritualidade herdada e aprendida com o Mestre. O jeito de ser de Jesus cativa, atrai e impregna a vida do discípulo. A experiência do discípulo passa pelo íntimo de seu ser, transforma sua vida e seu modo de agir e o leva a não esquecer o que experienciou. A espiritualidade discipular se forma da destilação que o discípulo faz em sua experiência de convivência com a vida do Mestre. A espiritualidade se forma de atitudes formadas no interior do discípulo, das convicções profundas colhidas através da experiência, primeiramente pessoal e depois comunitária, na comunidade dos irmãos junto do Mestre.

A espiritualidade do discípulo encontrará sua fonte na observação e imitação da vida vivida pelo Mestre e com a comunidade discipular. O discípulo observa o mestre, aprende com ele e exerce o aprendizado. “Este é um aspecto que distingue a experiência da vocação cristã de um simples sentimento religioso individual. Por isso, a experiência de fé é sempre vivida em uma Igreja Particular” (DAp, n. 164). O discípulo de Jesus não vive desligado de uma comunidade viva de fé formada por outros discípulos. O discípulo de Jesus não se forma apenas a partir de si mesmo, mas da sua experiência pessoal e comunitária, da comunhão de vida que forma a Igreja e com ela ele se torna discípulo missionário.

A vocação ao discipulado missionário é convocação à comunhão em sua Igreja. Não há discipulado sem comunhão. Diante da tentação, muito presente na cultura atual, de ser cristãos sem Igreja e das novas buscas espirituais individualistas, afirmamos que a fé em Jesus Cristo nos chegou através da comunidade eclesial (DAp, n. 156).

O discípulo que se sente chamado e convocado a seguir o Mestre não pode ignorar o quesito fé como aponta o Documento de Aparecida. O discipulado requer fé, experiência e vida de comunidade ligada de modo fecundante com a comunhão eclesial.

Sob esta convicção e atuação, a espiritualidade discipular tenderá a fortalecer-se e a não desvincular-se da vida de comunhão em comunidade. A comunidade “é o lugar privilegiado no qual a maioria dos fiéis tem uma experiência concreta de Cristo e da comunhão eclesial” (*Ecclesia in America* 41 apud DAp, n. 170). Com isso, não se desconsidera que o discípulo também pode realizar sua experiência fora da comunidade eclesial. Mas é na comunhão de vida com a comunidade que o discípulo encontra forças para não desanimar na sua vida de missão.

Diante de tal reflexão considera-se que a ação discipular ganha forças na experiência realizada em comunidade. Na vida de comunidade o discípulo se fortalece para que fora dela possa ser o missionário que fará a diferença por seu testemunho de vida. A experiência realizada no encontro com o Mestre é resposta para o discípulo que deseja se tornar testemunho de Jesus nos dias atuais.

Finalizando a reflexão sobre a necessidade de o discípulo realizar a experiência do encontro pessoal com Jesus Cristo, percebe-se que o discípulo deve ser uma pessoa consciente do chamado para a vida discipular. O chamado é para realizar uma experiência de vida junto com o Mestre que o chama para encontrar-se pessoalmente com ele. A força e motivação para exercer a vida discipular missionária brotarão da própria experiência partilhada com o Mestre e com a comunidade constituída por ele. A fé é elemento indispensável para o sustento da vida discipular missionária a qual mantém a experiência de vida viva e atuante na história.

3.2 FÉ E DISCIPULADO

O chamado constitui o início da vida discipular por isso ser discípulo de Jesus é crer num convite que é um chamado para ser seguidor de Jesus. Fazer-se discípulo, tornar-se um seguidor, conviver com o Mestre, acolher sua proposta de entregar a própria vida, a ponto de perdê-la, eis o itinerário para quem aceita tornar-

se discípulo de Jesus. Para Ciardi isso faz parte de um desejo intrínseco presente na própria pessoa. Ele diz que

segundo uma imagem que permaneceu indelével na memória cristã, o desejo de refazer a mesma experiência dos discípulos do Evangelho: caminhar com Jesus, estar com ele na quotidianidade da vida, viver com ele numa relação dinâmica sempre nova de comunhão, de amizade e de amor (CIARDI, 2003, p. 953).

Isso é o que caracteriza o porquê que de as pessoas se decidirem por aceitar o convite de Jesus Cristo para segui-lo. E, além disso, é necessário estar consciente de qual é a missão de Jesus. “É evidente, que como Jesus, também o discípulo tem a incumbência de anunciar o advento do reino de Deus” (SCHULZ, 1969, p. 37). Por isso, a Igreja conta com a ativa participação de seus membros como discípulos missionários para dar continuidade à obra e missão de seu Mestre.

Os discípulos, “estes tem a incumbência de anunciar e transmitir a manifestação feita por Deus ao mundo na pessoa de Jesus Cristo” (SCHULZ, 1969, p. 89). Para tanto é necessário dispor-se e crer que “a palavra de Cristo aos seus discípulos, ‘segue-me’, se torna imperativo absoluto e incondicionado que, continuando a ressoar ao longo da história da Igreja” (CIARDI, 2003, p. 952) e continua chamando discípulos para segui-lo. Ser discípulo supõe que este deve conhecer seu mestre para segui-lo e imitá-lo, mas para isso se faz necessário crer.

Recordando que “... ‘seguir’ tem, antes de tudo, simplesmente o significado de acompanhar a Jesus (Jo 1,37ss; 6,2; 12,19; 21,20), sendo também empregado para indicar a função de discípulo” (Jo 1,40.43) (SCHULZ, 1969, p. 90), adentra-se a uma nova necessidade na compreensão da composição do ser discípulo onde “também o conceito de seguir tomou o significado de crer (Jo 8,12; 10,4.5.27) (SCHULZ, 1969, p. 90). Este fator torna-se o motor para concretizar a vida discipular porque sem crer na escolha e no chamado dificilmente haverá uma resposta de discípulo que reconheça o mestre. Logo,

a possibilidade de se tornar seu seguidor já não se acha limitada apenas a um determinado grupo de colaboradores, mas, ele chama a todos os cristãos, isto é, a todos que aceitaram a fé e o amor como um dom da

graça. Para João, o “seguir” é essencialmente um dom de Deus e não uma realização do homem. Ele representa a possibilidade geral, concedida por Deus a todo cristão sem qualquer limitação de tempo ou lugar, de pertencer à comunidade de Cristo (SCHULZ, 1969, p. 102).

A fé é um dom concedido. Ser discípulo de Jesus também é dom porque não é o discípulo quem faz esta escolha, é o próprio Jesus quem chama para o seguimento e pela fé o discípulo corresponde. Cristo no seu chamamento ultrapassa os limites institucionais e na liberdade chama a quem ele escolher.

O discípulo escolhido deve sentir-se chamado e escolhido a ajudar na formação de mais discípulos que venham contribuir para a mesma missão do corpo que é a Igreja (cf. DAp, n. 1). Adentrar para o serviço eclesial é tornar-se dom à missão evangelizadora que tanto a Igreja recomenda (cf. DAp, n. 32).

Nesse sentido, sob parâmetros evangélicos, Schulz concebe um novo significado para a expressão seguir e discípulo. No qual “o significado original dos conceitos de ‘seguir’ e de ‘discípulo’ nos três Evangelhos mais antigos poderia ser definido como um serviço prestado ao reino de Deus em comunhão com o Senhor” (SCHULZ, 1969, p. 86). Um discípulo poderá ser escolhido sem fazer parte do corpo institucional da Igreja, mas ao passo que é convocado à missão, este se torna uno com a comunidade Igreja em grau de prestação de serviço ao Reino de Deus.

Da mesma forma, também a “tradução” do verbo “seguir” para o nosso mundo, para a nossa vida, para a nossa situação concreta de cristãos deve ter sempre presente o sentido primitivo deste termo, que é: prestar serviços ao reino de Deus, em comunhão com Cristo e com os cristãos, serviço este que não pode subsistir, se não for também prestado para com todo o mundo em nome dele (SCHULZ, 1969, p. 125).

Ser discípulo é um processo que não depende somente do discípulo, este precisa da consciência de que o seu discipulado irá se desenvolver a partir da profundidade da comunhão com Cristo e com os cristãos. Ou seja, o discipulado desenvolve-se na medida do encontro com Cristo, com os irmãos e isso se dá na vida de comunidade. “Pensar na Igreja, querê-la e vivê-la como Jesus Cristo a quer, ir aonde Jesus vai e para onde Jesus a guia são outros tantos constitutivos do seguimento” (MONGILLO, 1989, p. 1047). Esta consciência desperta para a

necessidade da pessoa expressar sua crença em comunhão com a comunidade eclesial.

Mencionar a comunidade eclesial remete para o testemunho concreto daqueles que creram e conviveram com Jesus. Ou seja, daqueles que formaram as primeiras comunidades e que o seu testemunho ultrapassou os tempos (cf. Mc 1,14-20; At 1,12-14). Hoje se anuncia com segurança tal testemunho porque o mesmo é fonte de fé e exemplo concreto de vida para compreender o que vem a ser a vida discipular. Um discípulo faz-se notar por sua convicção de fé quotidiana. E isso se concretiza na vida de comunidade. O Documento de Aparecida relata a experiência daqueles que pela experiência de fé testemunharam a Jesus.

Eles se sentiram atraídos pela sabedoria das palavras de Jesus, pela bondade de seu trato e pelo poder de seus milagres. E pelo assombro inusitado que a pessoa de Jesus despertava, acolheram o dom da fé e vieram a ser discípulos de Jesus. Ao sair das trevas e das sombras de morte (cf. Lc 1,79), a vida deles adquiriu plenitude extraordinária: a de haver sido enriquecida com o dom do Pai. Viveram a história de seu povo e de seu tempo e passaram pelos caminhos do Império Romano, sem esquecer o encontro mais importante e decisivo de sua vida que os havia preenchido de luz, força e esperança: o encontro com Jesus, sua rocha, sua paz, sua vida (DAp, n. 21).

A dimensão do seguimento é ampla porque envolve o ser e o agir da vida da pessoa. O discípulo passa por um processo de integração de corpo e alma, mente e coração, desejo e renúncia porque sentirá que já não pode apenas agir por si mesmo. “O seguimento é fruto de uma fascinação que responde ao desejo de realização humana, ao desejo de vida plena. O discípulo é alguém apaixonado por Cristo, a quem reconhece como o mestre que o conduz e acompanha” (DAp, n. 277). O discípulo passa a não sentir-se mais sozinho porque a aspiração pela vida do mestre passa a preenchê-lo. A vida e a missão do mestre tornam-se o sentido da vida e da missão do discípulo.

Do seguimento e encantamento discipular percebe-se a necessidade de ligação desses aspectos para com a função confiada. Não basta ser um dos escolhidos e reconhecer o Mestre é preciso corresponder à graça confiada. Identificar e impregnar na vida as características que apontam para o que é ser discípulo é crescer no conhecimento e exercício do discipulado.

Como características do discípulo, indicadas pela iniciação cristã, destacamos: que ele tenha como centro a pessoa de Jesus Cristo, nosso Salvador e plenitude de nossa humanidade, fonte de toda maturidade humana e cristã; que tenha espírito de oração, seja amante da Palavra, pratique a confissão freqüente e participe da Eucaristia; que se insira cordialmente na comunidade eclesial e social, seja solidário no amor e fervoroso missionário (DAp, n. 292).

O Documento de Aparecida aponta claramente para a compreensão das condições do seguimento discipular que se abre para todos os fiéis da Igreja. “É mister reinterpretar constantemente o que significa seguir Cristo. Seguir é viver, amar, crescer em fidelidade, comprometer-se na construção do reino e solidarizar-se na justiça e na amizade” (MONGILLO, 1989, p. 1041). Servir ao Senhor é missão que todo fiel pode desempenhar onde e como se encontrar concretizando seu seguimento discipular.

As condições apresentadas por Jesus para que seus discípulos pudessem segui-lo, enquanto os Doze, não diferem das considerações e condições apresentadas para todo o fiel que deseja fazer o mesmo nos dias de hoje. “O seguimento realiza-se no tempo e no espaço, em relação, com os homens, com o compromisso de resolver os conflitos históricos” (MONGILLO, 1989, p. 1047).

Pode-se assim juntar os variados conceitos que os termos discípulo e seguimento foram adquirindo com o passar do tempo sob as necessidades de cada época para se compreender o que os mesmos significam. A partir dos escritos dos autores citados os termos “seguir” e “discípulo” se unem formando um conceito especial que assim podemos conceituar quem é o discípulo: discípulo é aquele que segue e torna-se discípulo porque crê naquele que o chamou para o seguimento. Aquele que segue torna-se discípulo porque ao decidir acompanhar o Mestre abre-se para o ato de crer.

Pode-se atribuir ao conceito de discípulo também a atitude de crer porque seguir supõe crer naquele que se aceita seguir. “Seguir não é mais ação física. O seguimento equivale agora a crer” (CIARDI, 2003, p. 953). O seguimento torna-se discipular porque é uma atitude que vem a vincular o mesmo significado. O seguimento e o discipulado são atitudes que não podem estar apenas no nível da superficialidade, pois tornaria tal atitude inválida.

O fato, porém, de que a Igreja tenha interpretado o seguimento a Jesus nesta sua versão mais “ampliada” deve-se a uma exigência inteiramente legítima. De fato onde a Igreja difunde o apelo para seguir a Jesus, onde o mesmo é escutado, aceito com fé e posto em prática, onde homens abrem de par em par as suas vidas a esse apelo, empenhando-se em seguir, aí o seguir a Jesus já não pode ser realizado no seu sentido originário (SCHULZ, 1969, p. 124).

O seguimento de Jesus é um seguimento que envolve atitude. Jesus não chama para não fazer nada. Mesmo aquele que não tem uma tarefa específica na Igreja é chamado a testemunhá-lo. “O ‘seguidor’ é responsável dentro e fora da Igreja e pela Igreja, promove a comunhão recíproca de seus membros e realiza, por sua vez, a missão da Igreja” (MONGILLO, 1989, p. 1047). Viver o ensinamento de Jesus é estar missionando no meio onde quer que se encontre.

Por isso, “o seguimento nunca é estático, repetitivo, fixo; é dinâmico, criativo e responsabilizante” (MONGILLO, 1989, p. 1047). Jesus conscientizava seus discípulos sobre as consequências e do compromisso e responsabilidade em segui-lo. Ele proclamava abertamente: “Se alguém me quer seguir, renuncie-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me” (Mc 8,34). Quando se referiu a questões de garantia de bem estar e segurança pessoal, Jesus alertou: “As raposas têm covas, as aves do céu, ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça” (Lc 9,58). Com clareza disse que “quem quiser salvar a sua vida, perdê-la-á; mas quem sacrificar a sua vida por amor de mim, salvá-la-á” (Lc 9,24). A partir das palavras de Jesus se entende que “seguimento certamente não é nenhum agir de acordo com normas pré-estabelecidas, e sim, antes, a tentativa de assumir na realidade da própria vida a orientação e a figura básica de Jesus, fazer valer para si a exigência de Jesus” (BLANK, 1993, p. 822). Quem segue Jesus é chamado a viver como ele viveu e crer a ponto de entregar a própria vida, se necessário.

Entende-se então que seguir não é apenas um seguimento na compreensão literal do que o termo expressa aparentemente, mas é testemunhar com palavras, atitudes e fé o ensinamento do Mestre. “Somente a fé em Jesus – que é o portador da revelação -, fé esta que, além disto, é um dom de Deus, é que pode constituir o pré-requisito indispensável para ser seu seguidor autêntico. Sem fé, até mesmo o convívio terreno com Jesus terá bem depressa um fim” (SCHULZ, 1969, p. 81). Para

quem crê no Jesus que se fez terreno e permanece presente no mundo ressuscitado precisa incessantemente alimentar a fé que faz crer e seguir como seus discípulos.

Olhar para o Cristo como pessoa e como aquele que é a fortaleza no exercício da vivência da missão discipular, essencialmente, é concretizar os primeiros passos para a formação da vida de discípulo. E não se pode parar nisso. Ser discípulo “implica antes de tudo favorecer de todas as formas uma relação interpessoal, de amizade, de intimidade, de amor-paixão pela pessoa de Cristo. É isso precisamente que significa ser ‘discípulo’. Aqui em verdade somos remetidos à esfera da espiritualidade ou da mística” (BOFF, 2007a, p. 1015). Este contato próximo com o Mestre permitirá perceber não apenas seu modo de ser exterior, mas particularmente a sua forma de expressar-se intimamente, o reflexo de seu espírito, de sua alma. E isso é o que realmente forma o ser discipular.

Diante de tais colocações considera-se que o processo de amadurecimento e permanência no seguimento discipular é possível de ser concretizado. Crer é elemento fundamental para sustentar a vida do discipulado. Do relacionamento Mestre-Discípulo que se concretiza a partir da experiência de fé germinará a espiritualidade.

Pelo fato da fé caracterizar o ser do discípulo missionário na comunidade eclesial e requerer uma ação evangelizadora do discípulo onde e com quem ele se encontrar, a fé é o caminho que conduz o discípulo para que ele possa realizar sua experiência com a pessoa de Jesus Cristo.

3.3 SER DISCÍPULO DE JESUS

A trajetória que compõe a história comprova a existência e a organização de grupos que seguiam determinado mestre. Nele buscavam o conhecimento e a sabedoria. Muitas são as fontes que nos dão a conhecer sobre este processo de formação e constituição de tais grupos desde a antiguidade¹². Para exercer a

¹² Para maior conhecimento e esclarecimento destes diversos grupos que surgiram na história indica-se: THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. **O Jesus Histórico**. Tradução: Milton Camargo Mota; Paulo Nogueira. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2004. Essa obra traz uma detalhada explicação sobre o contexto das circunstâncias históricas que envolveram a vida e a atividade de Jesus e que ajuda na compreensão da formação do grupo dos discípulos de Jesus. Outra obra é: GAARDER, Jostein. **O mundo de Sofia**. Romance da história da filosofia. Tradução: João Azenha Jr. 5 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. Nesta obra o autor apresenta os nomes dos principais filósofos que se destacaram na história a partir da influência de seu pensamento e ação na sociedade, os quais

formação dos discípulos e obter o bom êxito deste processo a escolha do modelo formativo pelo mestre tornava-se fundamental.

Reconhecer alguém como mestre é admitir que, seguindo a esse como discípulo, se realizará um caminho de aprendizado. Mestre é aquele que tem algo a ensinar e os discípulos são aqueles que darão continuidade a esse ensinamento. O mestre perpetua seu ensinamento por meio de seus discípulos e os discípulos aprendem a viver através da observação do agir de seu mestre¹³.

Ao abordar o tema ser discípulo de Jesus torna-se necessário falar que Jesus também se fez Mestre e organizou um grupo de discípulos junto de si. A compreensão do termo discípulo, usado por ele, foi adaptando-se conforme as necessidades que se apresentavam com o passar do tempo. Hoje, após dois mil anos do chamado e da organização do grupo dos seus primeiros discípulos, a Igreja continua a sua obra de missão e evangelização para todos os seus membros e aos que dela desejarem se aproximar.

Como destaca o Documento de Aparecida: a Igreja é “chamada a fazer discípulos e missionários de Cristo, Caminho, Verdade e Vida, para que nossos povos tenham vida nEle” (DAP, n. 1). Ela prossegue buscando compreender e aprofundar a arte de aprender ser e formar discípulos de Jesus Cristo, a fim de que a obra da ação evangelizadora continue se espalhando por todo o mundo. Assim, ela realiza sua missão de cumprir o mandato de seu Mestre (cf. Mt 28,19-20). Para melhor entender a espiritualidade do discípulo missionário em nossos dias, vejamos a seguir como Jesus chamou seus discípulos.

Após ter passado a noite em oração, Jesus chamou os que ele quis para ficar com ele (cf. Lc 6,12-16; Mc 3,13-19). Para Jon Sobrino, (1999 apud BOMBONATTO, 2002, p. 34) “um fato histórico assegurado é que Jesus chamou diferentes pessoas

formaram grupos de seguidores e formadores de opinião. Dentre estes o autor cita a pessoa de Jesus, não como um filósofo, mas como profeta e ressalta: “O que diferenciava Jesus dos demais profetas que diziam ser o Messias era o fato de ele admitir publicamente que não era um comandante militar ou político. Sua tarefa era muito maior. Ele pregava a redenção e o perdão de Deus para todos os homens” (GAARDER, 1995, p. 174).

¹³ Werner Jaeger em seu livro **Paidéia**. A formação do homem grego, apresenta os grandes personagens que compõe a história da educação no mundo grego e seus métodos de transmissão do conhecimento os quais se tornaram grandes mestres por apresentar e defender suas teses e convicções. Eles foram seguidos e ouvidos por discípulos que se tornaram adeptos de suas teorias. Ao escrever sobre os grandes mestres da educação grega, a respeito de Sócrates, ele diz: “Sócrates é uma dessas figuras imortais da História que se converteram em símbolo. (...) Para a formação dessa imagem não contribuíram tanto a sua vida e a sua doutrina, se é que ele realmente professava alguma, como a sua morte, sofrida por causa das suas convicções” (JAEGUER, 2010, p. 493). Logo, mestre é aquele que se faz não só por saber usar da arte das palavras para convencer discípulos, mas também porque é reconhecido por suas atitudes.

para segui-lo em comunhão de vida, missão e destino”. Era o início do grupo dos seguidores de Jesus¹⁴, conhecidos na história como os discípulos de Jesus.

Os discípulos compartilhariam da experiência de vida com o próprio Jesus. “Para tomar parte em sua missão, quem é chamado deve estar disposto a compartilhar de sua vida, destino e de seu sofrimento: ‘Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me’ (Mc 8,34)” (MONGILLO, 1989, p. 1043). A partir do chamado dos doze primeiros seguidores, Jesus continua chamando pessoas para permanecer com ele. Aquele que aceita tornar-se discípulo de Jesus dá continuidade ao itinerário apontado por Sobrino e Mongillo, ou seja, quem segue Jesus como discípulo partilha da sua vida, missão e destino.

Para melhor compreender por que Jesus institui o seu grupo de discípulos é preciso entender a missão de Jesus. “Jesus fora enviado a Israel com o objetivo de preparar o povo das doze tribos para o advento do reino de Deus. Todo aquele que mudar de vida e acreditar no seu Evangelho (cf. Mc 1,14ss) entrará no reino de Deus” (SCHULZ, 1969, p. 65). O Documento de Aparecida também lembra:

O projeto de Jesus é instaurar o Reino de seu Pai. Por isso, pede a seus discípulos: ‘proclamem que está chegando o Reino dos céus’ (Mt 10,7). Trata-se do Reino da vida. Porque a proposta de Jesus a nossos povos, o conteúdo fundamental dessa missão, é a oferta de vida plena para todos (DAp, n. 361).

Tal era a compreensão de sua missão e para concretizá-la Jesus organizou o grupo dos seus seguidores. Jesus organizou o seu grupo de discípulos a exemplo de outros grupos que existiam na época. Um dos modelos conhecidos era o modelo rabínico o qual consistia no seguinte processo: “os jovens israelitas escolhiam, livre e espontaneamente, seu mestre. [...] O mestre devia ser, de preferência um ancião

¹⁴ Teologicamente a expressão seguimento tem seu significado alicerçado desde o Antigo Testamento. “O AT descreve o modo de vida de Israel, sua conduta moral e sua vivência de fé em termos de via, caminho e estrada. Povo nômade e concreto, Israel exprimia facilmente sua relação com Deus usando imagens de itinerância: seguir a Deus, caminhar humildemente com ele (cf. Dt 10,12-13; Mq 6,8). [...] Na plenitude dos tempos, veio ele mesmo, na pessoa do Filho, para estar a caminho com os homens” (CIARDI, F. Seguimento. In: **Dicionário de Mística**. São Paulo: Paulus, 2003, p. 952). Outra fonte sobre o seguimento encontra-se na figura de Elias e Eliseu, personagens do AT: “Elias, e mais tarde também Eliseu, possui um grupo de discípulos-profetas que também promovem a causa do ‘mestre’ e formam com ele uma espécie de comunidade de vida” (BLANK, J. Seguimento. In: **Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia**. Direção: Peter Eicher. Tradução: José Rezende Costal. São Paulo: Paulus, 1993, p. 819).

sapiente que tivesse qualidades intelectuais e fosse também exemplo de vida moral” (Di Segni apud BOMBONATTO, 2002, p. 40). Quanto às atitudes quotidianas do discípulo em relação ao mestre, este não poderia “chamar o mestre pelo nome, quando o mestre chegava, devia levantar-se; [...] não podia discordar de seus ensinamentos; ao caminhar em companhia do mestre, não devia andar ao lado dele, mas segui-lo a uma distância razoável” (Di Segni apud BOMBONATTO, 2002, p. 40). O mestre representava alguém superior e devia ser respeitado profundamente por seus seguidores.

Para um israelita, no tempo de Jesus, era uma honra frequentar a escola rabínica e aprender a essência da vida religiosa hebraica para melhor praticá-la. Compreende-se assim a importância e o significado para um israelita em participar de uma escola rabínica.

Outra comparação que merece destaque ao observar a pessoa e o grupo de Jesus são as diferenças encontradas com a pessoa e mensagem de João Batista¹⁵.

A atividade de João Batista situa-se ‘no deserto’ (Mt 11,7 e par.), isto é, o que ele publicamente faz está na linha da tradição do Êxodo. O deserto é o lugar do futuro esperado, do escatológico novo início e da conversão. Isso por si já mostra uma opção de espiritualidade: não é a espiritualidade do templo e de Jerusalém, de Sião (no judaísmo também um lugar de esperanças escatológicas do futuro). Mas é a espiritualidade do deserto que domina a atuação de João (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 119).

No que se refere à pregação de João Batista essa é fundamentada no profetismo do Antigo Testamento¹⁶. O que ele apresenta de novidade é o batismo,

¹⁵ João Batista: reconhecido por sua atitude ascética, por não possuir propriedade, não trabalhar para o seu sustento, pelo desprezo aos bens culturais como o pão e vinho, se alimentar do que o deserto oferece, veste-se com pêlos de camelo e uma tira de couro na cintura (cf. SCHILLEBEECKX, 2008, p. 120). É considerado “uma figura não-messinânica; também não é um zelote; sua mensagem direta não é política, encontra-se fora do movimento dos zelotes, fora do messianismo, fora da apocalíptica. Sua mensagem foi um ataque frontal contra três expectativas essenciais no judaísmo da época: a esperança escatológica do aniquilamento dos inimigos de Javé e, por conseguinte, dos inimigos de Israel; a vitória final e o domínio mundial do próprio Israel; e a garantia de salvação pela promessa feita a Abraão” (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 128).

¹⁶ “Historicamente é inegável que tanto a comunidade cristã Qumran, quanto Mateus e Lucas entenderam a atuação de João Batista e de Jesus (e também da sua própria comunidade cristã) à luz dos movimentos judaicos mais antigos, os hassideus, que tinham orientação escatológica sobre a metanóia, isto é, da penitência e conversão (Lc 13,34-35; 6,22; Mt 11, 16-19; ver também Lc 9,58; 11,31-32). Pelas próprias fontes judaicas, e também por fontes profanas, sabemos que desde o tempo dos Macabeus operaram no vale do Jordão diversos movimentos de batistas. João juntou-se a movimentos de animação religiosa já tradicionais, que haviam surgido sobretudo após a destruição

sendo a exortação à conversão o ponto central (cf. SCHILLEBEECKX, 2008, p. 122). Jesus após ser batizado por João também se retirou para o deserto, mas não permaneceu ali (cf. Mt 3,13-17). Retornou para as aldeias e povoados e iniciando sua missão sempre estava rodeado pela multidão que o procurava (cf. Mc 1,37-39). Conforme cita os Evangelhos Jesus mal tinha tempo para comer e à noite se retirava para rezar.

Jesus, ao invés de se isolar, anda pelo país inteiro, para levar a todos sem exceção uma boa nova; procura a única ovelha perdida; não está aí para pessoas de boa saúde (os que se julgam 'piedosos'), mas para os doentes (Mc 2,17), isto é, para todos. Por isso, come e bebe com publicanos e pecadores, a fim de levar também a eles a prova do amor de Deus (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 138).

Vê-se, portanto que há uma diferença fundamental entre a mensagem de João e a mensagem de Jesus. João por anunciar uma mensagem com tom ameaçador é caracterizado como profeta da calamidade, ao passo que Jesus, o profeta da salvação (cf. SCHILLEBEECKX, 2008, p. 133). O que diferencia Jesus é a sua atitude de proximidade e de misericórdia com todas as pessoas, ele veio para anunciar uma mensagem de amor.

Assim, observa-se que Jesus ao constituir o seu grupo, tanto adaptou o modelo rabínico como o modo de vida e a pregação exercida por João Batista. Usando dos mesmos costumes e das tradições de seu povo e de seu tempo, Jesus inovou diferenciando-se no modo de escolher seus discípulos, no modo como agia e ensinava. Algumas dessas diferenças e inovações

aparecem no fato de somente *ele* poder escolher livremente outros homens como discípulos seus e induzi-los, mesmo antecipando a vontade deles, a ingressarem na sua comunidade. Além disso, a função de discípulo de Jesus não tem limitação de tempo. Na formação de seus discípulos, não existe um prazo que lhes permita conquistar, por direito, a autoridade de mestres (SCHULZ, 1969, p. 28).

do templo (587 a.C.), em formas sempre renovadas de iniciativa de metanóia” (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 110). Segundo as colocações de Gerd Theissen e Annette Merz, “é indiscutível: o movimento de João Batista pertence a uma série de movimentos de renovação no judaísmo, que em face do perigo da assimilação helenística pretendiam perseverar e redefinir a identidade judaica” (THEISSEN; MERZ, 2004, p. 165).

As diferenças na formação desse novo grupo surpreenderam as expectativas dos grupos da época. Esse novo mestre introduzia um método novo, onde a vontade do discípulo não era prioridade no momento da escolha e da aceitação no grupo. Outra característica que diferenciou fortemente este grupo é que os integrantes não chegariam ao grau de superar o próprio mestre. Enquanto que em outros grupos os discípulos eram formados para tornarem-se futuros mestres.

Sendo que para o grupo de Jesus, a tarefa formativa não possuía data ou tempo previsto para conclusão, isso demonstra que esse novo modelo de seguimento era muito mais uma proposta de vida do que apenas um tempo previsto para adquirir conhecimento. “A relação mestre-discípulo não se limita ao fato de ensinar e aprender uma doutrina, pois é uma comunhão vital com Jesus e se traduz na obediência incondicional à sua palavra” (BOMBONATTO, 2002, p. 45). Essa proposta tomava ainda outra dimensão quando Jesus se apresentou como o centro, o elo e a base de sustentação para a realização do caminho discipular.

O chamado que Jesus Mestre faz, implica uma grande novidade. Na antiguidade, os mestres convidavam seus discípulos a se vincular com algo transcendente e os mestres da Lei propunham a adesão à Lei de Moisés. Jesus convida a nos encontrar com Ele e a que nos vinculemos estreitamente a Ele, porque é a fonte da vida (cf. Jo 15,1-5) e só Ele tem palavras de vida eterna (cf. Jo 6,68) (DAp, n. 131).

Deparamo-nos assim com a característica fundamental para identificar o discípulo de Jesus Mestre, a qual está estritamente ligada com a experiência a ser realizada pelo escolhido. “O centro do seguimento não é mais a Lei, mas Jesus e a fé na sua pessoa como o enviado do Pai e Filho de Deus” (BOMBONATTO, 2002, p. 44). Esse vínculo estreito com a pessoa de Jesus aponta a diferença fundamental com a lei judaica. “Com isso a lei judaica é declarada insuficiente como caminho de salvação” (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 218). Agora, Jesus se apresenta como o caminho para quem deseja alcançar a salvação.

Outra novidade apresentada por Jesus no modo de conduzir o seu grupo é a característica de perder a vida (cf. Mc 8,34-35). “Seguir Jesus até o fim significa

disponibilidade a dar da própria vida e até a própria vida. O *sacrificium intellectus* se integra então no *sacrificium vitae*” (SOBRINO, 2000, p. 479). O discípulo de Jesus dispõe de sua vida para segui-lo onde for e depois compreende que sua vida pode ser sacrificada por essa escolha e decisão¹⁷.

Pode-se destacar uma outra característica do discípulo de Jesus: esse se prepararia para ser sempre discípulo do mesmo e único Mestre a ponto de entregar a vida por ele. “Historicamente, acompanhar Jesus e estar assim à disposição do Reino de Deus exigia prontidão para *sofrer* a serviço desse reino e por sua causa. ‘Se alguém quer me seguir deve renunciar a si mesmo, tomar a sua cruz e seguir-me’ (Mc 8,34)” (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 220). Por isso, “entre Jesus e seus seguidores existe grande comunhão de vida” (MONGILLO, 1989, p. 1043). Tal experiência¹⁸ deveria se realizar a partir do encontro e da convivência com a pessoa do Mestre.

Para o Cardeal Dom Cláudio Hummes, “o discípulo nasce do encontro forte e pessoal com Jesus” (HUMMES, 2007, p. 10). “Tudo parte de um encontro e de uma palavra autorizada, eficaz e criativa de Jesus: Segue-me. Essa palavra expressa sua vontade eletiva em relação à pessoa chamada” (BOMBONATTO, 2002, p. 44). A partir destas considerações torna-se mais claro o que designa quem é o discípulo seguidor de Jesus Cristo.

¹⁷ Muito propícia a colocação de Jon Sobrino sobre a característica da necessidade de o discípulo doar a vida por causa de Jesus. O teólogo, diante da crucificação de Jesus, ao mesmo que reconhece que o discípulo de Jesus é coerente até as últimas consequências com a proposta de Jesus, lamenta que ele deva perder a própria vida. É um acontecimento doloroso, pois homens como D. Oscar Romero, perderam a vida de modo prematuro por se manter fiel ao compromisso e a proposta de seguimento de Jesus. Assim expõe Sobrino: “Um Messias crucificado: ‘o mistério messiânico’ – em primeiro lugar sua dimensão positiva, pois um Messias crucificado destroça aquilo que nós seres humanos temos de visão mágica do messianismo. (...) Messias crucificado crucifica, e assim sana, concepções messiânicas inclinadas ao mecânico, mágico e egoísta. (...) Em segundo lugar, como pode algo tão escandaloso: um Messias crucificado nos põe brutalmente diante do *mysterium iniquitatis*. Os melhores ‘Messias’, ao longo da história, pessoas como Dom Oscar Romero, são perseguidos e em três anos acabam com ele. Por que este mundo, criação de Deus, é capaz de assassinar os melhores, aqueles que trazem a salvação?” (SOBRINO, 2000, p. 231).

¹⁸ Essa experiência de renunciar a si mesmo e carregar a sua cruz “no seu sentido pré-pascal soteriológico significa: esse acompanhar Jesus, na sua peregrinação para anunciar o reino de Deus, ainda, encontrará resistência e levará ao sofrimento. (...) A expressão ‘carregar a sua cruz’ encontra-se também na tradição Q; esta não conhece uma teologia da cruz como outras comunidades. O texto não diz ‘carregar a *minha* cruz’, o que seria paulino, e sim: ‘carregar a sua cruz’, fazendo necessariamente referência pós-pascal à morte de Jesus na cruz. Também no grego profano se usa a expressão ‘carregar a sua cruz’, mas não é semítica. De outro lado, M. Hengel acha que a expressão ‘carregar a sua cruz’, pode ter sido comum entre os zelotes, porque a crucificação era a pena de morte usada contra esses revolucionários, e muitos palestinos lembravam-se nitidamente dos crucificados que já tinham visto. Em todo o caso, na tradição Q, ‘carregar a sua cruz’ foi entendido em sentido metafórico. É uma exortação para estar pronto a sacrificar a vida, aceitando o martírio. (...) Portanto, também nas perseguições é preciso estar incondicionalmente a serviço do reino de Deus” (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 220).

Na obra de Schulz, “Discípulos do Senhor”, encontra-se o conceito do termo discípulo como “os seguidores do Jesus histórico, sobre tudo os doze” (SCHULZ, 1969, p. 17). O que vem a ser um conceito básico para designarmos aqueles que seguiam Jesus enquanto ele esteve aqui na terra antes de sua morte e ressurreição. Nota-se que os termos seguir e discípulo se fundem, complementando-se mutuamente.

Seguir é palavra utilizada nos textos bíblicos neotestamentários com acepções diversas. Expressa a relação diferenciada que surge entre Jesus Cristo e os homens que se uniram a ele, e refere-se tanto aos que no tempo de seu ministério público o seguiram mais ou menos constantemente, quanto aos que creram nele por causa da pregação dos apóstolos depois do Pentecostes, ou enfim, ao numeroso exército dos que vivem em plena e definitiva união com ele em Deus (MONGILLO, 1989, p. 1042).

É importante ressaltar que ocorre uma abertura para a compreensão de quem é discípulo e essa toma forte consistência a partir de textos do próprio Evangelho e também a partir de escritos posteriores. As expressões apontam que havia um número maior de discípulos do que apenas os doze primeiros chamados e escolhidos.

Conforme algumas passagens dos Evangelhos, distingui-se a pessoa do discípulo e a pessoa do apóstolo (cf. Mc 3,14; Lc 6,13). Já “no evangelho de João o termo discípulo indica na maioria dos casos, de acordo com a interpretação original da tradição sinóptica – o discípulo de Jesus que principia a viver em companhia do seu Mestre, no sentido original do termo” (SCHULZ, 1969, p. 79). E nesse sentido no grupo de Jesus constava também a presença feminina. Podemos conferir a partir de textos bíblicos a presença de mulheres que acompanhavam o Mestre como suas discípulas (cf. Lc 8; Mc 15,40-41; Jo 20,18).

Buscando delinear os traços característicos do que é ser discípulo de Jesus torna-se necessário observar a diferenciação entre os discípulos escolhidos que são os doze, os demais discípulos, que passaram a conviver com Jesus e os que passariam a ser designados seguidores de Jesus. “Com o termo ‘discípulo’ indicam-se, nos Atos dos Apóstolos todos os batizados” (SCHULZ, 1969, p. 110). O batizado exercendo a comunhão de participação na Comunidade Igreja recebe a mensagem da qual deve ser o mensageiro. O batizado torna-se o discípulo que dará

continuidade no anúncio feito por Jesus. Ao exercer tal missão, esse passa a concretizar a vocação para a qual foi chamado e o seu testemunho é incentivo para que outros se sintam encorajados a seguir no mesmo caminho.

Verifica-se que a abrangência do conceito toma proporções maiores do que a simples conotação considerada no princípio do chamamento feito por Jesus. “Os Atos dos Apóstolos são o primeiro testemunho escrito referente à vida da Igreja em que o cristão é identificado com discípulo: ‘... e foi em Antioquia que foi dado pela primeira vez aos discípulos o nome de cristãos’ (11,26)” (SCHULZ, 1969, p. 103). A partir desse fato, ser discípulo-seguidor de Jesus é ser cristão.

Para melhor compreender como a Igreja chegou a proclamar a todo cristão como discípulo missionário responsável por anunciar o projeto de Jesus, considera-se a observação de Schulz. Ele explica como se chegou à conclusão de que discípulo tanto é aquele que seguiu pessoalmente a Jesus como aqueles que receberam tal título por haver se tornado cristãos.

O testemunho dos Atos dos apóstolos – que designam como discípulos a cristãos que certamente não foram seguidores de Jesus durante a sua vida terrena, como, exemplo, Paulo (9,26) ou Timóteo (16,1) – vem confirmar que o conceito de discípulo já não exige mais uma ligação direta com o Jesus histórico, privilégio este que pertence exclusivamente aos que perfazem o grupo dos Doze, ou comunidade dos Apóstolos (SCHULZ, 1969, p. 104).

A diferenciação identifica-se a partir das próprias referências bíblicas, seja pela conotação atribuída pelas comunidades, seja pelo teor teológico pelas quais as mesmas se aperfeiçoaram. Mongillo também destaca como ocorreu essa mudança.

A transformação que o seguimento experimentou depois do Pentecostes, quando não mais significou a relação com o Jesus histórico, porém com o Cristo ressuscitado. Páscoa, Ascensão e Pentecostes influíram de forma decisiva na vida dos apóstolos, dos discípulos e, em geral, de todos os seus seguidores (MONGILLO, 1989, p. 1042).

É importante perceber que a partir de então o discípulo não é somente aquele que seguiu o Jesus histórico ou aquele que teve a oportunidade de conviver com

algum dos apóstolos. Percebe-se assim que a comunidade Igreja, em seus primeiros anos, viveu fortes impulsos conduzindo-a a aceitar novas conotações quanto ao conceito de discípulo.

Estas novas conotações propiciaram mudanças na compreensão do que é ser discípulo e não somente na concepção literal do termo.

Se compararmos Lc 9,60 com At 14,22 podemos constatar quanto se foi transformando – de Lucas até aos Atos dos Apóstolos – o conceito de ‘discípulo’ como a idéia de vocação e salvação, até dar uma reviravolta completa. Em Lucas se diz: ‘... tu, vai *anunciar* o reino de Deus’ (9,60). Nos Atos, porém (14,21), os primeiros mensageiros da fé cristã tem a incumbência de ‘confirmarem a alma dos irmãos, exortando-os a perseverarem na fé, advertindo que através de muitas tribulações é que temos de *entrar* no reino de Deus’ (SCHULZ, 1969, p. 111).

Os conceitos modificam-se e aperfeiçoam-se, mas a essência do que significa ser discípulo de Jesus permanece a mesma. Considera-se que ser discípulo do Mestre Jesus é aceitar envolver a própria vida num itinerário que conduz a experiência do encontro pessoal com o próprio Jesus e com sua comunidade discipular.

Tais afirmativas tornam-se fundamento para que hoje a Igreja possa assegurar que, como discípulos de Jesus, todos se tornam responsáveis na continuidade de sua obra e missão. Por isso, para quem aceita o convite de seguir como discípulo aceita o compromisso com a pessoa e o projeto de Jesus Cristo e crê na realização de tal proposta.

Para aprofundar a compreensão de onde o discípulo encontra a força para sustentar sua vida de fé e seguimento da pessoa de Jesus será refletido sobre a ação da graça batismal na vida do mesmo.

3.4 DISCÍPULOS PELA EXPERIÊNCIA BATISMAL

Ao abordar o tema discípulos pela experiência batismal objetiva-se refletir que pela experiência do batismo o discípulo se sente convocado a exercer o discipulado na comunidade eclesial.

Vimos anteriormente que para ser discípulo de Jesus é preciso crer. A fé leva ao compromisso batismal e este ao compromisso com a comunidade eclesial. Fé e batismo são caminhos para a realização da experiência da vida discipular. No desenvolvimento do processo discipular, a fé e o batismo, são o portal de acesso para uma vida eclesial compromissada.

A Igreja confiante na atividade discipular espera que a ação evangelizadora seja concretizada com a colaboração de todos os seus fiéis (cf. LG, n. 17). Ela sabe que sua força está no empenho e na dedicação de seus membros que testemunham a fé que foi professada pela unção batismal¹⁹. “Fé e batismo não se excluem, mas se exigem mutuamente” (SCHNACKENBURG, 1973, p. 117). Pela experiência de fé e pelo batismo o discípulo experiencia que deve fazer parte da vida de comunidade de fé. Mesmo quem não participa ativamente de uma comunidade, a partir da experiência do chamado e do encontro com o Mestre, sente que deve participar da vida ativa da comunidade de fé. O batismo leva a pessoa a assumir concretamente sua fé e a fé conduz a pessoa a concretizar sua vida de missão.

O próprio Jesus deu esse exemplo ao iniciar sua vida de missão após ser batizado no Jordão.

No começo de sua vida pública, depois de seu batismo, Jesus foi conduzido pelo Espírito Santo ao deserto para se preparar para a sua missão (cf. Mc 1,12-13) e, através da oração e do jejum, discerniu a vontade do Pai e venceu as tentações de seguir outros caminhos. Esse mesmo Espírito acompanhou Jesus durante toda sua vida (cf. At 10,38) (DAp, n. 149).

Jesus, sendo o Mestre, não partiu de uma experiência abstrata para exercer sua missão. Sua força veio do ato de seu batismo assistido pelo Espírito Santo,

¹⁹ O batismo cristão encontra sua origem ligada ao Antigo Testamento. O mesmo se concretizava a partir dos seguintes passos: 1) A pessoa podia batizar-se uma vez, era um ato único. 2) Todo o povo judeu devia batizar-se. 3) O objetivo era alcançar o arrependimento. 4) A pessoa não podia administrá-lo a si própria. 5) Possuía sentido escatológico para formar as pessoas para a vinda do Messias. Na comunidade cristã primitiva o batismo tomou novo significado. O batismo tornou-se: 1) um ato de conversão que perdoa os pecados. 2) É dado em nome de Jesus Cristo. Receber o batismo em nome de Jesus é um compromisso de fé que leva a testemunhá-lo com a própria vida. (cf. SCHNACKENBURG: Batismo. **Dicionário de Teologia Bíblica**. BAUER, Johannes B. Trad. Helmuth Alfredo Simon. II Vol. São Paulo: Loyola, 1973, p. 114-116). Enquanto conceito no Novo Testamento o batismo é designado “como banho regenerador (Tt 3,4-7; 1 Cor 6,10-11; Ef 5,26; Hb 10,19-25) que comporta nascimento à vida divina e faz o ser humano, portanto, *verdadeiro filho de Deus* (Gl 3,26-28; Rm 6,1-14; Cl 2,11-15; 1 Jo 3,9; 2 Pd 1,4; cf. Gl 4,4-7; 1 Pd 1,3-9)” (SUBIRANA, SURIÁ, ARÉS: Batismo. **Dicionário de Catequética**. Trad. H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 2004, p. 74).

mediante a confirmação do Pai. Todo o cristão também inicia sua vida de compromisso eclesial a partir de um ato concreto e esse ato é o batismo.

O batismo é o sacramento fundamental, instituído por Cristo, no qual a Igreja, Corpo de Cristo e presença no tempo e no espaço do *Christus incarnatus*, aplica a cada homem em particular a salvação, adquirida por Cristo para todos, à maneira de purificação 'como o lavacro da água unido à palavra' (Ef 5,26), que torna presente e simboliza a ação salvífica fundamental de Jesus (BETZ, 1971, p. 195).

O batismo é a força que impulsiona o cristão a seguir na fé o exemplo de Jesus porque ele é o canal da graça que vem do alto para conceder a vida nova em Cristo. Para o discípulo, "esta *nova* vida que recebe no batismo é a vida da filiação divina. Por isso o batismo é designado com toda propriedade como um 'renascer do alto' (Jo 3,5) para viver a vida dos 'filhos de Deus' (Rm 8,12-17; Gl 4,6-7; 5,13-16)" (SUBIRANA, SURIÁ, ARÉS, 2004, p. 74). Nesse ato de fé e adesão o discípulo inicia o processo da experiência batismal, pois recebe o dom da graça batismal concedida pela vida nova em Cristo.

O batismo abre ao ser humano a vida nova, (...) segundo o espírito (Rm 8,1-17); Gl 2,17-21). Desta forma a vida recebida no batismo converte-se em fermento de transformação (1 Cor 5,6-8) de toda a vida humana à semelhança da vida de Cristo (2 Cor 4,10) (SUBIRANA, SURIÁ, ARÉS, 2004, p. 75).

O batismo é o selo de compromisso que leva a pessoa a assumir toda a vida do Cristo. O batismo torna-se um compromisso de vida e por isso experiência concreta de serviço e testemunho na vida de comunidade. A pessoa que assume seu batismo permite que o Cristo viva através dela e com isso a pessoa se torna testemunha viva do Cristo. "À semelhança de Cristo, também o batizado é constituído *profeta, sacerdote e rei*. Sob esses três aspectos o cristão vive no mundo proclamando sua fé, oferecendo sua vida ao Pai e configurando o mundo histórico segundo as exigências do Reino" (SUBIRANA, SURIÁ, ARÉS, 2004, p. 75). Para o cristão, o batismo é a fonte de unção para ser testemunha em comunhão com a Igreja porque dele é que haure a força de sustentação para a vida de fé e missão.

Sendo que a unção batismal é alicerce para a experiência de fé que sustenta a vida espiritual do discípulo missionário, logo, “a experiência batismal é o ponto de início de toda espiritualidade cristã que se funda na Trindade” (DAp, n. 240). Pois, da Trindade é que jorra a unção batismal e de onde surge toda a iniciativa de ação missionária da Igreja. “Em virtude do Batismo e da Confirmação, somos chamados a ser discípulos missionários de Jesus Cristo e entramos na comunhão trinitária na Igreja” (DAp, n. 153). Esta força recebida na unção batismal permite a abertura da consciência e do coração do cristão para agir frente às necessidades do mundo como discípulo missionário.

Os discípulos, que por essência são também missionários em virtude do Batismo e da Confirmação, nos formamos com coração universal, aberto a todas as culturas e a todas as verdades, cultivando nossa capacidade de contato humano e diálogo. Estamos dispostos, com a coragem que o Espírito nos dá, a anunciar Cristo, onde não é aceito, com nossa vida, com nossa ação, com nossa profissão de fé e com sua Palavra (DAp, n. 377).

Recordando que hoje a realidade está fortemente marcada pela experiência dos contatos superficiais entre as pessoas e pela necessidade de diálogo face a face, o discípulo missionário, consciente de sua missão batismal não se retrai diante dos clamores atuais que atingem o ser humano. É justamente nessa realidade que o discípulo missionário torna-se um testemunho vivo de Cristo para o mundo pelo seu batismo porque por ele é portador de Cristo.

Impregnado e radiante pela experiência batismal, que é força para espiritualidade, o discípulo missionário sente que pode partir para a vinha do Senhor. “Cristo não é objeto a ser imitado, porém, é o sujeito ativo que deve inspirar a conduta do crente” (MONGILLO, 1989, p. 1045). A força de Cristo, concedida pelo batismo não se enfraquece e se fortifica cada vez mais num coração que pulsa pelo Cristo. O campo de atuação que torna o discípulo um missionário é vasto e requer cada dia mais adeptos a esta causa que mais do que conceituá-la como nobre, é uma condição de vida para quem é batizado.

Consciente da necessidade de atuação social o discípulo missionário abre-se para os novos campos que necessitam das luzes do Evangelho para que a vida possa imperar cada vez mais viva. Os discípulos conscientes de sua missão

batismal “levam o fermento novo do Evangelho em meio às atividades temporais, seja com seu testemunho de vida cristã e de caridade na família, seja promovendo o respeito e a convivência na sociedade civil” (SÍNODO DOS BISPOS, Lineamenta, 1996, n. 38). O discípulo percebe pela sua experiência de fé que o Evangelho é o livro de orientação para todo o fiel batizado que deseja anunciar um caminho de luz para tantos quantos possam estar em caminhos onde falta a luz da Palavra do Cristo.

Os discípulos e missionários de Cristo devem iluminar com a luz do Evangelho todos os âmbitos da vida social. A opção preferencial pelos pobres, de raiz evangélica, exige atenção pastoral voltada aos construtores da sociedade. Se muitas das estruturas atuais geram pobreza, em parte é devido à falta de fidelidade a compromissos evangélicos de muitos cristãos com especiais responsabilidades políticas, econômicas e culturais (DAp, n. 501).

O exercício do compromisso da vida batismal deve ser a luz que abre os olhos dos cristãos não somente para as necessidades espirituais, mas junto com essas, deve levar a perceber as necessidades que a maioria dos cristãos sofre. Para Mongillo aquele que se torna seguidor assume com sua vida o compromisso de transformar a história (cf. MONGILLO, 1989, p. 1045). Sob a iluminação do Evangelho, os efeitos da transformação social aparecerão pela mudança de vida do cristão.

O cristão batizado que se torna o discípulo missionário é o agente de transformação da vida pessoal, comunitária e social. Clodovis Boff ao escrever sobre o desdobramento da fé com o compromisso de vida segundo Documento de Aparecida, diz: “trata-se aqui do compromisso no campo ético, que, além da vida pessoal, envolve a social (BOFF, 2007a, p. 1019). O cristão batizado que é discípulo missionário não esquece ou perde seu compromisso primordial com a comunidade eclesial e a partir dela se lança para as necessidades que clamam além dela. Compreender esta missão é compreender o chamado de Jesus e rememorar o pedido da Igreja expresso no Documento de Aparecida:

Todos os batizados são chamados a “recomeçar a partir de Cristo”, a reconhecer e seguir sua Presença com a mesma realidade e novidade, o

mesmo poder de afeto, persuasão e esperança, que teve seu encontro com os primeiros discípulos nas margens do Jordão há 2000 anos, e com os “João Diego” do Novo Mundo (DAP, n. 549).

A base essencial do chamado sempre estará ligada à pessoa do Cristo. O discípulo sempre encontrará sua fonte estimuladora no chamado do Mestre que chama e envia. Recomeçar sempre a partir de Cristo é a vertente que sacia a todo fiel sedento por vida nova. O pedido para partir de Cristo, recorda que ao “momento operante sucede o momento conformante; Cristo é o sujeito em, com e pelo qual o crente pensa, ama e age” (MONGILLO, 1989, p. 1045). Este pedido também conscientiza da importância da ação discipular ser acompanhada da experiência íntima e pessoal do encontro com Cristo.

A experiência batismal unge o discípulo e o une a pessoa do Cristo. “O batismo é um *revestir-se de Cristo*” (SCHNACKENBURG, 1973, p. 117). Por isso será sempre a partir do próprio Cristo que se renova e se inicia a vida de missão. “Ser e viver em Cristo devem constituir a experiência única e exclusiva do batizado”. (MONGILLO, 1989, p. 1045). Esta experiência que marca a vida do discípulo torna-se o ápice para o empenho de uma vida discipular missionária que revive o chamado dos primeiros Doze seguidores de Jesus e que pelo mundo, atravessando os tempos, continua fazendo discípulos missionários empenhados pela causa do Reino de Jesus Cristo.

Essa reflexão nos leva a compreensão de que a graça recebida no batismo é força que move o discípulo missionário a viver o seu compromisso de batizado no mundo. Por isso, esse será o tema a ser abordado a seguir.

3.5 COMPROMISSO BATISMAL E A AÇÃO NO MUNDO

Falar da experiência de vida unida à pessoa de Jesus Cristo é recordar os compromissos que esta ligação compromete. O compromisso batismal marca a vida do cristão consciente e o impele a tornar Cristo conhecido e amado por todos. Dar a “conhecer a Jesus é o melhor presente que qualquer pessoa pode receber; tê-lo encontrado foi o melhor que ocorreu em nossas vidas, e fazê-lo conhecido com nossa palavra e obras é nossa alegria” (DAP, n. 29). Um cristão que é discípulo

encontra sua satisfação na alegria de poder realizar este anúncio com quem encontrar e onde se encontrar.

A Igreja não se sente intimidada em convocar seus fiéis para exercer o compromisso que cada cristão traz pelo batismo (cf. AA, n. 2). Segundo o Concílio Vaticano II ao se referir ao leigo na Igreja diz: “estes fiéis pelo batismo foram incorporados a Cristo, constituídos no povo de Deus e a seu modo feitos partícipes do múnus sacerdotal, profético e régio de Cristo, pelo que exercem sua parte na missão de todo o povo cristão na Igreja e no mundo” (LG, n. 31). Com esse conceito a Igreja não exclui ninguém da missão de anunciar o Cristo com a própria vida.

De fato, cresce cada vez mais a consciência de que “em virtude do batismo e da confirmação, todos os fiéis, sem exceção, estão chamados a participar na missão da Igreja. Os leigos participarão, na Igreja, como homens e mulheres do mundo; e, no mundo, como homens e mulheres da Igreja” (CELAM, Manual de Formação dos Leigos, 1995, p. 25). O Documento Conciliar, que foi escrito há quase meio século, já afirmava que “os leigos devem participar ativamente em toda a vida da Igreja, estão obrigados não somente a impregnar o mundo de espírito cristão, mas também são chamados a serem testemunhas de Cristo em tudo, no meio da comunidade humana” (GS, n. 43). O Papa Bento XVI reiterou essa convocação: “os *fiéis leigos* são chamados a exercer a sua missão profética, que deriva diretamente do batismo, e testemunhar o Evangelho na vida diária onde quer que se encontrem” (VD, n. 94). Assim, anunciar o Cristo com a vida é a missão de todo o batizado.

Diante da missão fundamental de anunciar e testemunhar o Cristo nota-se que a Igreja está consciente de sua “grande tarefa de proteger e alimentar a fé do povo de Deus e recordar também aos fiéis deste Continente que, em virtude de seu batismo, são chamados a ser discípulos e missionários de Jesus Cristo” (DI apud DAp, n. 10). Com coragem a Igreja solicita o empenho para uma “Ação Continental²⁰” para que a renovação aconteça a partir dela e para fora dela.

Os leigos também são chamados a participar na ação pastoral da Igreja, primeiro com o testemunho de vida e, em segundo lugar, com ações no campo da evangelização, da vida litúrgica e outras formas de apostolado, segundo as necessidades locais sob a guia de seus pastores. Estes estarão dispostos a abrir para eles espaços de participação e confiar-lhes

²⁰ Conforme o Papa Bento XVI cita no Documento de Aparecida, p. 7.

ministérios e responsabilidades em uma Igreja onde todos vivam de maneira responsável seu compromisso cristão (DAp, n. 211).

Nunca esquecendo o chamado do Mestre que confirma o objetivo da missão para a qual ele convoca, a Igreja, através de seus discípulos, se expande pelo mundo em realidades diferentes e sempre desafiadoras (cf. AG, n. 5). “Cumprir essa missão não é tarefa opcional, mas parte integrante da identidade cristã, porque é a extensão testemunhal da vocação mesma” (DAp, n. 144). Com esta consciência a Igreja vê que o projeto de Jesus se concretiza e se amplia por extensões que ela mesma só alcança pelo esforço e empenho de seus membros conscientes deste chamado (cf. AG, n. 36).

Somente pelo empenho por parte do discipulado consciente é que a missão realizada pela Igreja como missão confiada pelo Mestre atinge campo tão vasto de evangelização (cf. AG, n. 15). Referindo-se à ação do leigo como discípulo missionário na Igreja, o Documento de Aparecida diz:

Sua missão própria e específica se realiza no mundo, de tal modo que, com seu testemunho e sua atividade, contribuam para a transformação das realidades e para a criação de estruturas justas segundo os critérios do Evangelho. “O espaço próprio de sua atividade evangelizadora é o mundo vasto e complexo da política, da realidade social e da economia, como também da cultura, das ciências e das artes, da vida internacional, dos ‘mass media’, e outras realidades abertas à evangelização, como o amor, a família, a educação das crianças e adolescentes, o trabalho profissional e o sofrimento”. Além disso, eles têm o dever de fazer crível a fé que professam, mostrando autenticidade e coerência em sua conduta (DAp, n. 210).

A cada atividade assumida e desempenhada pelo cristão leigo Cristo se torna vivo e presente na atualidade. “Assim, a presença ativa dos leigos nas realidades temporais assume toda a sua importância” (EN, n. 73). O cristão leigo que é discípulo missionário sabe que ele se torna anúncio vivo do Cristo por sua vida, empenho e dedicação à missão a ele confiada. “E assim manifestam Cristo aos outros, especialmente pelo testemunho de sua vida resplandecente em fé, esperança e caridade” (LG, n. 31). Cada leigo, engajado na vida eclesial, é um discípulo ativo que irradia no mundo a missão e a pessoa de Jesus Cristo.

A vida eclesial floresce sob a ação daqueles que conscientemente se engajam pela causa de Jesus Cristo. Não se pode deixar de mencionar que a missão da Igreja que é a missão confiada por Jesus é assistida pela força e luz do seu próprio Espírito. “O Espírito Santo, que atua em Jesus Cristo, é também enviado a todos enquanto membros da comunidade, porque sua ação não se limita ao âmbito individual. A tarefa missionária se abre sempre às comunidades, assim como ocorreu em Pentecostes (cf. At 2,1-13)” (DAp, n. 171). Uma Igreja que se demonstra ativa é sinal que vive por concretizar a causa pela qual ela mesma existe (cf. AA, n. 2). O Pentecostes na Igreja continua a acontecer toda vez que a Igreja se lança para os novos desafios que se apresentam na sociedade.

A riqueza maior se dá pelo fato que cada discípulo vai descobrindo, experienciando e formulando seu jeito de se enquadrar e expressar na Igreja. Sob a assistência do Espírito Santo cada batizado concretiza a diversidade das vocações específicas que enriquecem tanto mais o meio eclesial. Na diversidade dos ministérios e das vocações é que surge a riqueza da Igreja porque aí se percebe a diversidade na formulação dos itinerários de vida.

Assim se forma e se desenvolve a espiritualidade própria de presbíteros, de religiosos e religiosas, de pais de família, de empresários, de catequistas etc. Cada uma das vocações tem um modo concreto e diferente de viver a espiritualidade, que dá profundidade e entusiasmo para o exercício concreto de suas tarefas. Dessa forma, a vida no Espírito não nos fecha em intimidade cômoda e fechada, mas sim nos torna pessoas generosas e criativas, felizes no anúncio e no serviço missionário (DAp, n. 285).

Cada discípulo missionário se forma a partir da sua experiência com o Mestre, o que diversifica as experiências, mas a missão é sempre única (cf. AA, n. 2; EN, n. 60). As linhas de espiritualidade que hoje se pode encontrar na Igreja são diversas, mas todas ligadas ao Mestre, todas voltadas a ajudar às necessidades pessoais de cada pessoa e para atingir os objetivos e necessidades da missão. O Documento de Aparecida diz que não se pode esquecer da “(...) realidade fundante, e por isso decisiva, que é Deus” (DAp, p. 272) e essa leva a perceber automaticamente a pessoa ou a necessidade do outro.

A força espiritual adquirida na experiência do contato pessoal e comunitário com o próprio Deus é impulso para seguir a vida de missão que Jesus confia. “Sem uma clara percepção do mistério de Deus, torna-se opaco também o desígnio amoroso e paternal de uma vida digna para todos os seres humanos” (DAp, n. 35). Por isso a necessidade de realizar os caminhos da missão num processo de discernimento para se dispor onde a ação discipular for necessária.

O discípulo que se dispõe a um processo de discernimento no exercício da missão revela que é pela vida de espiritualidade que ele sustenta sua vida de apostolado missionário. Assim ele aprende que necessita deter-se Naquele que o fortalece para que possa abastecer-se para a missão (cf. NMI, n. 16).

O amor se detém, contempla o mistério, desfruta dele em silêncio. Também se comove, derramando todo o peso de sua dor e de seus sonhos. A súplica sincera, que flui confiante, é a melhor expressão de um coração que renunciou à auto-suficiência, reconhecendo que sozinho nada pode (DAp, n. 259).

Reconhecer-se pobre de espírito é o grande passo para a formação interior do discípulo missionário. O discípulo que contempla o mistério de seu Senhor permitirá que a simplicidade, humildade e prontidão frutifiquem na vida de missão. Então, o exercício do compromisso batismal do discípulo tornar-se-á a luz pela qual tanto hoje o mundo anseia encontrar. “Mas o nosso testemunho seria excessivamente pobre se não fôssemos primeiro *contemplativos do seu rosto*” (NMI, n. 16). Tal atitude nascerá de um coração que conhece o que contempla.

Refletindo sobre esta força espiritual que a Igreja possui, “... os pastores querem dar agora novo impulso à evangelização, a fim de que estes povos sigam crescendo e amadurecendo em sua fé, para serem luz do mundo e testemunhas de Jesus Cristo com a própria vida” (DI apud DAp, n. 16). Sob esse chamado, todos podem acolher a convocação para adentrar nessa experiência transformadora que mais do que ser considerada utopia é um projeto de compromisso de vida arraigada na fé e vivificada pelo compromisso batismal.

A busca desenfreada por saídas consoladoras desperta a Igreja para a necessidade de fortificar a vida de fé e espiritualidade de cada cristão leigo discípulo missionário. Fortificados espiritualmente tornar-se-á mais fácil sair para a ação no

vasto campo que é o mundo necessitado do anúncio da Boa Nova que traz vida. As necessidades sejam elas materiais ou espirituais requerem a formação do discípulo o que novamente remete ao nível da fé.

A fé nos liberta do isolamento do eu, porque nos leva à comunhão: o encontro com Deus é, em si mesmo e como tal, encontro com os irmãos, um ato de convocação, de unificação, de responsabilidade para com o outro e para com os demais. Neste sentido, a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com sua pobreza (cf. 2 Cor 8, 9) (DAP, p. 273).

A fé é o elemento essencial para superar os obstáculos da vida de missão. É ela quem abre os olhos para não se permanecer como cegos diante das dificuldades de todos os irmãos. A fé remete para o mundo da missão onde se encontram aqueles que necessitam tanto do apoio espiritual como material. Quem tem fé em Jesus Cristo se permite perceber as necessidades ao redor de si mesmo e a tudo quanto diz respeito à evangelização. Na ação se concretiza a fé professada pela unção batismal (cf. Tg 2,14-26).

A Igreja inspira confiança diante de suas propostas de ação. Com “esta V Conferência, recordando o mandato de ir e fazer discípulos (cf. Mt 28,20), deseja despertar a Igreja na América Latina e no Caribe para um grande impulso missionário. Não podemos deixar de aproveitar esta hora de graça. Necessitamos de um novo Pentecostes” (DAP, n. 548), para que, impulsionados sob a ação de uma grande unção, todos se sintam convocados à vida de missão no mundo (cf. AA, n. 1).

Avaliar a caminhada é perceber o que pode ser melhor no campo da ação evangelizadora. “Ao chamar os seus para que o sigam, Jesus lhes dá uma missão muito precisa: anunciar o evangelho do Reino a todas as nações (cf. Mt 28,19; Lc 24,46-48). Por isso, todo discípulo é missionário, pois Jesus o faz partícipe de sua missão” (DAP, n. 144). Oferecer pistas de ação na continuidade deste exercício confiado pelo próprio Jesus é missão e desafio para a Igreja.

A Igreja tem consciência das dificuldades que enfrenta internamente por ser Mãe do Discipulado Missionário e sabe que deve oferecer formação necessária para seus discípulos para que não desanimem na sua vida de missão (cf. EN, n. 54).

Perceber os avanços, as dificuldades e as necessidades para dar continuidade à vida pessoal, de espiritualidade e de missão são processos necessários que devem ser realizados constantemente.

Finalizando as reflexões sobre a compreensão da espiritualidade do discípulo missionário considera-se que a mesma é fruto da experiência do chamado e do encontro pessoal com a pessoa de Jesus Cristo. A espiritualidade do discípulo brota da vida de fé vinculada à unção batismal a qual capacita todo cristão a se tornar um discípulo missionário evangelizador.

Por isso, torna-se uma exigência que o discípulo assuma sua vida de fé professada no compromisso batismal. Esse testemunho vivido em comunidade é sinal da graça operante de Deus na vida da pessoa e se torna sinal da presença de Deus para a vida da comunidade presente no mundo. O compromisso batismal vivido em comunidade leva o discípulo a ser uma testemunha para o mundo de sua fé e adesão a pessoa e ao projeto de Jesus Cristo.

Seguindo essa reflexão, sente-se a necessidade de identificar horizontes e pilares que a Igreja aponta para o desenvolvimento do processo pessoal na formação da espiritualidade do discípulo missionário. Nesse sentido, no próximo capítulo serão abordados quatro horizontes, considerados pilares, que segundo a Igreja fortalecem a espiritualidade do discípulo missionário seja em nível pessoal ou comunitário e que renovam constantemente a prática e o ânimo da ação evangelizadora.

4 HORIZONTES E PILARES QUE SUSTENTAM A ESPIRITUALIDADE DISCIPULAR

A partir das reflexões já abordadas sobre o que envolve a espiritualidade do discípulo missionário, nesse capítulo, propõe-se a reflexão sobre quatro horizontes que são pilares importantes e indispensáveis que colaboram para sustentar a espiritualidade discipular. O objetivo dessa abordagem é identificar o que a Igreja aponta como fator necessário para o desenvolvimento e amadurecimento do processo da espiritualidade do discípulo.

Para atingir esse objetivo a pesquisa vai manter o foco na comparação entre o Documento de Aparecida e o Documento *Novo Millennio Ineunte*. Justificando a escolha do primeiro por ser o Documento central dessa pesquisa e o segundo por ser o Documento que marcou o início desse milênio.

Analisando aqueles Documentos foi possível identificar alguns aspectos comuns que contribuem para o sustento da espiritualidade discipular missionária na Igreja. O Documento de Aparecida, em seu sétimo capítulo, apresenta de modo amplo e detalhado “o caminho de formação dos discípulos missionários”. O Documento *Novo Millennio Ineunte* em seu terceiro capítulo apresenta “algumas prioridades pastorais” que segundo João Paulo II se tornam caminho para um “relançamento pastoral” (cf. NMI, n. 29).

Os dois documentos apresentam meios que possibilitam a concretização dessas duas propostas de ação supracitadas e que sustentam a vida discipular (cf. DAp, n. 240-346; NMI, n. 30-41). Logo, o objetivo se torna o de apresentar os pontos em que esses os dois documentos se identificam ao apontar os desafios e necessidades do processo de desenvolvimento e sustentação da espiritualidade discipular missionária.

Segundo a análise, foi identificado: a necessidade de realizar a experiência com a Trindade (cf. DAp, n. 240-242; NMI, n. 30), o conhecimento da Sagrada Escritura (cf. DAp, n. 247-249; NMI, n. 39-40) , a oração (cf. DAp, n. 249, 255; NMI, n. 32-33) e a participação na Eucaristia (cf. DAp, n. 251-253; NMI, n. 35). Os mesmos tornam-se desafios para a Igreja em sua missão de auxiliar o discípulo a viver sua espiritualidade. Por isso, em seguida, abordaremos cada um desses quatro temas, pois o discípulo deve conscientizar-se da necessidade dos mesmos em seu processo de formação.

4.1 HORIZONTE ÚLTIMO DO MISTÉRIO TRINITÁRIO

Realizar a experiência do encontro com a Trindade é o primeiro elemento fundamental na formação da espiritualidade discipular. Segundo o exame do segundo capítulo desse trabalho constatou-se que para concretizar a vida discipular missionária é necessário realizar a experiência do encontro com a pessoa de Jesus Cristo. Encontrar-se com Jesus é caminho para realizar a experiência do encontro com a Trindade²¹.

Para o Documento de Aparecida “uma autêntica proposta de encontro com Jesus Cristo deve estabelecer-se sobre o sólido fundamento da Trindade-amor” (DAp, n. 240). É da Trindade que Jesus veio ao mundo (cf. Jo 1,1-14) para revelar os desígnios de Deus e dar a conhecer quem Ele é.

Aprouve a Deus, em sua bondade e sabedoria, revelar-se a Si mesmo e tornar conhecido o mistério de Sua vontade (cf. Ef 1,9), pelo qual os homens por intermédio de Cristo, Verbo feito carne, e no Espírito Santo, têm acesso ao Pai e se tornam participantes da natureza divina (cf. Col 1, 15; 1Tim 1,17) (DV, n. 2).

Encontrar-se com a pessoa de Jesus é encontrar-se com a Trindade. É em ação conjunta que a Trindade se manifesta ao mundo. Pois, “ao mesmo tempo que contemplamos Cristo, adoramos ao Pai e o Espírito, a Trindade única, indivisível, mistério inefável no qual tudo tem a sua origem e perfeição” (NMI, n. 5). A pessoa de Jesus Cristo é a revelação do mistério trinitário. Jesus torna a Trindade presente e próxima da humanidade.

²¹ “Trindade: *Trias*. Por volta do ano 180 começa a ser habitual o uso deste termo que indica a comunhão de pessoas” (Bardy apud BELLOSO, 1988, p. 888). “A Igreja define a Trindade de Deus como a crença que em Deus existem três pessoas, que subsistem numa única natureza. A crença nestes termos foi definida somente no séc. IV e V d.C. [...] Os elementos da Trindade de pessoas dentro da unidade da natureza aparecem na Bíblia no uso dos termos Pai, Filho e Espírito. A realidade pessoal do Espírito surgiu mais lentamente do que a do Pai e do Filho, que são termos pessoais. [...] No NT o Pai é ‘o Deus’ (gr. *ho theos*), e Jesus é ‘o Filho de Deus’ (*ho hyios tou theou*). O Espírito é ‘o Espírito de Deus’ ou o Espírito Santo’, neste contexto como termo sinônimo” (MACKENZIE, John. Trindade. In: **Dicionário Bíblico**. Tradução: Álvaro Cunha... et al. 3 ed. São Paulo: Paulinas, 1983). O Catecismo da Igreja Católica ensina que “só existe um Deus, o Pai todo-poderoso, seu Filho único e o Espírito Santo: a Santíssima Trindade” (CaIC, n. 233). **CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA**. 3 ed. São Paulo: Vozes, 1993. A Trindade “antes de ser uma verdade da fé ou um ‘mistério’ inefável, a SS. Trindade é, primeiro, uma história e, depois, uma experiência. Ela se revela respectivamente através da História da Salvação e no íntimo de nosso coração” (BOFF, 2005, p. 7).

De fato, foi por ele, Verbo e imagem do Pai, que 'tudo começou a existir' (cf. Jo 1,3; Cl 1,15). A sua encarnação, que culminou no mistério pascal e no dom do Espírito, constitui o coração pulsátil do tempo, a hora misteriosa em que o Reino de Deus passou a estar ao nosso alcance (cf. Mc 1,15) (NMI, n. 5).

Jesus é a revelação da Trindade e revela uma nova face da imagem de Deus. "Jesus nos revela que Deus é Pai, não apenas no sentido de ser nosso criador. [...] Jesus, nos revela que Deus é Pai porque gerou um Filho, desde toda a eternidade, e que Ele, Jesus, é este Filho eterno do Pai" (HUMMES, 2007, p. 51). Em Jesus, Filho do Pai, se encontra a face de Deus que se revela um pai amoroso.

Desse amor que flui da relação do Pai e do Filho procede uma terceira pessoa anunciada por Jesus como o Consolador, o Espírito da Verdade, o Paráclito (cf. Jo 16,13; 15,26). "Ele é o próprio Amor personificado em Deus. [...] O Pai ama o Filho e o Filho ama o Pai e este amor é o Espírito Santo" (HUMMES, 2007, p. 52). Jesus se manifestou por amor e revelou a partir de si uma comunidade unida que vive por ser amor.

Manifesta-se assim que Deus é uma comunidade de amor, uma comunidade de três pessoas distintas, que forma um só Deus, no amor. Deus, portanto, é Amor e comunidade de amor. Neste amor consiste seu ser, sua vida, seu dinamismo íntimo e sua felicidade sem fim e sem limites (HUMMES, 2007, p. 52).

Esse amor trinitário sem limites em si mesmo transborda e se torna fonte de amor a toda criatura. "Como o Pai é, no amor eterno, pura fontalidade, assim dá ele à criatura humana ser no tempo *fonte de amor*" (FORTE, 1987, p. 171). O amor que brota da Trindade plasma toda criatura e faz com que, a partir da experiência do encontro trinitário na comunidade de amor, o discípulo experiencie que sua origem é uma comunidade de amor. "Isto significa que o homem é constitutivamente capaz de amar, chamado a dar o amor: amado desde a eternidade, é feito para amar" (FORTE, 1987, p. 171). Pois sua origem é uma comunidade unida pelo amor que é a Trindade-amor.

A partir dessa reflexão fundamenta-se a importância de o discípulo missionário realizar sua experiência de encontro com a Trindade-amor, conforme diz o Documento de Aparecida (cf. DAp, n. 240). Pelo fato da Trindade ser uma comunidade de amor é que a experiência do encontro entre a Trindade e o discípulo no processo de formação da vida de espiritualidade discipular missionária torna-se essencial. A experiência do amor trinitário é alicerce para a espiritualidade do discípulo porque ele experimenta que é criado por amor e para expressar esse amor na vida de comunidade.

Da experiência do encontro entre a comunidade da Trindade-amor e a pessoa do discípulo procede o testemunho de amor comunitário na comunidade discipular. Isso se torna desafio para a prática de vida discipular pessoal e comunitária que envolve toda a vida e ação da Igreja. Pois, “a dimensão comunitária é intrínseca ao mistério e à realidade da Igreja que deve refletir a Santíssima Trindade” (DAp, n. 304). É nesse sentido que se considera de fundamental importância que o discípulo realize a experiência do encontro com a Trindade para ser testemunha viva desse amor na comunidade a qual pertence e no mundo.

Por isso, a seguir, destaca-se que é a partir da experiência do encontro pessoal com a Trindade que o discípulo encontrará motivação para viver o mesmo em sua comunidade eclesial. O exemplo de convivência da comunidade trinitária é modelo para a vivência da comunidade eclesial.

4.1.1 A Trindade e a comunidade eclesial

O discípulo que realiza a experiência do encontro com o amor trinitário em sua vida não pode reter esta experiência somente para si. Pois, o amor trinitário é fecundo (cf. DAp, n. 117) e por isso impele à decisão de comunicar aos demais o que experimentou, fazendo que outros também realizem tal experiência. A comunidade eclesial é o lugar favorável onde o discípulo encontra espaço para realizar essa experiência pessoal, assim como para anunciá-la e vivê-la.

Bruno Forte sublinha o exemplo e o testemunho de amor da comunidade trinitária e como esse é exemplo para a comunidade humana. É imitando a comunidade trinitária que deve agir a comunidade humana. Pois, “a comunidade dos homens é chamada a ser o lugar da acolhida, em que um acolhe o outro e todos a cada um” (FORTE, 1987, p. 178). A comunidade humana é chamada a viver

segundo o exemplo trinitário a acolhida no amor entre todos os irmãos porque nela se encontra a diversidade de expressão no amor. “A comunidade autenticamente humana deve saber acolher a cada um em razão não dos seus méritos, mas do seu simples existir, no respeito pelo que ele é, na aceitação da sua diversidade e até de seu nada” (FORTE, 1987, p. 178). O amor não conhece limites, por isso permite ir ao encontro de cada um respeitando particularidades e necessidades pessoais. Esse modelo pode ser contemplado na comunidade da Trindade.

A acolhida sem restrições que a Trindade testemunha entre si e à humanidade torna-se profundo exemplo para a vida de comunidade. Pois,

não refletirá o Pai uma comunidade em que não se respeite a dignidade de cada um, a sua criatividade autônoma na iniciativa do amor, o seu ser original e irrepetível; mas tampouco refletirá o Pai uma comunidade em que essas diferentes originalidades não saibam convergir em comunhão, para se tornarem fontalidade comum e mais alta para todos (FORTE, 1987, p. 177).

O modelo de amor da comunidade trinitária reúne a todos e leva a todos a convergir para a unidade no amor. No respeito às diversidades acontece a unidade das diferenças. “Deus se revela a nós, então, como verdadeiramente *pessoal*, sem as limitações que atingem a personalidade humana: comunicação e relação total, que origina alteridade sem provocar divisão nem diferença” (VIVES, 1999, p. 861). “O mistério da Trindade nos convida a viver uma comunidade de iguais na diferença” (DAp, n. 451). Na contemplação desse exemplo o discípulo encontra razões para viver o que contempla onde quer que se encontre, mas especialmente na comunidade discipular eclesial.

A comunidade que reflete o semblante do eterno Amante é o desenvolvimento máximo da rica originalidade de cada um, em comunhão que é a mais alta que a soma dos dons de cada um, fonte fecunda de amor e vida para todos, potenciamento da capacidade de amar de cada um... (FORTE, 1987, p. 178).

A comunidade humana que reflete o real da comunidade trinitária certamente vive testemunhando o amor e a acolhida de todos, tornando-se lugar de

comunhão e participação. O Documento de Puebla nos diz “precisamos formar uma comunidade que viva a comunhão da Trindade” (PUEBLA, n. 1301). Ser comunidade a exemplo da Trindade não é apenas receber membros que se aproximam da vida da comunidade eclesial, mas é fazer da vida em comunidade o lugar da experiência do encontro do amor trinitário que une a vida da pessoa à vida de comunidade e ambas à vida da Igreja.

Tal experiência e sua prática na vida de comunidade tornam-se exigência de alto grau. Bruno Forte diz que a receptividade na vida de comunidade pode até chegar à necessidade do dom do sacrifício de si mesmo em favor do outro, se assim for necessário para acolher as diferenças que se fazem presente, no outro (cf. FORTE, 1987, p. 178). Isso porque, a exemplo da Trindade, na vida de comunidade pode acontecer ser necessário escolher sacrificar-se em prol do outro.

Nota-se então que o amor contemplado na comunidade trinitária torna-se caminho para realização da vida na comunidade eclesial. Sendo assim, a experiência discipular do amor fontal a partir da experiência do encontro com a comunidade trinitária torna-se fonte para a transformação da realidade. E com esse exemplo “toda a comunidade dos homens e sua história se tornam reflexo do processo divino do amor” (FORTE, 1987, p. 180). A comunidade discipular que percebe sua força de ação transformadora na experiência da ação amorosa trinitária crê também que pode transformar a realidade ao seu redor.

A plena realização da criatura só poderá se realizar na sociedade do amor (cf. FORTE, 1987, p. 177). Pois, somente o amor é capaz de superar toda diferença ou dificuldade. Por isso, “se tudo o que é violência, sistema de dependência e opressão, desfrutamento e injustiça obscurece a relação originária do Amor criador, tudo o que é paz, libertação e justiça se oferece como imagem e participação da história trinitária do amor” (FORTE, 1987, p. 180). De fato, no exemplo da Trindade a qual comporta “a diversidade de Pessoas não gera violência e conflito; ao contrário, é a fonte mesma do amor e da vida” (DAP, n. 543). Numa sociedade, muitas vezes, caracterizada como carente de amor, o exemplo do amor trinitário torna-se fonte de ação transformadora e sinal de esperança.

A comunidade eclesial que contempla o modelo de amor da comunidade trinitária é consciente de sua força de ação transformadora e reflete a própria imagem da Trindade. Testemunhar o amor trinitário é testemunhar que o amor é acolhida incondicional e não permite divisões na vida da comunidade. A acolhida

incondicional e não permitir divisões são duas características que acompanham a prática da espiritualidade discipular.

A partir dessas considerações entende-se o porquê da importância da experiência do encontro discipular com a Trindade-amor para a vida da comunidade eclesial. O discípulo que experiencia o amor trinitário se empenhará por viver na comunidade o testemunho de vida que seja reflexo da vivência de tal amor. O amor por sua essência não existe só para si mesmo procura meios que possa concretizar o encontro entre as pessoas.

Com efeito, o exemplo da Trindade que sai de si para ir ao encontro do outro se torna exemplo e motivação para a vida discipular missionária. Pois, a Trindade em si é modelo de ação missionária. Sendo assim, no ponto a seguir, será refletido sobre a ação da Trindade missionária como princípio motivador da vida discipular missionária.

4.1.2 A Trindade e a ação missionária

Aprofundando a reflexão sobre a necessidade de o discípulo realizar a experiência do encontro pessoal com a Trindade adentra-se para o tema da Trindade missionária. “Deus não pode ser pensado como um Absoluto tão transcendente que deva ficar esterilmente fechado em última unidade de simplicidade, mas que deve ser pensado como um Absoluto de *relação*, de comunicação e de vida” (VIVES, 1999, p. 861). Da unidade da Trindade-amor se aprende o exemplo do desprendimento divino o qual gera a vida missionária. O amor por natureza não se contém em si, extravasa em favor do outro e nisso torna-se ação amorosa missionária.

O exemplo trinitário missionário se concretiza a partir da vontade de Deus Pai que por sua benevolência chamou a todos para participar de sua vida (cf. AG, n. 2). A realização dessa vontade se dá, por um lado, pela missão do Filho, enviado como mediador entre Deus e o gênero humano com a finalidade de tornar a todos participantes da natureza divina (cf. AG, n. 3); e por outro, pela missão do Espírito, na qual a Igreja é propagada, confirmada e vivificada (cf. AG, n. 4). Nisso, a Trindade, da sua missão de unidade íntima (Trindade imanente), se torna exemplo de missão no mundo (Trindade econômica) (cf. FORTE, 1987, p. 11-22).

De modo pastoral, simples e prático Clodovis Boff apresenta o que é a ação da Trindade para fora de si. Ou seja, o que se pode aprender da Trindade enquanto sua ação para o mundo.

Do Pai aprende-se como amar verdadeiramente; sair do isolamento, do narcisismo, do egoísmo; voltar-se para a alteridade; entregar-se a si próprio, doar-se, dar a vida; tomar a iniciativa do amor, dar o primeiro passo; dar-se por inteiro, sem medida; criar vida, inventar, propor. Do Filho aprende-se como deixar-se amar; receber; crescer em atenção, silêncio, escuta, acolhimento e hospitalidade; dizer sim, consentir; responder; ser grato, agradecer; retribuir o amor; confiar, obedecer. Do Espírito Santo aprende-se como sair para o terceiro, para o 'ele'; voltar-se para o excluído: o pobre, o inimigo; abrir-se ao grande Outro, o Transcendente divino; romper os círculos fechados, as barreiras; partir em missão (BOFF, 2005, p. 34).

A experiência do Deus Trino que sai de si por amor à sua criatura é modelo de doação plena para o outro. Sob essa ótica, “a Trindade é experimentada, crida e vivida antes de ser propriamente ‘pensada’ e conceituada” (VIVES, 1999, p. 852). Experienciar a Trindade é conhecer interiormente por antecipação o que a conceitua.

A Trindade que age para fora de si é exemplo de ação, pois “a experiência de um Deus uno e trino, que é unidade e comunhão inseparável, permite-nos superar o egoísmo para nos encontrarmos plenamente no serviço com o outro” (DAp, n. 240). Pelo exemplo da Trindade que ama e se doa, o discípulo encontra motivação para ir ao encontro do outro. “O envio do Filho por parte do Pai e o envio do Espírito Santo por parte do Pai e do Filho implicam a autodoação do Filho e do Espírito Santo como tais e, neles e com eles a autodoação do Pai em sua condição de Pai de todos os homens” (SILANES, 1988, p. 563). A motivação ao serviço missionário na vida de comunidade a partir do exemplo da comunidade trinitária desperta a necessidade de uma ação missionária permanente e realizada em conjunto.

Na Trindade vale, sem limitações, o que se experimenta entre os seres humanos como exigência e como utopia ao mesmo tempo: que a pessoa não se afirme ‘diante de’ ou ‘contra’ outra, mas que encontre a sua alegria realizando-se ‘em’ e ‘com’ o outro, na convicção de que o bem do outro é o próprio bem. Pai, Filho e Espírito são pessoas no ato de sua mútua

correspondência eterna que supera todo mero ser-para-si. Ao contrário, a contraposição entre ser-para-si e o ser-com-outro, que o ser humano experimenta, expressa a sua finitude. A auto-realização pessoal em Deus coincide perfeitamente com a comunhão, porque Deus é aquela realidade cuja essência é se comunicar – *diffusivum sui* -, cuja identidade é se doar e se perder no 'Outro', para se reencontrar na perfeita comunhão com ele (VIVES, 1999, p. 861).

O Documento *Novo Millennio Ineunte* também recorda que a ação trinitária é realizada na vida discipular como ação missionária realizada em conjunto afirmando que “é a água do Espírito que sacia e renova (cf. Jo 4,14). É o amor misericordioso do Pai que uma vez mais nos foi manifestado e oferecido em Cristo” (NMI, n. 1). Nessa afirmação, percebe-se que são todas as pessoas da Trindade que agem em conjunto para o êxito da experiência da ação missionária.

A exemplo da comunidade trinitária missionária, “o ser humano feito imagem de Deus deve descobrir que pode se realizar como pessoa na imitação das pessoas trinitárias: não em uma pretendida autonomia não solidária, mas na máxima comunhão relacional” (VIVES, 1999, p. 861). O exemplo da comunidade trinitária que age pessoal e comunitariamente conscientiza o discípulo missionário da necessidade de agir a partir de si mesmo, porém, não esquecendo que na vida eclesial também se age comunitariamente.

O discípulo que concretiza sua vida de missão a partir da experiência com a Trindade missionária alicerça sua ação missionária sobre o exemplo dessa mesma comunidade. Essa experiência recorda que a ação das três pessoas não são ações separadas. Se fosse assim, a pessoa de Jesus estaria sendo apresentada fora de sua essência existencial que envolve toda ação da comunidade trinitária.

A ação missionária conjunta da Trindade lembra que o chamado discipular para o seguimento não é um ato fundamentado apenas na pessoa de Jesus, mas que esse engloba as Três Pessoas da Trindade: o Pai ama, o Filho chama e o Espírito envia (cf. AG, n. 2-4). Silanes caracteriza esse movimento trinitário como “fluxo e refluxo, saída e retorno, ou, em outras palavras, comunhão familiar em expansão” (SILANES, 1988, p. 563). “Por isso, o impulso missionário é fruto necessário à vida que a Trindade comunica aos discípulos” (DAp, n. 347). O exemplo da comunidade trinitária é referência para que o serviço missionário eclesial seja realizado de modo conjunto, livre, harmonioso, permanente e por amor.

Nota-se, assim, a importância da experiência da Trindade missionária na vida do discípulo para que ele experiencie que sua vida de missão não é para o bem de si mesmo, mas dom a ser oferecido em prol do outro, da comunidade. A experiência de amor e de doação da comunidade trinitária conscientiza o discípulo missionário da necessidade de se doar e agir conjuntamente em toda a ação da comunidade eclesial.

Após apresentar as argumentações que defendem a importância do discípulo missionário realizar a experiência da Trindade considera-se necessário apresentar os meios que possibilitam concretizar tal ato. Por isso, segue a reflexão sobre a importância do conhecimento da Sagrada Escritura, da vida de oração e da participação na Eucaristia que além de propiciar a experiência com a Trindade são fundamentais para a formação da espiritualidade discipular.

4.2 CONHECIMENTO DA SAGRADA ESCRITURA

Conhecer a Sagrada Escritura é a segunda característica a ser considerada como elemento de sustentação da espiritualidade do discípulo missionário. A Escritura é a Palavra do próprio Deus (cf. DV, n. 9). “Nunca devemos esquecer que, na base de toda a espiritualidade cristã autêntica e viva, está a *Palavra de Deus anunciada, acolhida, celebrada e meditada na Igreja*” (VD, n. 121). O discípulo precisa conhecê-la para deixar-se instruir, formar e orientar na vida discipular. O discípulo que busca conhecer a Sagrada Escritura passa a conhecer a palavra e os desígnios de Deus não só para consigo, mas para com toda a obra da criação divina.

A partir do grande evento do Concílio Vaticano II, a Igreja frisou a importância e a necessidade de oportunizar às pessoas o contato com a Palavra de Deus. De fato, “a Igreja sempre venerou as Sagradas Escrituras” (DV, n. 21) e afirma que “é preciso que o acesso à Sagrada Escritura seja aberto aos fiéis” (DV, n. 22). A partir de então, o contato através da leitura, oração e estudo se tornaram cada vez mais acessíveis.

Com isso também se reconhece que toda a vida cristã precisa estar alicerçada sobre a Palavra de Deus. Pois, “é tão grande o poder e a eficácia que se encerra na Palavra de Deus, que ela constitui sustentáculo e vigor para a Igreja, e,

para seus Filhos, firmeza na fé, alimento da alma, pura e perene fonte da vida espiritual” (DV, n. 21). O contato e o conhecimento da Sagrada Escritura estrutura e fortalece toda forma de ação cristã.

Nesse sentido a Igreja repete incansavelmente o convite para que o empenho no conhecimento da Sagrada Escritura seja primordial na vida de todo cristão (cf. DV, n. 22; NMI, n. 39; DAp, n. 248). Bento XVI, ao discursar sobre as exigências práticas que envolvem a proposta do Documento de Aparecida, disse que “é condição indispensável o conhecimento profundo e vivencial da Palavra de Deus” (Bento XVI apud DAp, n. 247). “É muito importante, do ponto de vista da vida espiritual, fazer crescer esta atitude nos fiéis” (VD, n. 18). A ação cristã fundamentada a partir do conhecimento da Palavra de Deus naturalmente modela a vida discipular missionária em todas as suas dimensões, tornando-a aberta às necessidades de cada tempo e lugar.

É na Palavra de Deus que se origina e sustenta toda a vida de espiritualidade cristã. O papa Bento XVI, no Discurso Inaugural da Conferência de Aparecida, frisa que “é preciso fundamentar nosso compromisso missionário e toda a nossa vida na rocha da Palavra de Deus” (DI 3 apud DAp, n. 247). Na Exortação Apostólica *Verbum Domini* ele expressa o profundo desejo que “o Espírito Santo desperte nos homens fome e sede da Palavra de Deus e os torne zelosos anunciadores e testemunhas do Evangelho” (VD, n. 122). Para tanto, é necessário exercitar-se na escuta atenta da Palavra que forma e sustenta a espiritualidade cristã.

Da espiritualidade formada sobre a base da Palavra de Deus nasce o empenho para a vida missionária do discípulo na Igreja. A Palavra deve ser o centro de toda ação formadora da comunidade eclesial. Sendo assim, é necessário refletir sobre a importância de colocar-se à escuta dessa Palavra. Somente quem escuta pode ouvir os apelos que Deus faz a seu povo enquanto discípulos para colocar-se a serviço de seu reino.

A característica essencial para o conhecimento da Sagrada Escritura, segundo o destaque do Documento de Aparecida e do Documento *Novo Millennio Ineunte*, é a atitude da escuta. Para o Papa Bento XVI, nosso tempo deve ser o tempo de uma nova escuta (cf. VD, n. 122). A escuta é característica própria da vida discipular porque fortalece e torna dinâmico o desenvolvimento da espiritualidade missionária.

Para o Documento *Novo Millennio Ineunte*, a revitalização que se espera das pessoas e da ação evangelizadora passa pela dedicada escuta da Palavra de Deus (cf. NMI, n. 39). Essa dedicada atitude de escuta, o Documento de Aparecida caracteriza-o como a necessidade de ter um coração faminto de ouvir a Palavra do Senhor, pois os discípulos de Jesus desejam alimentar-se da Palavra de Deus e para isso não basta aproximar-se da Palavra de Deus apenas de forma intelectual (cf. DAp, n. 248). Isso quer dizer que escutar a Palavra, não significa ter um conhecimento teórico da mesma, significa querer adquirir um conhecimento que alimenta a vida em todas as suas dimensões.

Sendo que a Palavra de Deus nutre todas as dimensões da vida humana, a escuta da Palavra de Deus toma proporções significativas para a formação da espiritualidade discipular missionária, isso porque ela coloca o discípulo em contato direto com a pessoa de Jesus Cristo. O Documento de Aparecida insiste na necessidade de “propor aos fiéis a Palavra de Deus como dom do Pai para o encontro com Jesus Cristo vivo” (DAp, n. 248). A escuta fiel e atenta da Palavra de Deus permite se aproximar, conhecer e tornar-se anunciador do projeto revelado por Jesus e este se encontra na Sagrada Escritura.

Com afirmação exigente, o Documento *Novo Millennio Ineunte* ensina que “de modo particular é necessário que a escuta da palavra se torne um encontro vital” (NMI, n. 39). Este encontro vital supõe que a escuta da Palavra de Deus deve orientar e sustentar toda a espiritualidade do discípulo. O Documento de Aparecida afirma que a Sagrada Escritura “é fonte de vida para a Igreja e alma de sua ação evangelizadora” (DAp, n. 247). Note-se que a dimensão da escuta atinge tanto o conhecimento da Sagrada Escritura, o fortalecimento da vida de espiritualidade e a ação missionária evangelizadora do discípulo.

Então a escuta passa a esculpir, modelar e formar a vida da pessoa. “De fato a Palavra de Deus não se contrapõe ao homem, nem mortifica os seus anseios verdadeiros; pelo contrário, ilumina-os, purifica-os e realiza-os” (VD, n. 23). A escuta da Palavra de Deus colabora na formação integral da vida da pessoa.

Para realizar uma autêntica escuta da Palavra de Deus o Documento de Aparecida aconselha que “é necessário educar o povo na leitura e na meditação da Palavra: que ela se converta em seu alimento” (DAp, n. 247). Como o alimento nutre a vida, assim a palavra de Deus deve ser o alimento indispensável para a formação da espiritualidade discipular.

Essa experiência nutre a vida e a missão não só do discípulo, em particular, mas de toda a Igreja. É necessário oportunizar tal experiência no meio eclesial “para que, por experiência própria, vejam que as palavras de Jesus são espírito e vida (cf. Jo 6,63)” (DAp, n. 247). O Documento de Aparecida insiste nessa relação entre a Palavra de Deus e o encontro com o Senhor como fonte que nutre a ação discipular e toda a ação missionária evangelizadora da Igreja. O Documento diz: “essa proposta será mediação de encontro com o Senhor se for apresentada a Palavra revelada, contida na Escritura, como fonte de evangelização” (DAp, n. 248). Deste modo, conhecer a Palavra é conhecer o próprio Cristo o qual também se dá a revelar pela Palavra.

No Documento *Novo Millennio Ineunte* a razão que define porque é importante conhecer a Palavra de Deus caracteriza-se pelo desejo de “alimentar-nos da Palavra para sermos ‘servos da Palavra’ no trabalho de evangelização: tal é, sem dúvida, uma prioridade da Igreja no início do novo milênio” (NMI, n. 40). Alimentar-se da Palavra é uma atitude profundamente ligada à prontidão para a escuta, o serviço e a ação discipular missionária. Pois,

os discípulos de Jesus desejam alimentar-se com o pão da Palavra: querem chegar à interpretação adequada dos textos bíblicos, empregá-los como mediação de diálogo com Jesus Cristo, e a que sejam alma da própria evangelização e do anúncio de Jesus a todos (DAp, n. 248).

Quanto a essa disposição, o Documento de Aparecida enfatiza “a importância de uma “pastoral bíblica”, entendida como animação bíblica pastoral, que seja escola de interpretação ou conhecimento da palavra, de comunhão com Jesus ou oração com a Palavra, e de evangelização inculturada ou de proclamação da Palavra” (DAp, n. 248). Nesse sentido, percebe-se a preocupação da Igreja para que o empenho no conhecimento da Palavra seja amplo e eficaz. Nota-se grande incentivo para novas iniciativas que proporcionem caminhos de evangelização através do contato com a Palavra. “É necessário, portanto, que toda pregação eclesial, como a própria religião cristã, seja alimentada e regida pela Sagrada Escritura” (DV, n. 21).

Essas novas iniciativas que propiciam maior espaço de contato entre a Palavra e a vida das pessoas, evidentemente, não envolvem apenas atitudes comportamentais externas. “Isso exige, da parte dos bispos, presbíteros, diáconos e ministros da Palavra, uma aproximação à Sagrada Escritura que não seja só intelectual e instrumental, mas com coração ‘faminto de ouvir a Palavra do Senhor’ (Am 8,11)” (DAp, n. 248). É preciso um empenho sério e comprometido da parte de todos aqueles que se dispõem a viver nos caminhos do discipulado na ação evangelizadora. Segundo o Documento de Aparecida, o empenho em escutar e se alimentar da Palavra é mais necessário aqueles que são responsáveis por amparar e dirigir essas iniciativas diretamente (cf. DAp, n. 248).

Aproximar-se da Palavra permite conhecê-la, conhecendo-a é possível amá-la. Amar a Palavra significa amar também a Cristo. Um caminho apontado como meio para se realizar esse processo, segundo o Documento *Novo Millennio Ineunte* e o Documento de Aparecida, é o caminho da oração. Por isso, vamos abordar a importância do cultivo da oração na vida discipular como meio de sustentação para a espiritualidade discipular missionária.

4.3 A ORAÇÃO

Sendo essa pesquisa voltada para a reflexão sobre a espiritualidade do discípulo missionário, torna-se oportuno apontar um meio simples que venha facilitar e conduzir o discípulo ao exercício de uma prática que desperte o interesse em conhecer e exercer um método de oração. Acredita-se que tal meio deve ser de fácil compreensão e aplicação para que as pessoas possam exercê-lo em harmonia com os compromissos da vida cotidiana.

Especificamente o Documento de Aparecida e o *Novo Millennio Ineunte* cita o método da *Lectio Divina* como meio favorável no desenvolvimento do processo de aproximação, conhecimento e afeto em relação à Palavra de Deus (cf. DAp, n. 249; NMI, n. 32;).

A *Lectio Divina* é um método de oração que conduz o crescimento e amadurecimento no conhecimento da Palavra.

Entre as muitas formas de se aproximar da Sagrada Escritura existe uma privilegiada à qual todos somos convidados: a *Lectio divina* ou exercício de leitura orante da Sagrada Escritura. Essa leitura orante, bem praticada, conduz ao encontro com Jesus-Mestre, ao conhecimento do mistério de Jesus-Messias, à comunhão com Jesus-Filho de Deus e ao testemunho de Jesus-Senhor do universo (DAp, n. 249).

A espiritualidade discipular desenvolvida conjuntamente com o método da *Lectio Divina* fortalece o processo da vida discipular. “Nela, o discípulo missionário acolhe a Palavra como dom, mergulha na riqueza do texto sagrado e, sob o impulso do Espírito, assimila esta Palavra na vida e na missão” (DGAE, 2011, n. 52). Pois, “com seus quatro momentos (leitura, meditação, oração, contemplação), a leitura orante favorece o encontro pessoal com Jesus Cristo semelhante ao modo de tantos personagens do evangelho” (DAp, n. 249). Esse encontro através do método da *Lectio Divina*, além de propiciar o encontro entre o discípulo e Jesus favorece também o conhecimento da Palavra.

Assim, esse método, se torna um instrumento que, através da oração leva ao conhecimento da Palavra, incessantemente motiva o discípulo para a ação concreta a partir do que aprendeu, escutando e meditando. “Não é o discípulo que indica à Palavra o que ela deve dizer. Antes, o discípulo missionário é um ouvinte da Palavra (Is 50,5). Ele a acolhe na gratuidade e na alteridade, deixando-se apaixonadamente interpelar” (DGAE, 2011, n. 50). O Papa Bento XVI convida para que “escutemos também nós a Palavra divina que não cessa de nos interpelar pessoalmente aqui e agora [...] Também hoje de igual modo o Espírito Santo não cessa de chamar anunciadores convictos e persuasivos da Palavra do Senhor” (VD, n. 122). E pede para que “façamos silêncio para ouvir a Palavra do Senhor e meditá-la, a fim de que a mesma, através da ação eficaz do Espírito Santo, continue a habitar e a viver em nós e a falar-nos ao longo de todos os dias de nossa vida” (VD, n. 124). “Aí o Espírito Santo fortalece a identidade do discípulo e desperta nele a decidida vontade de anunciar com audácia aos demais o que tem escutado e vivido” (DAp, n. 251). A Palavra escutada e conhecida se torna ação concreta na vida do discípulo.

Por tal reflexão e exposição se percebe a necessidade e a importância do conhecimento da Palavra de Deus no processo de desenvolvimento da espiritualidade discipular missionária. Para tanto, se destaca a importância da

atitude da escuta, que com a ajuda do método da *Lectio Divina*, de forma significativa, colabora para o êxito desse processo.

A disposição para a escuta atenta da Palavra de Deus e para o seguimento de Jesus com fidelidade se concretiza a partir do cultivo da oração. A recomendação do Decreto *Ad Gentes* para quem adere à dimensão missionária da Igreja é que sejam “elevados e nutridos pela vida espiritual. Imbuídos de fé viva e de esperança inabalável, seja o missionário um homem de oração” (AG, n. 25). Assim sendo, cabe recordar, que o testemunho de vida é fator fundamental na vida cristã.

No início do milênio João Paulo II afirmava “há a necessidade de um cristianismo que se destaque principalmente pela arte da oração” (NMI, n. 32). O testemunho fala por si e não precisa de argumentos para se tornar convincente. “O verdadeiro discípulo de Cristo se distingue tanto pelo amor a Deus como pelo amor ao próximo” (LG, n. 42). Quando o discípulo missionário testemunha por sua vida o amor às pessoas e a palavra de Jesus Cristo esse já está evangelizando o meio em que se encontra. Pois, “a vida espiritual cristã é a vida no Espírito de Jesus, que se traduz, concretamente, pelo seu seguimento” (CATÃO, 2009, p. 37). Por isso, a prática da oração faz toda a diferença para quem a cultiva no dia a dia.

A oração entendida como auxílio no processo da formação da espiritualidade do discípulo missionário é absolutamente indispensável. “Ela é a força suprema do homem e do cristão” (SALVADOR, 1996, p. 281). Não se pode conceber a vida discipular missionária sem um processo de crescimento na prática da oração que seja adequado e contínuo. “A alma da espiritualidade cristã reside na oração” (FLORISTÁN, 2009, p. 186). A vida de oração considerada como necessária torna-se caminho de perseverança, compromisso, fidelidade e alegria no processo do seguimento do discípulo missionário. A oração é a alavanca que sustenta a vida do discípulo na missão confiada pelo Mestre.

Na vida do discípulo missionário é indispensável reservar momentos de silêncio no dia que conduzam à intimidade com Deus. “O que importa mesmo não é ter um método de oração, mas uma atitude de oração” (BOFF, 2007b, p. 43). Pois, essa causa mais efeito no ser da pessoa do que alguém que a pratique apenas como um exercício para cumprir um método.

Reservar, no dia a dia, momentos de oração é caminho para que o encontro com Deus possa se concretizar e afirmar criando laços e estrutura de relacionamento mútuo. “O amor se detém, contempla o mistério, desfruta dele em

silêncio” (DAp, n. 259). Então, a oração torna-se caminho para formar no amor e um meio que permite a contemplação do mistério. O silêncio que se produz em virtude do cultivo da oração ajuda o discípulo a despertar o afeto pelo Mestre que por primeiro amou, chamou e enviou à missão.

No quotidiano, reservar mesmo que seja um pequeno momento de silêncio durante um dia pode não ser uma tarefa fácil a ser realizada. Muitos podem ser os motivos que dificultam ao discípulo missionário realizar esse propósito. “O primeiro obstáculo a ultrapassar é o da *ocupação excessiva*. (...) De fato, a superocupação é a distração suprema. Distrai-nos da consciência de nós mesmos e da consciência do mundo real” (NOLAN, 2008, p. 139). Por isso, conseguir administrar as ocupações incluindo um tempo de oração torna-se um desafio para os dias de hoje.

Sabe-se que, na vida contemporânea, as ocupações são numerosas, ocupam a mente, não permitindo que espaços de silêncio sejam introduzidos nas ações quotidianas. De fato, “o nosso tempo não favorece o recolhimento e, às vezes, fica-se com a impressão de ter medo de se separar, por um só momento, dos instrumentos de comunicação de massa” (VD, n. 66). Estes, quando não usados harmoniosamente para o seu fim, acabam por ocupar excessivamente o tempo das pessoas.

Diante disso, é necessário despertar e criar a consciência de que a oração realizada quotidianamente protege da alienação gerada pelo ativismo que atinge nossos tempos. Ela ajuda a manter uma consciência clara e precisa diante da realidade da vida. A oração realizada sistematicamente torna-se meio de conexão com o que acontece na vida real e caminho que conduz a pessoa a perceber as necessidades que a circunda sendo uma fonte motivadora para a ação no meio em que a pessoa se encontra.

O exemplo eminente que demonstra que a vida de oração quotidiana pode ser harmonizada com as ocupações diárias é dado pelo próprio Jesus. “Durante os anos da chamada vida ‘pública’, Jesus era um homem muito ocupado. (...) No entanto, Jesus parecia sentir *uma profunda necessidade de silêncio e solidão*” (NOLAN, 2008, p. 140). Esse silêncio e solidão não caracterizam uma vida com caráter individualista ou afastada do que acontece e envolve o real da vida. Pelo contrário, o silêncio e a solidão são caminhos para alcançar um momento pessoal de interiorização.

É para esses momentos de interiorização que Jesus se retirava e se colocava em oração. “Jesus era um homem de oração por sua própria natureza, independentemente de qualquer intenção de dar exemplo ou doutrina a seus seguidores” (SALVADOR, 1996, p. 283). Ele se retirava e se colocava em oração porque, além de fazer de sua vida um ato contínuo de oração, ele também reservava momentos próprios para rezar.

São vários os textos bíblicos em que se pode ver como Jesus se dedicava e reservava tempo para a oração. Ele reservava momentos de recolhimento que o colocavam em sintonia com Deus. “A grande tradição patrística ensina-nos que os mistérios de Cristo estão ligados ao silêncio” (VD, n. 66). Silêncio que se traduz em oração que antecedeu aos fatos importantes de sua vida e missão.

Sem dúvida, nesses momentos reservados à oração Jesus buscava encontrar a confirmação para realização de suas ações e de sua missão. Do que se pode perceber, a oração era para Jesus o momento de se retirar do meio agitado em que se encontrava para interiorizar a vontade de Deus em relação à sua vida e missão. Alguns desses momentos são destacados com relevância pelos Evangelhos. Nota-se que os momentos de oração acompanharam a vida pública de Jesus.

Ele ora nos momentos cruciais da implantação do Reino; no batismo (Lc 3,21-22), no Tabor (Lc 9,28-35), na eleição dos Apóstolos (Lc 6,12-13), pela fidelidade de Pedro (Lc 22,32), a ‘oração sacerdotal’ (Jo 17), no Jardim (Lc 22,42), na cruz. Portanto, a oração de Jesus brota do mais íntimo de seu ser e do caráter mais profundo e interessante de sua vida e de suas atividades (SALVADOR, 1996, p. 284).

Concebida por esse ângulo, a espiritualidade no seguimento de Jesus, necessariamente inclui um momento reservado à oração. “Se desejamos seguir Jesus, temos de segui-lo primeiro até o deserto. Não há outra forma de você e eu, hoje, podermos entrar no espírito do caminho de Jesus a não ser criando um certo espaço na nossa vida que dê lugar ao silêncio e à solidão” (NOLAN, 2008, p. 141). Criar espaço para o silêncio e a solidão pode parecer uma ideia desconcertante numa sociedade que vive a era das maiores possibilidades em comunicação. Mas, o convite ao discipulado missionário demonstra ser indispensável a passagem por

esse processo de silêncio, interiorização e discernimento para então decidir-se pela adesão à pessoa e ao projeto de Jesus Cristo.

Ser discípulo seguidor de Jesus envolve cultivar uma vida de interiorização que é sustento para a vida e para a atividade missionária, pois a mesma deve ser o reflexo da imagem do próprio Jesus. “Ser imagem de Cristo é aspecto essencial do homem espiritual” (SALVADOR, 1996, p. 166). A oração na intimidade que Jesus realizava o colocava em contato com o Pai e ele refletia a imagem do Pai. Da oração com o Pai, Jesus partia para a continuidade de sua vida e de sua missão. O próprio Jesus demonstra que não agia somente por si. A força que dele emanava também era fruto de sua relação com o Pai realizada através dos momentos de oração.

A ligação existente entre o Pai e Jesus demonstra a profunda importância e necessidade de o discípulo missionário imitar tal exemplo em seu itinerário discipular. Pois “a oração diária é sinal do primado da graça no caminho do discípulo missionário” (DAp, n. 255). A graça de Deus é quem mantém a vida, a vocação, a missão, o sentido da adesão a prática da espiritualidade de todo discípulo. Sem a graça de Deus concedida, sem que Deus se torne a fonte, a inspiração, a força e o tudo na vida, na oração e na missão discipular, o discípulo pode encontrar dificuldades na perseverança e cumprimento de sua missão.

Por isso, conhecer um método de oração que contribua para a harmonização da vida interior com a realização da missão discipular através de um itinerário diário de oração é indispensável. Muitos são os métodos de oração ofertados como caminho para alcançar os mais altos graus de recolhimento, interiorização para então realizar o encontro com Deus e deste, sentir-se seguro para o exercício da vida discipular missionária.

Importante é recordar que “a oração, do ponto de vista teológico, é, antes de tudo, um dom: somos filhos! Deus nos falou e nos deu um poder de escutá-lo e de responder-lhe como a um Pai (Jo 1,12)” (SALVADOR, 1996, p. 291). Logo, é necessário despertar a consciência de que a oração é este meio que torna possível concretizar esse encontro entre Deus e a pessoa, mas que acima de tudo, Deus é o primeiro a protagonizar com a graça a realização desse encontro. “Qualquer que seja o método concreto que utilizemos para fixarmos a mente e o coração no Reino, ele só será importante na medida em que nos aproximar de Deus” (NOUWEN, 1996, p. 98). Assim, o importante é conhecer, escolher e colocar em prática um método de oração que contribua na formação da espiritualidade discipular.

Dentre as várias formas e métodos de oração, percebe-se que todos convergem para um ponto comum: é a busca por transcendência, por algo superior, o desejo pelo encontro com Deus. Sendo assim, mesmo que da parte da pessoa, haja a busca, o esforço, o empenho pelo bom êxito no exercitar-se na oração, antes de tudo, é a graça de Deus que age proporcionando a experiência desejada. “O dom de Deus é a raiz de toda a oração cristã. Curta ou longa, vistosa ou humilde” (SALVADOR, 1996, p. 329). Por isso, dispor-se na vida de oração requer primeiramente reconhecer a Deus como o propiciador dessa graça.

O discípulo que realiza a experiência com a Trindade, que procura crescer no conhecimento e no amor à Palavra de Deus pela oração é uma pessoa que cultiva sua espiritualidade. Além de estar respondendo ao apelo feito no Documento *Novo Millennio Ineunte*: “nós que temos a graça de acreditar em Cristo, revelador do Pai e salvador do mundo, temos obrigação de mostrar a profundidade a que pode levar o relacionamento com ele. (...) As nossas comunidades, amados irmãos e irmãs, devem tornar-se *autênticas* ‘escolas’ de oração” (NMI, n. 33). E a vida de oração é esse caminho que conduz o discípulo missionário a testemunhar com a vida o relacionamento que o mesmo tem com a pessoa de Jesus.

Nesse mesmo sentido também o Documento de Aparecida fez o convite para não só assegurar o momento pessoal de oração, mas também comunitário. “É imperioso assegurar calorosos espaços de oração comunitária que alimentem o fogo de um ardor incontido e tornem possível um atraente testemunho de unidade ‘para que o mundo creia’ (Jo 17,21)” (DAp, n. 362). Assim, a comunidade também testemunha para o mundo que vive entre si na íntima união com Jesus.

Dentre os momentos de oração que Igreja oferece para seus fiéis, um dos momentos oportunos para favorecer espaços fortes de oração comunitária é a celebração da Eucaristia. Certamente essa celebração é um dos principais momentos de encontro da comunidade eclesial que se reúne para orar e celebrar. Por isso, ela se torna o quarto elemento comum para a formação da espiritualidade do discípulo missionário.

4.4 PARTICIPAÇÃO NA EUCARISTIA

Participar da Eucaristia é a quarta característica comum destacada nos Documentos de Aparecida e *Novo Millennio Ineunte*. Participar dela ativa e assiduamente é rememorar a entrega de Jesus Cristo, sua vida, missão e permanência sob a espécie do Pão e do Vinho, alimento para todo fiel que se faz seu discípulo. Por isso ela é o quarto elemento apontado como horizonte e pilar na formação da vida de espiritualidade do discípulo missionário.

Na Eucaristia Cristo se faz presente sob a forma de pão e vinho transformados no seu Corpo e Sangue²². Participar da Eucaristia é encontrar-se com Cristo. É participar do memorial do oferecimento do seu Corpo e Sangue (cf. Lc 14-20; Mt 26,1-16; Mc 14,1-11). Sua celebração revive o gesto de Jesus que “na Última Ceia, na noite em que foi entregue, nosso Salvador instituiu o Sacrifício Eucarístico de Seu Corpo e Sangue” (SC, n. 47). Esse gesto faz memória da presença de Cristo e que “a Eucaristia é a sua pessoa e sua vida para nós” (SÍNODO DOS BISPOS, *Instrumentum Laboris*, n. 35). Celebrar a Eucaristia permite reviver a entrega que torna o Cristo presente no mistério do Pão Eucarístico.

O Pão Eucarístico nutre e une toda a vida da Igreja e de seus fiéis. “A presença do Senhor foi querida por ele próprio para ficar junto do ser humano e oferecer-se como seu alimento, para manter-se no seio da comunidade eclesial” (SÍNODO DOS BISPOS, *Instrumentum Laboris*, n. 39). “A participação no Corpo de Cristo nos faz corpo de Cristo: o memorial eucarístico da Páscoa se dilata a toda a existência da Igreja, que celebra assim na vida e na história o memorial do Senhor” (FORTE, 1987, p. 195). Celebrar a Eucaristia é celebrar a presença permanente do Senhor no mundo.

Segundo o Documento *Novo Millennio Ineunte*, “no século XX, sobretudo depois do Concílio²³, a comunidade cristã cresceu muito no modo de celebrar os

²² “O Concílio de Trento resume a fé católica ao declarar: Por ter Cristo, nosso Redentor, dito que aquilo que oferecia sob a espécie do pão era verdadeiramente o seu Corpo, sempre se teve na Igreja esta convicção, que o santo Concílio declara novamente: pela consagração do pão e do vinho opera-se a mudança de toda a substância do pão na substância do corpo de Cristo Nosso Senhor e de toda a substância do vinho na substância de seu Sangue; esta mudança, a Igreja católica denominou-a com acerto e exatidão *transubstanciação*” (CaIC, n. 1376).

²³ Este Concílio é o Concílio Vaticano II (1963). O mesmo produziu a Constituição *Sacrosanctum Concilium* que se refere especialmente à liturgia. Numa sessão específica (n. 47 a 58) aborda questões de orientação, organização e de participação da celebração eucarística. A grande novidade que o Concílio apresentou foi a permissão da celebração em língua vernácula com a participação ativa do povo, segundo orientações prescritas. O mesmo diz: “Por isso a Igreja com diligente

sacramentos, sobretudo a eucaristia” (NMI, n. 35). Esse crescimento foi possível porque foram permitidas adaptações nas formas de celebrar da Igreja, entre essas, na forma de celebrar a Eucaristia, o que também veio a gerar nova vida nas comunidades eclesiais.

A Eucaristia é a celebração viva da vida da Igreja em comunidade. Giraudo²⁴ ao se referir à presença sacramental de Cristo na Igreja diz:

O corpo sacramental não pode faltar, pois sua presença é vital para a Igreja. Se, por hipótese, no tempo da Igreja faltasse o corpo sacramental, não restaria outra coisa ao corpo eclesial que se desagregar na dispersão, de forma que já não seria mais Igreja (GIRAUDO, 2003, p. 525).

A comunidade que se reúne para celebrar a Eucaristia anuncia que “a Igreja vive da Eucaristia. Esta verdade não exprime apenas uma experiência diária da fé, mas contém em síntese o *próprio núcleo do mistério da Igreja*” (EE, n. 1). “Em cada Eucaristia, os cristãos celebram e assumem o mistério pascal, participando nele. Portanto, os fiéis devem viver a sua fé na centralidade do mistério pascal de Cristo através da Eucaristia, de maneira que toda a sua vida seja cada vez mais eucarística” (Dap, n. 251). A Eucaristia renova a vida de cada fiel, das comunidades e por isso renova a vida de toda Igreja porque nela Cristo se faz presente. O Documento de Aparecida recorda de modo especial que a Cristo

também o encontramos de modo especial nos pobres, aflitos e enfermos (cf. Mt 25,37-40), que exigem nosso compromisso e nos dão testemunho de fé, paciência no sofrimento e constante luta para continuar vivendo. Quantas vezes os pobres e os que sofrem nos evangelizam realmente! No

solicitude zela para que os fiéis não assistam a este mistério da fé como estranhos ou espectadores mudos. Mas cuida para que bem compenetrados pelas cerimônias e pelas orações participem consciente, piedosa e ativamente da ação sagrada, sejam instruídos pela Palavra de Deus, saciados pela mesa do Corpo do Senhor e dêem graças a Deus” (SC, n. 48). “Nas missas celebradas com o povo, pode-se dar conveniente lugar à língua vernácula, principalmente nas lições e na ‘oração comum’ e, conforme os lugares, também naquelas partes que competem ao povo” (SC, n. 54).

²⁴ Para aprofundar e compreender a relação e a importância da presença da Eucaristia na vida da Igreja recomenda-se a obra de GIRAUDO, C. **Num só corpo** – Tratado mistagógico sobre a eucaristia. Tradução: Francisco Tabora. São Paulo: Loyola, 2003. Ao referir-se ao corpo sacramental de Cristo ele explica: “Pois os dois corpos de Cristo, o *‘corpo sacramental’* que os Padres chamavam de *‘corpus mysticum* [corpo místico]”, e o *‘corpo eclesial’*, que os Padres chamavam de *‘corpus Christi* [corpo de Cristo]”, são inseparáveis um do outro” (GIRAUDO, 2003, p. 524). Ambos são mistério e alicerces que compõem a vida Igreja.

reconhecimento dessa presença e proximidade e na defesa dos direitos dos excluídos encontra-se a fidelidade da Igreja a Jesus Cristo. O encontro com Jesus Cristo através dos pobres é uma dimensão constitutiva de nossa fé em Jesus Cristo. Da contemplação do rosto sofrido de Cristo neles e do encontro com Ele nos aflitos e marginalizados, cuja imensa dignidade Ele mesmo revela, surge nossa opção por eles. A mesma união a Jesus Cristo é a que nos faz amigos dos pobres e solidários com seu destino (DAp, n. 257).

No amor à pessoa de Jesus Cristo e na sua presença eucarística, que une em comunidade e impele ao encontro do próximo em suas necessidades, a vida discipular encontra o sentido de ser missionária. Participando da celebração da Eucaristia nos tornamos pessoas eucarísticas e conseqüentemente missionárias.

4.4.1 Eucaristia na vida pessoal e comunitária

Em cada “Eucaristia, os cristãos celebram e assumem o mistério pascal, participando nEle. Portanto, os fiéis devem viver a fé na centralidade do mistério pascal de Cristo através da Eucaristia, de maneira que toda a sua vida seja cada vez mais eucarística” (DAp, n. 251). Participar da Eucaristia é participar de um processo de transformação de vida que leva a conformação com a própria Eucaristia. Conformer-se com a Eucaristia é conformar-se com o próprio Cristo.

Para o Documento de Aparecida a transformação de vida que acontece pela participação na Eucaristia está ligada com as dimensões da vocação cristã. “Existe estreito vínculo entre as três dimensões da vocação cristã: crer, celebrar e viver o mistério de Jesus Cristo, de tal modo que a existência cristã adquira verdadeiramente forma eucarística” (DAp, n. 251). Pela fé, celebração e vivência do mistério de Jesus Cristo a pessoa adquire a forma cristã eucarística de viver. Essas três dimensões se tornam caminho no processo de transformação de vida, pois conscientizam a pessoa de que ela crê, celebra e vive o mistério de Jesus porque Ele vive e se faz presente na vida de cada pessoa quando essa participa da Eucaristia.

A transformação de vida que a participação na celebração eucarística proporciona não é um acontecimento apenas em nível pessoal. Participar da celebração eucarística é um acontecimento que transforma a vida das pessoas em nível de comunidade.

Ao congregar semanalmente os cristãos como família de Deus à volta da mesa da Palavra e do Pão da vida, a eucaristia dominical é também o antídoto mais natural contra o isolamento; é o lugar privilegiado, onde a comunhão é constantemente anunciada e fomentada (NMI, n. 36).

A celebração eucarística une as pessoas pelo mesmo motivo que é o desejo de formar uma única família em Deus. Ainda mais, enfatizando as palavras do Documento citado quando diz que a Eucaristia é “antídoto natural contra o isolamento” há de se recordar que participar da celebração da Eucaristia é criar espaço especial de comunhão. Por isso, participar da Eucaristia é viver em comunhão com a vida de comunidade. “A Eucaristia é o coração da comunhão eclesial” (SÍNODO DOS BISPOS, *Instrumentum Laboris*, n. 12). “A Eucaristia cria comunhão e educa para a comunhão” (EE, n. 40). Participar de sua celebração propicia a comunhão com a vida de comunidade.

O Documento *Novo Millennio Ineunte* insiste na importância da pessoa participar da Eucaristia comunitariamente. O Documento frisa a participação na Eucaristia dominical (cf. MNI, n. 35-36). Essa se torna central porque “é nesse contexto que se deve evidenciar a importância da comunidade que se reúne para a celebração, porque o Senhor está no meio dela [...] O domingo ajuda a ver o mundo à luz da Eucaristia” (SÍNODO DOS BISPOS, *Instrumentum Laboris*, n. 70). Participar da celebração eucarística comunitariamente é formar a vida de comunidade eucarística eclesial.

O motivo pelo qual o Documento *Novo Millennio Ineunte* justifica a importância da participação na celebração eucarística dominical, além de reunir as pessoas em comunidade, é o fato que o domingo é o dia da Ressurreição do Senhor.

Há dois mil anos que o tempo cristão é marcado pela recordação daquele ‘primeiro dia depois do sábado’ (Mc 16,2.9); Lc 24,1; Jo 20,1), quando Cristo ressuscitado trouxe aos Apóstolos o dom da paz e do Espírito (cf. Jo 20, 19-23)” (NMI, n. 35). [...] E, celebrando precisamente a sua Páscoa não só uma vez por ano mas todos os domingos, a Igreja continuará a indicar a cada geração ‘o eixo fundamental da história, ao qual fazem referência o mistério das origens e do destino final do mundo’ (NMI, n. 35).

Na celebração eucarística comunitária dominical as pessoas encontram o sentido pelo qual elas se reúnem em nome da fé. Pois, “sem fé não se pode falar em dia do Senhor, nem vivê-lo” (SÍNODO DOS BISPOS, *Instrumentum Laboris*, n. 70). Por isso, participar da Eucaristia dominicalmente na comunidade é experimentar a força que emana dessa celebração viva que é a celebração eucarística. “Para muitos, o único contato com a Igreja é a missa dominical, dependendo, portanto, a sua fé desse momento. Se o cristão faltar à missa dominical, virá gradualmente a faltar-lhe o Cristo” (SÍNODO DOS BISPOS, *Instrumentum Laboris*, n. 71). Por isso, o Documento *Novo Millennio Ineunte* pede que

a participação na eucaristia seja verdadeiramente, para cada batizado, o coração do domingo: um compromisso irrenunciável, abraçado não só para obedecer um preceito mas como necessidade para uma vida cristã verdadeiramente consciente e coerente (NMI, n. 36).

Essa prática se torna um testemunho de vida para os que vivem em comunidade, mas principalmente para os que não participam dela. Considerando outro aspecto do porque é importante participar da celebração dominical é que o domingo “o dia do Senhor é também o dia da solidariedade e da partilha com os pobres, já que a Eucaristia é vínculo de fraternidade e comunhão” (SÍNODO DOS BISPOS, *Instrumentum Laboris*, n. 70). Esse compromisso deveria comprometer ainda mais a participação na celebração da eucarística comunitária.

Participar da Eucaristia é assumir o compromisso de viver de acordo com os preceitos cristãos. É crer e compreender que participar da celebração da Eucaristia em comunidade dominicalmente é estar fazendo parte do Pão Eucarístico que é o Cristo enquanto alimenta e sustenta a vida de cada fiel e a vida da Igreja. “A Igreja vive de Jesus eucarístico, por ele é nutrida, por ele é iluminada” (EE, n. 6). E por isso, ele se oferece e deve ser buscado na Eucaristia.

A participação ativa, consciente e coerente na vida comunitária eucarística torna-se testemunho de vida e ação evangelizadora para a comunidade eclesial e extra eclesial. Sendo assim, “sem uma participação ativa na celebração eucarística dominical e nas festas de preceito, não existirá um discípulo missionário maduro”

(DAp, n. 252). O discípulo fiel à participação na celebração eucarística é consciente dessa necessidade e importância para sua vida pessoal, de ação e missão.

Quem participa conscientemente da Eucaristia se sente impulsionado a testemunhar as transformações que acontecem em sua vivência de fé. O encontro com Jesus Cristo vivo no Pão Eucarístico impulsiona a pessoa para a vida de participação, comunhão e missão em comunidade. Por isso, a participação na Eucaristia torna gradativamente a pessoa um testemunho vivo da pessoa de Jesus Cristo como discípulo missionário eucarístico e é força para a ação missionária discipular.

4.4.2 Eucaristia e a ação missionária

Participar da Eucaristia é manter uma relação próxima com Jesus Cristo. O Documento de Aparecida afirma “a Eucaristia é o lugar privilegiado do encontro do discípulo com Jesus Cristo” (DAp, n. 251). A Eucaristia é o elo de união entre Jesus e o discípulo. O discípulo que participa da Ceia Eucarística testemunha por seu modo de viver o significado que a Eucaristia tem para a sua vida.

A Eucaristia é o centro vital do universo, capaz de saciar a fome de vida e de felicidade: ‘Aquele que se alimenta de mim, viverá por mim’ (Jo 6,57). Nesse banquete feliz participamos da vida eterna e, assim, nossa existência cotidiana se converte em missa prolongada. Porém, todos os dons de Deus requerem disposição adequada para que possam produzir frutos de mudança. Especialmente, exigem de nós espírito comunitário, que abramos nossos olhos para reconhecê-lo nos mais pobres: Por isso, São João Crisóstomo exortava: ‘Querem de verdade honrar o corpo de Cristo? Não consentam que esteja nu. Não o honrem no templo com mantos de seda enquanto fora o deixam passar frio e nudez’ (DAp, n. 354).

Por isso, pela participação na Eucaristia Jesus nos coloca numa íntima relação com o próximo. Entrar no relacionamento com a pessoa de Jesus Cristo é aceitar sair de si mesmo para relacionar-se com o próximo. “Daí que uma comunidade verdadeiramente eucarística não pode fechar-se em si mesma, como se fosse auto-suficiente” (EE, n. 39). A comunidade verdadeiramente eucarística é consciente que Cristo se faz presente nas situações mais diferentes do cotidiano e compreende que nelas se encontram os sinais da presença do Cristo. Portanto,

Se essa opção está implícita na fé cristológica, os cristãos, como discípulos missionários, são chamados a contemplar, nos rostos sofredores de nossos irmãos, o rosto de Cristo que nos chama a servi-lo neles: 'os rostos sofredores são rostos sofredores de Cristo'. Eles desafiam o núcleo de trabalho da Igreja, da pastoral e de nossas atitudes cristãs. Tudo o que tenha relação com Cristo tem relação com os pobres, e tudo o que está relacionado com os pobres clama por Jesus Cristo: 'Tudo quanto vocês fizeram a um destes meus irmãos menores, o fizeram a mim' (Mt 25,40) (DAp, n. 393).

Assim, “a Eucaristia edifica a Igreja e a Igreja é o lugar onde se realiza a comunhão com Deus e com os seres humanos” (SÍNODO DOS BISPOS, *Instrumentum Laboris*, n. 12). Pois, a vida eucarística missionária se concretiza a partir da vida na comunidade eclesial, a qual também é amparo e apoio para a ação missionária discipular. A Eucaristia se torna o centro da vida discipular porque ela é “fonte inesgotável da vocação cristã é, ao mesmo tempo, fonte inextinguível do impulso missionário” (DAp, n. 251). Por isso ela é a força necessária para o discípulo exercer a ação missionária.

O Documento *Sacrosanctum Concilium* diz:

A Liturgia, pela qual, principalmente no divino Sacrifício da eucaristia, 'se exerce a obra de nossa Redenção', contribui de modo mais excelente para que os fiéis exprimam em suas vidas e aos outros manifestem o mistério de Cristo e a genuína natureza de sua verdadeira Igreja (SC, n. 20).

Participar da celebração eucarística é participar no mistério de Cristo e alimentar-se para a vida missionária. O desejo da Igreja “que a Eucaristia seja verdadeiramente fonte e ápice da sua vida e missão, isto é, da nova evangelização, que o mundo tem urgente necessidade” (SÍNODO DOS BISPOS, *Instrumentum Laboris*, n. 91) é convite constante para a vida discipular missionária.

A missão do discípulo é a mesma missão da Igreja. A missão discipular está enraizada na missão da Igreja. A ação discipular é realizada em nome da Igreja, em nome de uma comunidade eclesial. “A missão de evangelização da Igreja tem como finalidade última a de todos os seres humanos se encontrarem, já nesta terra, com

Cristo, presente no mistério eucarístico, em vista do encontro definitivo no banquete eterno” (SÍNODO DOS BISPOS, *Instrumentum Laboris*, n. 91). “Toda celebração da eucaristia possui uma vertente eclesial” (FABER, 2008, p. 165). Este é um anseio abrangente não só porque envolve a ação discipular, mas porque o objetivo é atingir a todos os seres humanos. Esse foi o desejo e o pedido do próprio Jesus (cf. Mc 16,15).

É nesse sentido da missão deixada por Jesus, expresso pela Igreja que se compreende a ação eucarística missionária em relação à vida discipular missionária. Sob essa ótica “a Eucaristia, portanto, torna-se também o ponto culminante de todo o projeto pastoral e de toda a atividade missionária, e o núcleo da evangelização e da promoção humana” (SÍNODO DOS BISPOS, *Instrumentum Laboris*, n. 91). A Eucaristia une, alimenta, fortalece e impulsiona a vida missionária.

A Eucaristia é caminho para a experiência de vida pessoal em comunidade e da comunidade eclesial parte-se para o mundo. “O corpo sacramental não nos foi dado e não é dado sobre nossos altares, principalmente para que o contemplemos e o adoremos, mas para que, comungando dele, passemos a ser, ao ritmo de nossas missas, o corpo de Cristo que é a Igreja” (GIRAUDO, 2003, p. 524). “A eucaristia gera a Igreja como comunidade (FORTE, 1987, p. 197). A comunidade aberta à ação eucarística não permanece apenas unida em si abre-se para a ação missionária evangelizadora. “Todo ato da missão brota da ação eucarística” (FORTE, 1987, p. 198). O discípulo missionário que atribui à sua vida a forma eucarística percebe como e onde pode ser um agente transformador na comunidade. Pois,

entrando na Igreja, levamos conosco tudo o que vivemos de alegrias e angústias do mundo, para vivê-las com maior intensidade naquela relação particular com Deus e com os outros que é a celebração eucarística. Saindo da Igreja, trazemos ao cotidiano do mundo todos os compromissos assumidos e reassumidos ao ritmo de nossas eucaristias. Se, entrando na Igreja, não levamos conosco nossas preocupações e as do mundo, é inútil entrarmos. Semelhantemente, se, saindo da Igreja, não trazemos conosco compromissos claros, foi inútil termos entrado, já que uma eucaristia sem a vontade de assumir compromissos éticos – sobretudo em relação ao próximo – é, para quem dela participa nula. Sem compromissos operosos, o culto se torna passatempo cômodo, um culto vazio, uma aparência de culto (GIRAUDO, 2003, p. 566).

A participação que é ativa na eucaristia traz mudanças à vida pessoal, da comunidade e à Igreja. Bento XVI no Discurso Inaugural da Conferência de Aparecida disse: “Cada grande reforma na Igreja está vinculada ao redescobrimiento da fé na Eucaristia” (DI, 4 apud DAp, n. 252). Participar da Eucaristia renova o espírito discipular. Dá novo ardor missionário. “Da Liturgia portanto, mas da Eucaristia principalmente, como de uma fonte, se deriva a graça para nós e com a maior eficácia” (SC, n. 10). A Eucaristia abre os olhos do discípulo para reconhecer onde o Cristo se faz presente (cf. Lc 24,13-35) e como esse pode ser seu discípulo.

A percepção da necessidade missionária brota da vivência eucarística que leva a assumir compromissos concretos. A Eucaristia ajuda a própria Igreja a perceber onde se faz necessária a sua presença missionária.

A assembléia dirige a Deus pedidos muito concretos, suplicando que lhe conceda dar com profusão a quantos, privados de sustento, tudo esperam de nossa generosidade. Eles são representados pelas categorias abrangentes da viúva e do órfão, do peregrino e do estrangeiro residente. São estes, e tantos outros a eles semelhantes, os pobres e os miseráveis de hoje. Nossos olhos devem ser os olhos com que Deus vê suas necessidades, nossos ouvidos com que Deus escuta seus lamentos, nossas mãos, as mãos de que Deus se serve para vir em seu socorro. Por isso em nossas eucaristias pedimos sua ajuda, para poder tornar-nos os olhos, os ouvidos e as mãos de Deus (GIRAUDO, 2003, p. 565).

A Igreja que vive intensa e ardorosamente o propósito de cumprir o mandato de Jesus permite abrir espaço para que o seu Espírito Eucarístico aja incessantemente através da vida de cada discípulo. O discípulo que se alimenta do Pão Eucarístico recebe a força de Cristo que o impele para a ação a qual propicia a constante renovação eclesial missionária. Vivendo assim, “a Igreja eucarística viverá então fielmente a sua missão se for comunidade aberta ao Espírito, capaz de ação de graças e de acolhida do dom de Deus” (FORTE, 1987, p.198). A Igreja fortalecida pela ação eucarística torna-se missionária pela ação do Espírito de Jesus que vivifica a sua Igreja para a missão.

Com a reflexão desse terceiro capítulo considera-se que o discípulo ao realizar a experiência do encontro trinitário, fortalecido com o Pão da Palavra e da Eucaristia e pela oração estará construindo com solidez um caminho de

espiritualidade em sua vida. A Trindade, a Palavra, a oração e a Eucaristia são o alicerce de sustentação da espiritualidade discipular.

A partir da realização dessa experiência o discípulo perceberá que a sua espiritualidade não pode estar desvinculada da ação conjunta da vida e da ação comunitária de sua comunidade e da Igreja. O discípulo que assim age percebe que a espiritualidade que ele vive desenvolve a disposição para o empenho comprometido na vida missionária no mundo a partir da prática exercida em sua comunidade eclesial.

Concluindo as reflexões desse capítulo se percebe que a realização da experiência com a Trindade, o conhecimento da Palavra e sua meditação diária, através do cultivo da oração e da participação na Eucaristia juntamente da comunidade eclesial são alicerces fundamentais de sustentação para a espiritualidade do discípulo missionário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa enfocou o tema da espiritualidade do discípulo missionário a partir do Documento de Aparecida. Com o auxílio de outras obras, o estudo e reflexão, levaram a algumas conclusões.

No cotidiano não é fácil viver a espiritualidade discipular a partir da pessoa e proposta de Jesus Cristo. Com efeito, a espiritualidade é afetada por diversos fatores que desafiam sua prática fiel no meio em que o discípulo se encontra. Dentre os desafios encontram-se as variadas ofertas no meio religioso que anunciam possibilidades de milagres e sucesso dos bens materiais.

Outro grande desafio é o de vencer o individualismo, o indiferentismo e o consumismo provocados pelas numerosas ofertas do mercado, que cada dia avança com a técnica e a ciência. Não que esse avanço seja negativo, mas a forma como é apresentado induz ao consumismo exagerado, causando nas pessoas insatisfação e vazio, males que ocasionam a falta de sentido da vida, levando à depressão, uma das doenças que marcam o nosso século. Para o Papa Bento XVI, isso é consequência das pessoas apegarem-se às coisas superficiais e passageiras, que nem sequer permitem criar laços entre as pessoas.

Ainda outro fator que afeta a prática da espiritualidade discipular é a globalização. Ela deveria trazer progresso entre as nações no nível social e político, porém, não é bem assim que sucede. Percebe-se que o modo como ela tem avançado deixa muitos à margem da sociedade, excluídos do bem estar social, do progresso político e econômico e dos avanços do mercado. Essa realidade também foi apresentada no início desse milênio com o Documento *Novo Millennio Ineunte*, o qual alerta quanto aos milhões de pessoas que vivem sem as condições mínimas de dignidade diante dos avanços e progressos de um grupo minoritário.

Diante de tudo isso, se reconhece a dificuldade que o discípulo encontra em viver a sua espiritualidade no meio contemporâneo. Por isso, o Documento de Aparecida, aponta a necessidade de cada pessoa encontrar-se e partir da pessoa de Jesus Cristo, pois ele é o princípio de toda a vida e espiritualidade cristã.

Aquele Documento convida a cada pessoa a fazer-se discípulo de Jesus Cristo para dele aprender o caminho que leva todos a viverem em plenitude e com dignidade. Pois, o verdadeiro sentido da vida não se encontra nas coisas passageiras, se encontra somente naquele que pode dar sentido à vida, Jesus

Cristo. Assim, o Documento de Aparecida, propõe o seguimento discipular de Jesus como caminho que resgata o sentido da vida em nossos tempos afetados pelos desafios que se apresentam no cotidiano.

Partindo desse pressuposto, de o discípulo realizar a experiência do encontro pessoal com a pessoa de Jesus Cristo e partir dele, percebeu-se a necessidade que tem o discípulo de crer na pessoa de Jesus Cristo. A fé é o fator que move a pessoa a ser discípula de Jesus. Também é ela que faz o discípulo assumir seu compromisso batismal com a comunidade eclesial e dela partir para a ação no mundo, no qual se torna testemunha viva da pessoa de Jesus Cristo. Por isso, a fé em Jesus Cristo, assumida e vivida pela opção batismal, não permite que a pessoa permaneça isolada, mas a torna participante da comunhão da vida da comunidade.

Também se constatou que a fé na pessoa de Jesus Cristo é que desperta o discípulo para a percepção das necessidades do mundo que o rodeia. O Documento de Aparecida frisa que a fé, fundamentada em Jesus Cristo, leva a pessoa ao encontro dos mais pobres e excluídos da sociedade. Pela fé não se contempla Cristo sem contemplar os pobres. Por isso, a fé na pessoa de Jesus Cristo é uma fé que conduz ao comprometimento com a transformação da sociedade para que nela haja mais fraternidade e vida digna para todos.

Enfim, viver a espiritualidade como discípulo de Jesus é assumir sua vida e seu projeto. É crescer na consciência de que ser discípulo de Jesus é assumir viver o mesmo estilo de vida dele. Isso também significa que o discípulo pode chegar a doar a própria vida em favor do próximo, se necessário for, para testemunhar o Mestre. Portanto, conclui-se que a espiritualidade não é um fator pronto que se encontra na vida da pessoa, mas é um processo que se desenvolve e amadurece no decorrer da própria vida.

Diante da percepção que a realidade afeta e desafia a prática da espiritualidade discipular e do convite do Documento de Aparecida que convida para que se tornarem discípulos missionários de Jesus Cristo, o terceiro capítulo dessa pesquisa buscou dar uma resposta a tais necessidades. A resposta apontada se alicerça sobre quatro horizontes que são pilares, os quais foram identificados a partir do Documento de Aparecida e do Documento *Novo Millennio Ineunte*.

Considerou-se que os mesmos, se forem praticados na vida do discípulo, ajudam a sustentar e a exercer na fidelidade a própria espiritualidade como discípulos missionários de Jesus Cristo. Eles são: o encontro pessoal com a

Trindade, o conhecimento da Sagrada Escritura, a oração e a participação na Eucaristia. Considerados forças motoras, eles conscientizam o discípulo da necessidade de manter um relacionamento íntimo com a pessoa de Jesus, e por isso, comprometido em responder às necessidades que clamam no cotidiano onde ele exerce sua missionariedade.

A partir da análise de cada um desses pilares, podemos explicitar as contribuições dos mesmos. Iniciando pela experiência pessoal com a Trindade, o discípulo missionário aprende dela como as três pessoas vivem e se relacionam entre si. A comunidade trinitária é o modelo perfeito de convivência em comunidade e o discípulo precisa aprender a conviver em comunhão. Nela não há divisões e tudo é feito por amor, por isso, a exemplo da comunidade trinitária, também se aprende a total doação. A comunidade trinitária é igualmente exemplo do envio à missão. Ela não é uma comunidade fechada em si, é pronta e aberta para sair ao encontro do que o outro necessita.

Quanto ao conhecimento da Sagrada Escritura, foi visto que, partindo desta, o discípulo alimenta sua espiritualidade e encontra o apoio necessário para colocar-se a serviço dos apelos da Palavra. É a Palavra que instrui e orienta o discípulo, assim como o desperta para agir diante das necessidades que se apresentam no cotidiano. A atitude da escuta favorece o discernimento do discípulo perante as ações que requerem dele prontidão e serviço.

Em seguida, surge a oração quotidiana. Esta na vida do discípulo se torna uma força aliada para que ele se fortaleça espiritualmente no exercício de sua espiritualidade e missão. A oração dispõe a mente e o coração do discípulo para se deixar plasmar pelas inspirações do Espírito que o impelem a agir no mundo. Pois, uma espiritualidade que não é aberta a ação do Espírito ou que não é sensível à sua inspiração não conseguirá sobreviver às dificuldades que se apresentam no exercício do caminho discipular e na prática fiel da espiritualidade do seguimento de Jesus. O Espírito não permite que o discípulo se feche em orações cômodas e individualistas que não o deixam perceber as necessidades que se apresentam não só ao seu redor, mas no mundo. A oração do discípulo, perpassada pela força e ação do Espírito, desinstala o discípulo e o leva a viver uma espiritualidade comprometida a partir das percepções de sua vida de oração.

Finalmente, nessa mesma ótica se apresenta a participação na Eucaristia. Esta também é alimento e força motivadora para o discípulo missionário. É ela que

nutre e une toda a vida e missão da Igreja. Participar dela é permitir que ela vá modelando a vida discipular segundo a vida do próprio Jesus. Por isso, participar da Eucaristia é permitir se transformar numa testemunha viva da pessoa de Jesus Cristo para toda a comunidade. Quem participa da Eucaristia percebe que não pode viver de modo isolado, pois ela conduz à vida de comunhão em comunidade e, fazendo-nos encontrar a Cristo, leva-nos a encontrarmos o próximo.

Com isso, a Eucaristia nos obriga a manter um relacionamento próximo com as pessoas e nos intima a perceber suas necessidades, especialmente dos mais pobres e indefesos da sociedade. Assim, a Eucaristia nos coloca em missão, impelindo-nos a agir diante das necessidades de nosso tempo que nos desafia a dar respostas concretas e eficazes. Participar da Eucaristia é conscientizar-se do chamado de viver em comunidade, exercendo a prática da caridade na construção de uma Igreja onde todos possam participar.

Desse modo, se o discípulo missionário viver a exemplo da comunidade trinitária, conhecer e escutar a Palavra de Deus, praticar a vida de oração e participar da Eucaristia, encontrará exemplos e forças necessárias para combater o individualismo, o indiferentismo, os efeitos da globalização que, por vezes, desviam do bem comum, as ofertas religiosas que muitas vezes desvirtuam da verdadeira fé cristã, enfim, de tantos outros fatores que assolam a vida das pessoas. Buscando viver de acordo com esses quatro pilares será possível ao discípulo missionário ser testemunha da pessoa de Jesus Cristo lá onde ele se encontrar, respondendo de modo consciente e comprometido aos desafios contemporâneos.

Por fim, recolhendo o resultado dessa pesquisa, constata-se que a pessoa que acolhe o discipulado em sua vida, ou seja, que se decide pelo seguimento de Jesus Cristo, precisa buscar instruir-se para crescer e amadurecer na prática da espiritualidade discipular. Verificou-se que tal instrução passa pelo nível da experiência do encontro pessoal com o Senhor. Essa experiência conduz ao conhecimento da dinâmica que envolve a vida trinitária, se fundamenta no amor e prática da Palavra de Deus, assim como na vida de oração e se nutre na participação e vivência eucarística. Tudo isso, ao tornar-se atitude de vida concreta, leva a dar respostas eficazes às necessidades do cotidiano, especialmente à dos mais vulneráveis da sociedade. Assim se caracterizam a vida e a espiritualidade discipular missionária que, em unidade com a Igreja, constrói a comunidade gerando a vida em plenitude para o mundo.

BIBLIOGRAFIA

DOCUMENTOS DO MAGISTÉRIO

ARQUIDIOCESE DE CURITIBA. **XVI Plano da Ação Evangelizadora**. 2009-2011.

BENTO XVI. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Verbum Domini***. 4 ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 3 ed. São Paulo: Vozes, 1993.

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Dogmática *Dei Verbum***. 12 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1969.

_____. **Constituição Dogmática *Gaudium et Spes***. 12 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1969.

_____. **Constituição Dogmática *Lumen Gentium***. 12 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1969.

_____. **Constituição Dogmática *Sacrosanctum Concilium***. 12 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1969.

_____. **Decreto *Ad Gentes***. 12 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1969.

_____. **Decreto *Apostolicam Actuositatem***. 12 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1969.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). **Conclusões da Conferência de Puebla**. Evangelização no presente e no futuro da América Latina. 4 ed. São Paulo: Paulinas, 1982.

_____. **Manual de Formação dos Leigos**. Petrópolis: Vozes, 1995.

_____. **Documento de Aparecida**. 2 ed. São Paulo: Paulus, 2007.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 2003, n. 71.

_____. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil**. 3 ed. São Paulo: Paulinas, 2008, n. 87.

_____. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2011, n. 94.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Nota doutrinal sobre alguns aspectos da evangelização**. São Paulo: Paulinas, 2007.

JOÃO PAULO II. **Carta Apostólica Novo Millennio Ineunte**. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2001.

_____. **Ecclesia de Eucharistia**. 13 ed. São Paulo: Paulinas, 2006.

PAULO VI. **Evangelii Nuntiandi**. Exortação Apostólica sobre a evangelização no mundo contemporâneo. 6 ed. São Paulo: Paulinas, 1978.

SÍNODO DOS BISPOS. Lineamenta. **Assembleia especial para a América**. Encontro com Jesus Cristo Vivo, caminho para a conversão, a comunhão e a solidariedade na América. São Paulo: Paulinas, 1996.

_____. **Instrumentum Laboris. A Eucaristia: fonte e ápice da vida e da missão da Igreja**. São Paulo: Paulinas, 2005.

OUTRAS REFERÊNCIAS

ASSELDONK, O Van. Espiritualidade. In: **LEXICON – Dicionário Teológico Enciclopédico**. Trad. João Paixão Netto; Alda da Anunciação Machado. São Paulo: Loyola, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida Líquida**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BELLOSO, Josep M. Rovira. Missão-Missões. In: **Dicionário Teológico – O Deus cristão**. Dirigido por Xabier Pikaza e Nereu Silanes. Tradução: I. F. L. Ferreira, Honório Dalbosco e equipe. São Paulo: Paulus, 1988, 970 p.

BETZ, Johannes. Batismo. In: **Dicionário de Teologia**. Conceitos fundamentais da teologia atual. Dirigido por H. Fries. Trad. Teólogos do Pont. Col. Pio Brasileiro de Roma. São Paulo: Loyola, 1970-1971, 5 v.

BLANK, Renold J. Seguimento. In: **Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia**. (Direção: Peter Eicher). Tradução: José Rezende Costal. São Paulo: Paulus, 1993, p. 1033.

BOFF, Clodovis. **Santíssima Trindade**. Pró manuscrito. 2005.

_____. **Mariologia Social**. O significado da Virgem para a Sociedade. São Paulo: Paulus, 2006.

_____. **Teologia da Libertação e volta ao fundamento**. Revista Eclesiástica Brasileira, v. 67, n. 268, out. 2007a, p. 1001-1022.

_____. **Meditação. Como fazer?** O método da ruminação. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2007b.

BOFF, Leonardo et al. **Experimentar Deus hoje**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1976.

BOMBONATTO, Vera Ivanise. **Seguimento de Jesus**. Uma abordagem segundo a cristologia de Jon Sobrino. São Paulo: Paulinas, 2002.

BRIGHENTI, Agenor. **A Igreja perplexa**. As novas perguntas, novas respostas. São Paulo: Paulinas, 2004.

_____. **A missão evangelizadora no contexto atual.** Realidade e desafios a partir da América Latina. São Paulo: Paulinas, 2006.

_____. **A Igreja do Futuro e o futuro da Igreja.** Perspectivas para a evangelização na aurora do terceiro milênio. 4 ed. São Paulo: Paulus, 2007.

CASALDÁLIGA, Dom Pedro. **Nossa espiritualidade.** 3 ed. São Paulo: Paulus, 2003.

CATÃO, Francisco. **Espiritualidade cristã.** São Paulo: Paulinas, 2009.

CIARDI, Fabio. Seguimento. In: **Dicionário de Mística.** (Direção: L. Borriello, E. Caruana, M. R. Del Genio, N. Suffi). Tradução: Benôni Lemos, José Maria de Almeida, Silvia D. C. Reis, Ubenai L. Fleuri. São Paulo: Paulus, 2003, 1084 p.

COMBLIN, José. **Os desafios da cidade no século XXI.** São Paulo: Paulus, 2002.

CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS URSULINAS CJA. **Trabalho anual 2011.** Tradução do polonês: Terezinha Boscheco. Curitiba, 2011.

FABER, Eva-Maria. **Doutrina católica dos sacramentos.** Tradução: Werner Fuchs. São Paulo: Loyola, 2008.

FLORISTÁN, Cassiano. Espiritualidade. In: **Novo Dicionário de Teologia.** (Direção: Juan José Tamayo). Tradução: Celso Márcio Teixeira, Antônio Efro Feltrin, Mário Gonçalves. São Paulo: Paulus, 2009, 616 p.

FORTE, Bruno. **A Trindade como história.** Ensaio sobre o Deus cristão. Tradução: Alexandre Macintyre. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 1987.

GAARDER, Jostein. **O mundo de Sofia.** Romance da história da filosofia. Tradução: João Azenha Jr. 5 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GALILEA, Segundo. **O caminho da espiritualidade.** Visão atual da renovação cristã. Tradução: Álvaro Cunha. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 1985.

GIRAUDO, Cesare. **Num só corpo**. Tratado mistagógico sobre a eucaristia. Tradução: Francisco Taborda. São Paulo: Loyola, 2003.

GUERRA, Augusto. In: SECONDIN, Bruno; GOFFI, Tullo. **Curso de espiritualidade**. Experiência, sistemática, projeções. [Tradução Bertilo Brod]. São Paulo: Paulinas, 1994.

HUMMES, Cláudio. **Discípulos e missionários de Jesus Cristo**. Ser cristão no mundo atual. 3 ed. São Paulo: Paulus, 2007.

JAEGUER, Werner. **Paidéia**. A formação do homem grego. Tradução: Artur M. Parreira; [adaptação do texto para a edição brasileira Monica Stahel; revisão do texto grego Gilson César Cardoso de Souza]. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

LECLERCQ, Jean. Spiritualità: Aspetto filologico. In: **Dizionario Degli Istituti di Perfezione**. Diretto da Guerrino Pelliccia e Giancarlo Rocca. IX volume. Roma: Edizioni Paoline, 1997, 1960 p.

MACKENZIE, John. Trindade. In: **Dicionário Bíblico**. Tradução: Álvaro Cunha... et al. 3 ed. São Paulo: Paulinas, 1983, 979 p.

MARTÍNEZ, Rafael. Esperienza. In: **Dizionario Interdisciplinare di Scienza e Fede, Cultura Scientifica, Filosofia e Teologia**. Roma: Città Nuova Editrice: 2002, 1159 p.

MONGILLO, Dalmazio. Seguimento. In: **Dicionário de Espiritualidade**. (Organizadores Stefano di Fiore, Tullo Goffi); (Tradução da edição espanhola: Augusto Guerra, Isabel Fontes Leal Ferreira). São Paulo: Paulinas, 1989, 1026 p.

MORIN, Edgard. **Educação e complexidade**. Os sete saberes e outros ensaios. Tradução: Edgard de Assis Carvalho. Organizadores. Maria da conceição de Almeida, Edgard de Assis de Carvalho. São Paulo: Cortez, 2002.

NOLAN, ALBERT. **Jesus hoje**. Uma espiritualidade de liberdade radical. Tradução: Paulinas – Lisboa. São Paulo: Paulinas, 2008.

NOUWEN, Henri Josef. **Aqui e agora**. Vida no Espírito. Tradução: Pe. Américo Casado. São Paulo: Paulinas, 1996.

ROCCA, Giancarlo. Spiritualità. In: **Dizionario Degli Istituti di Perfezione**. Diretto da Guerrino Pelliccia e Giancarlo Rocca. IX volume. Roma: Edizioni Paoline, 1997. 1960 p.

SALVADOR, Federico Ruiz. **Compêndio de teologia espiritual**. 2 ed. Tradução: Antivan G. Mendes. São Paulo: Loyola, 1996.

SANCHES, Mário Antônio. **Brincando de Deus**. Bioética e as marcas sociais da genética. São Paulo: Ave Maria, 2007.

SCHERER, Odilo Pedro. In: **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora**. São Paulo: Paulinas, 2003, n. 71.

SCHILLEBEECKX, Edward. **Jesus: a história de um vivente**. Tradução de Frederico Stein. São Paulo: Paulus, 2008.

SCHLESINGER, Dr. Hugo; PORTO, Pe. Humberto. **As religiões de ontem e hoje**. São Paulo: Paulinas, 1982.

SCHNACKENBURG, Rudolf. Batismo. In: **Dicionário de Teologia Bíblica**. Johannes B. Bauer. Tradução: Helmuth Alfredo Simon. II Vol. São Paulo: Loyola, 1973, 1173 p.

SCHULZ, Anselmo. **Discípulos do Senhor**. Tradução: Georges Ignácio Maissiat. São Paulo: Paulinas, 1969.

SECONDIN, Bruno; GOFFI, Tullo. **Curso de espiritualidade**. Experiência, sistemática, projeções. [Tradução Bertilo Brod]. São Paulo: Paulinas, 1994.

SILANES, Nereo. Missão-Missões. In: **Dicionário Teológico – O Deus cristão**. Dirigido por Xabier Pikaza e Nereu Silanes. Tradução: I. F. L. Ferreira, Honório Dalbosco e equipe. São Paulo: Paulus, 1988, 970 p.

SOBRINO, Jon. **A fé em Jesus Cristo**. Ensaio a partir das vítimas. Tradução: Ephraim F. Alves. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **Fora dos pobres não há salvação**. Pequenos ensaios utópicos-proféticos. Tradução: Jaime A. Clasen. São Paulo: Paulinas, 2008.

STRAZZACAPPA, Cristina; MONTANARI, Valdir. **Globalização**. O que é isso, afinal? São Paulo: Ed. Moderna, 2000.

SUBIRANA, Josep Castanyé; SURIÁ, Miguel Raventó; ARÉS, Vicente María Pedrosa. Batismo. In: **Dicionário de Catequética**. Dirigido por V. M. Pedrosa [et al].; (Maria Navarro, R. Lázaro, J. Sastre) Tradução: H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 2004, 1143 p.

THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. **O Jesus histórico**. 2 ed. Tradução: Milton Camargo Mota; Paulo Nogueira. São Paulo: Loyola, 2004.

VIVES, Josep. Trindade. In: **Dicionário de Conceitos Fundamentais do Cristianismo**. Dirigido por: Cassiano Floristán Samanes e Juan-José Tamayo-Acosta. Tradução: Isabel Fontes Leal Ferreira, Ivone de Jesus Barreto. São Paulo: Paulus, 1999, 917 p.